

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
NÍVEL MESTRADO**

**LEONARDO MOURA CAMPANI**

**UMA ESCOLA NO RINCÃO:  
Memórias do Ensino Rural em São Francisco de Paula/RS (1968-1998)**

**São Leopoldo**

**2021**

LEONARDO MOURA CAMPANI

**UMA ESCOLA NO RINCÃO:**

**Memórias do ensino rural em São Francisco de Paula/RS (1968-1998)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin

Coorientadora: Profa. Dra. Ariane dos Reis Duarte

São Leopoldo

2021

C186u Campani, Leonardo Moura

Uma escola no Rincão: memórias do Ensino Rural em São Francisco de Paula/RS (1968-1998) / Leonardo Moura Campani. – São Leopoldo, 2021.

157 f. : il. color ; 24 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação. São Leopoldo, 2021.

Orientadora: Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotinn

Coorientadora: Dra. Ariane dos Reis Duarte

1. Ensino Rural 2. São Francisco de Paula 3. História da Educação. I.  
Título

CDU: 371.3

37.018.51

Catálogo na publicação: Thaís Dias Medeiros – CRB 10/2596

LEONARDO MOURA CAMPANI

**UMA ESCOLA NO RINCÃO:**

**Memórias do ensino rural em São Francisco de Paula/RS (1968-1998)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Aprovado em: 30/04/2021

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. José Edimar de Souza – Universidade de Caxias do Sul

---

Profa. Dra. Isabel Aparecida Bilhão – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

---

Profa. Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Orientadora)

---

Profa. Profa. Dra. Ariane dos Reis Duarte – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Coorientadora)

## **AGRADECIMENTOS**

À banca avaliadora por ter aceitado participar da avaliação deste trabalho e pelas contribuições à pesquisa.

Às orientadoras pelo auxílio (e paciência) durante toda essa trajetória.

Aos entrevistados pelo tempo e carinho dedicado à pesquisa.

À minha esposa, Thaís, que carregou o piano comigo nos momentos mais difíceis, te amo.

Aos meus pais, irmão e outros familiares que sempre me incentivaram. Amo vocês.

Aos colegas Audrei, Rô, Di, Gabi, Carols e Marina pelos momentos de descontração e parceria nessa jornada.

A todos do grupo de pesquisa que estavam sempre dispostos a ajudar.

Aos professores da Gastão que tornaram essa trajetória possível.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## RESUMO

Este estudo busca construir uma narrativa sobre a história da educação rural no Rincão dos Kroeff, em São Francisco de Paula/RS, a partir das memórias de três docentes que lecionaram na escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Gastão Englert, dentre os anos de 1968 a 1998. Para a análise, contempla-se os conceitos de cultura escolar, memória e de lugar. A memória é compreendida como uma construção social e coletiva a partir de Halbwachs e está sujeita às seleções e às mudanças no tempo, a partir de experiências e lembranças no ato da entrevista. Já o conceito de lugar é entendido como espaço vivido e dinâmico, referência imediata, no qual as práticas e significações são tecidas no cotidiano. A partir disso, a metodologia utilizada é a Análise documental histórica e a História Oral. Nesta última as memórias são analisadas enquanto representações construídas em relação com aspectos sociais, culturais e políticos de um tempo e espaço. Identificam-se, em suas narrativas, que eles significam o espaço rural enquanto lugar de aprendizado e, apesar das adversidades apontadas em suas trajetórias, destacam o exercício da docência com valorização e proximidade com a comunidade escolar. Os professores ressaltam, em suas memórias, os saberes produzidos na vida cotidiana, fundamentando suas práticas em sala de aula em conhecimentos aprendidos na empiria e na cultura escolar. Igualmente, a partir da análise dos documentos em relação à contextualização histórica produzida, identificam-se continuidades de práticas e formas de organização do ensino rural no Rincão do Kroeff. Entre essas, destacam-se a manutenção do decorrer do tempo de escolas isoladas, multisseriadas e com docentes únicos e leigos, características que historicamente se fizeram presentes em espaços rurais de todo o país no decorrer do século XX.

**Palavras-chave:** Ensino Rural. São Francisco de Paula. História da Educação.

## **ABSTRACT**

This study deals with the history of rural education in the period from 1968 to 1998, based on the memory of three teachers who taught at the Gastão Englert Early Childhood and Elementary School, located in the rural district of Rincão dos Kroeff, in São Francisco de Paula/RS. The concepts of school culture, memory and place gain relevance for this analysis. In this study, memory is understood as a social and collective construction from Halbwachs and is subject to selections and changes in time from experiences and memories in the act of the interview. The concept of place, on the other hand, is understood as a lived and dynamic space, an immediate reference, in which practices and meanings are woven into everyday life. The methodology used was Historical Documentary Analysis and Oral History, in the latter the memories are analyzed as representations constructed in relation to social, cultural and political aspects of a time and space. It is identified in their narratives that they signify the rural space as a place of learning and, despite the adversities pointed out in their trajectories, they highlight the exercise of teaching with appreciation and proximity to the school community. Teachers highlight in their memories the knowledge produced in everyday life, basing their classroom practices on knowledge learned in empirical and school culture. Likewise, from the analysis of the documents in relation to the historical contextualization produced, continuities of practices and forms of organization of rural education in the Rincão do Kroeff are identified. Among these, we highlight the maintenance over time of isolated, multigrade schools with single and lay teachers, characteristics that were historically present in rural areas across the country during the 20th century.

**Key-words:** Rural Education. São Francisco de Paula. History of Education

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização de São Francisco de Paula.....	14
Figura 2 – Localização dos municípios dos Campos de Cima da Serra .....	23
Figura 3 – Caminho dos tropeiros.....	24
Figura 4 – Divisão Municipal em 1809 – Província São Pedro do Rio Grande do Sul .....	26
Figura 5 – Vista da vila de São Francisco de Paula de Cima da Serra (1878) .....	28
Figura 6 – Avenida Júlio de Castilhos em 1923.....	29
Figura 7 – Monumentos na Avenida Júlio de Castilhos – Centro de São Francisco de Paula/RS .....	32
Figura 8 – Limites do município de São Francisco de Paula.....	34
Figura 9 – Mapa da atual divisão territorial de São Francisco de Paula/RS.....	35
Figura 10 – João, Alda e Margarete .....	52
Figura 11 – Trajeto até o Rincão dos Kroeff.....	55
Figura 12 – Bem-vindo ao Rincão dos Kroeff .....	56
Figura 13 – Mapa dos bairros e escolas do Rincão dos Kroeff.....	58
Figura 14 – Linha Kroeff para Canela.....	60
Figura 15 – Rincão dos Kroeff, propriedade de Antônio Kroeff.....	60
Figura 16 – Família Rech trabalhando com sua trilhadeira na década de 1960.....	61
Figura 17 – Fotografia da 1ª festa do Repolho .....	63
Figura 18 – Imagem de satélite dos arredores da E.M.E.I.E.F. Gastão Englert .....	64
Figura 19 – Fotografia da primeira Festa de Santo Antonio, em 1938.....	68
Figura 20 – Fotografia da atual capela de Santo Antônio com o panfleto da festa de fevereiro, 2011.....	69
Figura 21 – Inauguração do Salão Paroquial em 1983 .....	70
Figura 22 – Lembrança da Festa de N. S. da Assunção e São Roque de 1968 .....	71
Figura 23 – Tradicional bolo de amendoim com mel da festa de agosto .....	71
Figura 24 – Celestina Pezzi Rech e seus alunos no Rincão .....	75
Figura 25 – Capela de São Roque, festa do padroeiro, em 16 de agosto de 1945... ..	78
Figura 26 – Salão comunitário, escola improvisada ao lado da capela de São Roque, 1956 .....	79
Figura 27 – Aula no pavilhão da capela de São Roque, década de 1950 .....	80
Figura 28 – Prédio da Escola Estadual Rural Álvaro Aveline.....	86



Figura 29 – Inauguração da Escola Rural Álvaro Aveline.....	87
Figura 30 – Evolução das populações rural e urbana no Rio Grande do Sul.....	89
Figura 31 – A Escola Rosa, primeiro prédio da Gastão Englert .....	91
Figura 32 – A primeira ata da Gastão Englert, em 1976. ....	93
Figura 33 – Primeira formatura da Gastão Englert, 1980. ....	96
Figura 34 – Recorte de jornal sobre a 1ª formatura da Gastão Englert.....	97
Figura 35 – Formatura de Margarete na Escola Municipal Gastão Englert, em 1984. .....	98
Figura 36 – Corpo docente da 1ª formatura, em 1980. ....	99
Figura 37 – Boletim Escolar de 1993.....	101

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Áreas dos municípios vizinhos de São Chico .....	33
Quadro 2 – Roteiro para a entrevista .....	48
Quadro 3 – Professores participantes .....	51
Quadro 4 – Escolas Municipais do Rincão dos Kroeff em 1954 .....	83

## LISTA DE SIGLAS

APCEF/RS	Associação do Pessoal da Caixa Econômica Federal do Rio Grande do Sul
ASPHE	Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BDTD/CAPES	Banco de Dados de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CTG	Centro de Tradição Gaúcha
EBRAMIC	Educação no Brasil: memória, instituições e cultura escolar
EMEIEF/Gastão Englert	Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Gastão Englert
FLONA-SFP	Floresta Nacional de São Francisco de Paula
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Iniciação Científica
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PUCRS	Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul
RBHE	Revista Brasileira de História da Educação
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
UCS	Universidade de Caxias do Sul
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNIASSELVI	Universidade Associação Educacional Leonardo da Vinci
UNISINOS	Universidade do Vale dos Sinos

## SUMÁRIO

<b>1 UMA JORNADA INESPERADA.....</b>	<b>12</b>
<b>2 OS CAMPOS DE CIMA DA SERRA E SÃO FRANCISCO DE PAULA.....</b>	<b>21</b>
<b>3 UMA MOCHILA DE FERRAMENTAS.....</b>	<b>37</b>
3.1 HISTÓRIA CULTURAL E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: DA REPRESENTAÇÃO À CULTURA ESCOLAR.....	37
3.2 HISTÓRIA ORAL: DOCUMENTOS, MEMÓRIAS E PRÁTICAS.....	42
3.3 ENTREVISTAS, ROTEIRO E SUJEITOS DA PESQUISA.....	44
<b>4 RINCÃO DOS KROEFF: UMA HISTÓRIA DE ENSINO RURAL.....</b>	<b>53</b>
4.1 BEM-VINDO AO RINCÃO .....	54
4.2 DAS AULAS EM CASA À ESCOLARIZAÇÃO DO ENSINO.....	72
4.3 UMA ESCOLA NO RINCÃO.....	88
<b>5 SER PROFESSOR NO RINCÃO: MEMÓRIAS DE ENSINO RURAL.....</b>	<b>102</b>
5.1 COMO SE CONSTITUEM PROFESSORES LEIGOS? .....	105
5.2 INDÍCIOS DE PRÁTICAS E CULTURAS ESCOLARES .....	122
<b>6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: LÁ E DE VOLTA OUTRA VEZ .....</b>	<b>142</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>146</b>
<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>154</b>
<b>APÊNDICE B – ESCOLAS DE SÃO FRANCISCO DE PAULA EM 2018 .....</b>	<b>156</b>

## 1 UMA JORNADA INESPERADA

Esta é a história de como um Bolseiro teve uma aventura, e se viu fazendo e dizendo coisas totalmente inesperadas. Ele pode ter perdido o respeito dos seus vizinhos, mas ganhou — bem, vocês vão ver se ele ganhou alguma coisa no final. (TOLKIEN, 1998, p.2)

Conforme pensava sobre alguns caminhos traçados até a escrita dessa dissertação, uma personagem da literatura cada vez me vinha à mente: Bilbo Bolseiro, do clássico livro de J. R. R. Tolkien, *O Hobbit*, escrito em 1937. Bilbo é um Hobbit e personagem principal do livro. Os Hobbits são uma raça fantástica criada pelo autor inglês que lembram em muito os humanos, só que de estatura diminuta e pés grandes. Com a metade do tamanho de um ser humano, eles são conhecidos por amarem os prazeres da vida como comida, bebida e o conforto de suas aconchegantes casas, construídas sobre a segurança das colinas. Dentre as várias raças fantasiosas do mundo de Tolkien, eles são um dos povos mais acomodados e menos propensos a saírem de seu lar em busca de tesouros e aventuras. E assim vivia Bilbo até que Gandalf, um mago, apareceu na frente de sua casa e o convidou para participar de uma jornada inesperada, uma aventura que iria mudar para a sua vida para sempre.

Assim, o sentido atribuído a este capítulo que inicio com o título de “uma jornada inesperada”<sup>1</sup> está relacionado às transformações que ocorreram tanto em mim, quanto neste texto durante o transitar deste trabalho. Mudanças relacionadas às experiências vivenciadas no decorrer do curso de mestrado, com seus encontros e aprendizados, como também a imersão no processo de pesquisa e de escrita, do qual sempre saímos diferentes em relação ao que éramos quando começamos (ZAGO, 2003).

Dessa forma, ao lançar-me nesta jornada de um projeto de mestrado, fez-se necessário reconhecer e refletir sobre as singularidades dos desafios e das inspirações que me trouxeram até aqui. Apresento, nesta seção, além das justificativas, questionamentos e objetivos de pesquisa, algumas das trajetórias que me trouxeram à História da Educação e me ligaram ao desejo de pesquisar sobre Memórias do Ensino Rural em São Francisco de Paula/RS.

---

<sup>1</sup> O título é uma analogia ao primeiro capítulo do livro de Tolkien, *O Hobbit* ou *Lá e de volta outra vez*", o qual é denominado *Uma festa inesperada*.

Trajétoria e jornada são aqui tomadas como sinônimos por remeterem a um sentido de movimento, uma transformação durante um caminhar. Inspiro-me no significado de romagem dado por Grazziotin e Almeida (2012, p. 11), compreendida enquanto uma peregrinação, "[...] uma viagem por algum caminho, por um período em um espaço e tempo. É, pois, em uma espécie de percurso, de jornada [...]". Um caminhar de pesquisa e de formação pelo qual se transita em um re/fazer-se constante a partir dos aprendizados, acontecimentos e encontros vividos.

Nesse sentido, ao relembrar o começo de minha trajetória, identifiquei-me com Bilbo receoso ao sair da segurança e o conforto de sua colina para começar uma aventura. Trajetos postos em perspectiva os quais revelam um professor-pesquisador inexperiente, ao adentrar no mundo da pesquisa em Educação acompanhado por um misto de sentimentos: curiosidade, ansiedade e inquietações.

Sentimentos ainda presentes durante as primeiras leituras, diálogos e escritas do mestrado, com os seus momentos de dúvidas e indefinições. Pois, conforme aponta Gallo (2007, p. 10), pesquisar e escrever é lançar-se "[...] à aventura de um pensamento sem redes de segurança, nem botes salva-vidas.". Uma jornada ao inesperado, a qual exigiu despir-me de algumas certezas e aceitar a incompletude inerente ao processo de pesquisa e escrita, para então, começar a esboçar algumas linhas as quais começaram a dar forma à esta dissertação.

Porém, no que tece cursar uma pós-graduação, essa jornada não era assim tão inesperada. Começou como um sonho distante durante a graduação de licenciatura em História, realizada na Universidade Luterana do Brasil – ULBRA – de 2009 a 2013. Entre inúmeros fatores que alimentaram esse desejo, destaco os estágios extracurriculares e as práticas de pesquisa em Educação, enquanto bolsista de Iniciação Científica (IC), por contribuírem para o reconhecimento da formação continuada como importante na qualificação da docência.

Aperfeiçoar-me para lecionar era um plano, que foi posto em prática com uma especialização em Estudos Culturais em Educação realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – de 2017 a 2018, período no qual pude ter contato com diversas leituras e diálogos acadêmicos e participar em eventos e publicações. Experiências as quais me qualificaram para ser aprovado, como bolsista, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, na seleção do Mestrado em Educação da Universidade do Vale dos Sinos – UNISINOS.

Logo, além dessas trajetórias narradas, fica a pergunta do por que e quais os motivos me levaram a falar sobre Memórias do Ensino Rural em São Francisco de Paula/RS. Admito, esse não era o meu plano de pesquisa para o mestrado, pois tanto durante a graduação quanto na especialização o meu foco estava em problematizar as pedagogias de artefatos culturais do tempo-presente, em específico os jogos eletrônicos, os quais marcaram minha infância e juventude, e, atualmente, são considerados um dos produtos culturais mais consumidos e lucrativos das últimas décadas. Porém, a resposta a essa pergunta e a justificativa para esse “desvio” no trajeto, levando-me “Lá e de volta outra vez” à História – com seus problemas, fundamentos e objetos de pesquisa – está em uma jornada inesperada: ser nomeado como professor de História, concursado, em São Francisco de Paula, município da região serrana do Rio Grande do Sul.

São Francisco de Paula é um dos 497 municípios do Rio Grande do Sul. Possui um clima com verões úmidos e invernos muito frios, com média anual de 15°C e experiência de neve em alguns anos, principalmente, entre os meses de julho e agosto. É o município mais chuvoso do estado, com precipitações anuais acima de 2100 mm de chuva. A uma distância de 112 quilômetros da capital, Porto Alegre, o município de São Francisco de Paula possui uma área estimada em 3.265,718 km<sup>2</sup>. Nessa grande extensão territorial, estão distribuídos cerca de 21.810 habitantes (IBGE, 2020).

Figura 1 – Localização de São Francisco de Paula



Fonte: Adaptação do autor a partir de CARDOSO, 2019.

Uma das primeiras surpresas e desafios, antes mesmo de iniciar essa pesquisa, foi assimilar, durante o transitar pelo município enquanto professor, a

longa extensão de São Chico, como é chamado carinhosamente pelos moradores e visitantes. Cabe pontuar, que essa surpresa se deve em muito à discrepância entre memórias e representações construídas acerca do município antes de começar a trabalhar e transitar por ele quase que diariamente.

Diante dessa nova situação, que ocorreu no primeiro semestre das atividades do mestrado, fez-se necessária a reflexão acerca de como essa nova condição em que me encontrava traria alterações à pesquisa, pois apesar de ter estagiado em outras instituições escolares, era a primeira vez que iria atuar como professor titular. Ainda mais em uma escola rural, no interior do interior, com especificidades que iam da paisagem, a distância da escola em relação à área urbana do município, até sua infraestrutura humana e física: com um número reduzido de salas, professores e alunos. Características comuns em instituições de pequenos municípios do país, mas por ter vivido a vida toda em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, causavam-me estranhamento e eram um desafio.

Somam-se a esse estranhamento, desafios e aprendizados, como o de conciliar tempos e espaços ao me locomover, entre as diferentes atividades e territórios, enquanto um professor e estudante de mestrado, sem carro, com aulas na Unisinos, em São Leopoldo, família e casa em Porto Alegre e o local de trabalho no interior de São Francisco de Paula. Igualmente, o desafio de aprender a lecionar, como um professor titular, ainda iniciante, as disciplinas de História e Geografia (esta que, inclusive, não possui formação) em turmas multisseriadas, com alunos de diferentes níveis de aprendizados e idades.

A instituição em questão, na qual leciono desde maio de 2019, é a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Gastão Englert (E.M.E.I.E.F. Gastão Englert). Localizada no Rincão dos Kroeff, distrito rural de São Francisco de Paula, é a última instituição escolar em funcionamento nesse lugar de difícil acesso. Característica que se deve não apenas a distância de 37 km do distrito em relação ao centro do município, mas, principalmente, pelas condições precárias da estrada até a escola.

O estranhamento mencionado anteriormente se dá em um processo de des/encaixe a partir da surpresa e do interesse ao transitar em um cotidiano do qual pouco conhecia e do qual passei a fazer parte. Mudanças que deslocavam de minhas certezas ao me lançar em outros contextos, com suas práticas e "maneiras de fazer" (CERTEAU, 2009 *apud* Moraes, 2010). Logo, como aponta Moraes (2010),



O movimento do estranhamento é o ato de estranhar no sentido de se admirar, de se espantar diante de algo que não se tem conhecimento ou costume; pode-se alcançar o “estranho” ao perceber algo ou alguém de forma diferente do que se conhece, ao assombrar-se em função do desconhecimento de certos fatores, ao se sentir incomodado diante de um fato novo ou de uma nova realidade, ao não se conformar com algo ou com a situação em que se vive; ao não se acomodar.

O ato de estranhar se relaciona a um desacomodar-se, um deslocar-se a partir das experiências e dos saberes que nos acontecem e nos tocam. (LAROSSA, 2002). Assim, experiência não conota passividade, mas implica a capacidade de aprender, significar e criar a partir da própria vivência. (TUAN, 1983).

Esses desafios árdios no início se tornaram gratificantes conforme me estabelecia e aguçavam em mim uma curiosidade, um olhar e escuta sensível sobre as lembranças desse lugar que passava a ocupar. Curiosidade alimentada por conversas com alunos e colegas de escola as quais encontravam ressonâncias em leituras e diálogos do mestrado e me colocavam a pensar sobre um novo tema de pesquisa: a história da educação rural em São Francisco de Paula.

Apesar de ser surpreendido pela distância a ser percorrida nessa peregrinação quase que diária, outros elementos se apresentavam e me instigavam, despertando em mim um interesse crescente em problematizar essas memórias do ensino rural no município, visto que conforme destacam Grazziotin e Almeida (2012, p. 21), “[...] todo o lugar, tomado geograficamente ou socialmente tem um passado”. Um passado o qual atravessava o cotidiano e chegava até mim a partir de fragmentos de lembranças evocadas no presente por professores e alunos de uma localidade.

Assim sendo, os conceitos de memória e de lugar ganham relevância para essa análise. Neste estudo, a memória é compreendida como uma construção social e coletiva (HALBSWACHS, 2006) e está sujeita às seleções e mudanças no tempo a partir das experiências e lembranças ao serem narradas (AMADO, 1995). Quanto ao conceito de lugar, pode ser entendido como espaço vivido e dinâmico, referência imediata, no qual as práticas e significações são tecidas no cotidiano (MASSEY, 2000; OAKES, 1997).

Dessa forma, as memórias foram narradas e utilizadas, neste trabalho, enquanto matéria-prima, ou seja, documentos problematizados a fim de costurar pontos de contato entre as lembranças individuais e coletivas sobre a educação nesse lugar do município. Com esse intuito, a História Oral foi utilizada como

metodologia na produção desses documentos memorialísticos, tendo em vista a sua potencialidade nos trabalhos com a memória, principalmente, no que tece às relações entre memória e história (AMADO; FERREIRA, 2006).

Por mobilizar memórias de docentes e problematizá-las, esta dissertação insere-se na perspectiva historiográfica da História Cultural. Viés histórico que me interessou ao possibilitar analisar significações e práticas construídas culturalmente e atravessadas por dimensões políticas e sociais de seus tempos e espaços, pois os sujeitos, ao recontarem suas histórias a partir de lembranças evocadas no presente, "[...] relatam – simultaneamente – os diferentes aspectos do contexto social e cultural onde estavam inseridos, bem como expressam sentimentos, emoções e ideias que possibilitam a historicização da educação num tempo determinado [...]" (GRAZZIOTIN, 2008, p. 68).

Assim, a História Oral "[...] funciona como uma ponte entre a teoria e a prática. (AMADO; FERREIRA, 2006, p. 16) e a História Cultural "[...] tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler." (CHARTIER, 1990, p. 16). Desse modo, a História Oral utilizada como metodologia, a partir do viés da História Cultural, possibilita aprofundar a compreensão sobre dimensões e significados temporais e espaciais do contexto em que se desenvolve a pesquisa. (SOUZA; GRAZZIOTIN, 2014, p. 164).

Nesse sentido, a memória, apesar de carregar marcos de descontinuidade, possibilita-nos aproximar com algumas significações do vivido, do cotidiano de algum lugar, possibilitando, também, "[...] trazer à tona nuances do passado, que podem estar, e por vezes se encontram inatingíveis em outras formas de documentação, além de dar visibilidade aos sujeitos na construção da história." (ALMEIDA, 2007, p. 39). Assim sendo, igualmente, reconheço a perspectiva política desta pesquisa, no sentido de visibilizar trajetórias desses docentes de escolas rurais, muitas das quais acabam por serem esquecidas nos registros históricos oficiais.

Assim sendo, neste estudo, o espaço rural é compreendido como complexo, tendo em vista que diante das múltiplas inter-relações e conexões da atualidade, é impossível pensar em separado ou em contraste com o urbano. (MARQUES, 2002). Dessa forma, o espaço rural é aqui percebido como plural, multifacetado e dinâmico, um território construído no jogo entre material e imaterial, funcional e simbólico.

(HAESBAERT, 2014). É nele em que ocorrem diferentes práticas sobre as quais as memórias são produzidas. E essas memórias revelam a potencialidade da escola e sua constituição como referência nos processos de pertencimento e identificação. (NÖRNBERG, 2008; SOUZA, 2011).

Enfim, no limiar dessas trajetórias entre a escola, as leituras e as discussões de pesquisa mencionadas anteriormente, alguns questionamentos se esboçaram como problemas de pesquisa. Entre eles, destaco:

- a) Quais significados são atribuídos à escola e à comunidade do Rincão dos Kroeff pelos docentes desse lugar?
- b) Quais representações sobre o ensino rural se manifestam nas memórias dos docentes que desempenharam suas atividades nessa instituição, no período de 1968 a 1998?
- c) Quais práticas podem ser identificadas neste espaço?

Diante de tais questões, o objetivo geral é construir uma narrativa sobre a história da educação rural no Rincão dos Kroeff, em São Francisco de Paula/RS, a partir das memórias de três docentes que lecionaram na escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Gastão Englert, dentre os anos de 1968 a 1998.

Os objetivos específicos são:

- a) Construir uma narrativa histórica sobre o ensino da localidade denominada Rincão dos Kroeff, interior de São Francisco de Paula/RS;
- b) Identificar e analisar as representações sobre o ensino rural presentes nas memórias sobre o Rincão dos Kroeff;
- c) Compreender, por meio da análise das práticas cotidianas, a constituição de uma cultura escolar na escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Gastão Englert, no Rincão dos Kroeff.

Identifica-se que apesar da História da Educação ter se ampliado consideravelmente enquanto área de pesquisa, nos últimos anos, ainda há muito a ser pesquisado no que diz respeito à educação rural, no Rio Grande do Sul, principalmente, a partir da década de 1960. (BASTOS; BENCCOSTA; CUNHA, 2002). Além disso, há uma carência de pesquisas acerca de instituições escolares no meio rural também identificada por Souza e Duarte (2016) em levantamento de

dados realizado no Banco de Teses da Capes e em periódicos de destaque no campo de investigação da História da Educação, como ASPHE, RBDHE e ANPED.

Essa lacuna em relação a pesquisas acerca da educação rural atinge distintas regiões do estado. Em relação à região dos Campos de Cima da Serra, onde se localiza o *lócus* desta investigação, encontra-se somente a tese de Luciane Sgarbi dos Santos Grazziotin (2008), orientadora deste estudo, com o título de *Memórias recompondo tempos e espaços da educação – Bom Jesus/RS (1913-1963)*.

Referente à educação no município de São Francisco de Paula, em levantamento realizado no primeiro semestre de 2020, encontrei as dissertações de Klein (2016), nomeada como *Alfabetização na perspectiva de gênero em São Francisco de Paula/RS: uma análise dos censos demográficos brasileiros (1920-2010)* e de Cardoso (2019), com o título de *São Francisco de Paula: o ensino de história e a identidade local*. Também no decorrer da pesquisa tive contato com a tese de Daros (2020), *Memórias do Curso Normal Regional de São Francisco de Paula-RS (1953-1962): Percursos Formativos*, trabalho que foi útil na compreensão dos cenários de ensino que se estabeleceram em São Francisco de Paula. Contudo, até então, não havia nenhum estudo acerca do ensino rural no município.

Nesse sentido, o recorte temporal estabelecido de trinta anos, de 1968 a 1998, justifica-se pelo fato de possibilitar refletir sobre des/continuidades do ensino rural no município de São Francisco de Paula e ampliar as pesquisas sobre a história da educação rural na região do nordeste gaúcho, os Campos de Cima da Serra, a partir da década de 1960. A escolha da escola se justifica por sua representatividade do ensino rural no município, pois, no distrito do Rincão dos Kroeff, a E.M.E.I.E.F Gastão Englert é a última instituição escolar em funcionamento na localidade e conta com professores e alunos transferidos de outras escolas municipais e estaduais fechadas no distrito no decorrer dos últimos 50 anos. Já a escolha do ano de 1998 se fundamenta na temporalidade dos documentos analisados sobre o ensino no distrito, em especial, no conjunto de memórias dos entrevistados.

A estrutura desta dissertação segue a partir das seguintes seções. A segunda, cujo título é *Campos de Cima da Serra e São Francisco de Paula*, destina-se a uma contextualização sobre a região e o território do município no qual a instituição escolar e as memórias analisadas se inserem. Na terceira sessão, sob o

título. *Uma mochila de ferramentas*, aborda-se o referencial teórico-metodológico, da História Cultural e História Oral. Apresento os principais conceitos utilizados na dissertação e suas relações enquanto subsídios para a análise das entrevistas semiestruturadas realizadas com três docentes da escola E.M.E.I.E.F. Gastão Englert. Na quarta sessão, *Rincão do Kroef: uma história de ensino rural*, construo uma narrativa sobre o ensino no distrito, relacionando com seus contextos sócio-históricos do início até meados do século XX. A quinta sessão, *Ser professor no rincão: memórias de ensino rural*, refere-se à análise das entrevistas, na qual problematizo o conjunto de memórias produzidas a partir da escolha de categorias de análise identificadas como marcantes nessas trajetórias docentes. Por último, a sessão *Lá e de volta outra vez* é destinada às considerações finais, na qual aponto algumas reflexões e aprendizados percebidos durante esta jornada de pesquisa.

## 2 OS CAMPOS DE CIMA DA SERRA E SÃO FRANCISCO DE PAULA

O movimento do transitar por diferentes territórios foi importante na concepção deste estudo, e com o decorrer da pesquisa, percebeu-se a necessidade de identificar espacial e historicamente o objeto de que se fala. Conforme defende José Assunção de Barros (2006), o espaço e o tempo são territórios do historiador. Com esse intuito, nesta seção, contextualizo o território de São Francisco de Paula em relação à região dos Campos de Cima da Serra da qual o município é parte e espaço no qual a instituição escolar e as memórias – objetos de análises – inserem-se.

A perspectiva aqui assumida acerca da noção espaço vai muito além da tradicional simplificação do espaço físico. O espaço é compreendido, nesta investigação, como complexo ao abarcar inúmeras simultaneidades temporais e espaciais, sejam elas percebidas, concebidas, vividas, imaginadas ou representadas. (LEFEBVRE, 2006). Dessa forma, dois conceitos foram importantes no entendimento dessa espacialidade: o conceito de *região* e de *território*.

Região é entendida como “[...] uma unidade definível no espaço que se caracteriza por relativa homogeneidade interna com relação a certos critérios.” (BARROS, 2006, p. 463). Com o devido destaque para a palavra relativa, utilizou-se o conceito para refletir metodologicamente sobre aspectos históricos de um determinado espaço, a fim de apresentar e relacionar “[...] certas práticas culturais que o singularizam, certos modos de vida e padrões de comportamento nas pessoas que o habitam.” (BARROS, 2006, p. 463).

No entanto, o conceito que mais se aproximou durante esta pesquisa da perspectiva de análise do espaço construído historicamente e cotidianamente é o de território, tendo em vista incluir as dinâmicas e as complexidades espaciais já apontadas. Por conseguinte, o território é definido por relações sociais e culturais no espaço e no tempo, nos quais se constituem determinadas culturas e práticas. Logo, os territórios são abertos, plurais e móveis no decorrer da história e das relações sociais ali construídas e representadas. (BONNEMAISON, 2002; HAESBAERT, 2014).

Tendo em vista que toda cultura se inscreve em um espaço, encarna-se para além do discurso em uma forma de territorialidade, assim, os indivíduos e grupos

sociais se investem física e culturalmente nesse espaço e constituem nele um território. Por conseguinte, os fios dessa trama de relações que constituem um território são constantes entre um movimento de mobilidade e de fixação de fronteiras, como um processo histórico no qual englobam tanto as práticas e relações internas dos grupos que ali vivem quanto às alteridades com os outros grupos e indivíduos em seus espaços. (BONNEMAISON, 2002).

Por conseguinte, essas tramas vão muito além das fronteiras físicas e políticas, essa territorialidade é a expressão “de um comportamento vivido”, devendo ser compreendida “[...] muito mais pela relação social e cultural que um grupo mantém com a trama de lugares e itinerários que constituem o seu território [...]” (BONNEMAISON, 2002, p. 99). Nesse sentido, “[...] o território é primeiramente uma determinada maneira de viver com os outros; em inúmeros casos seus limites geográficos são os das relações cotidianas.” (BONNEMAISON, 2002, p. 126).

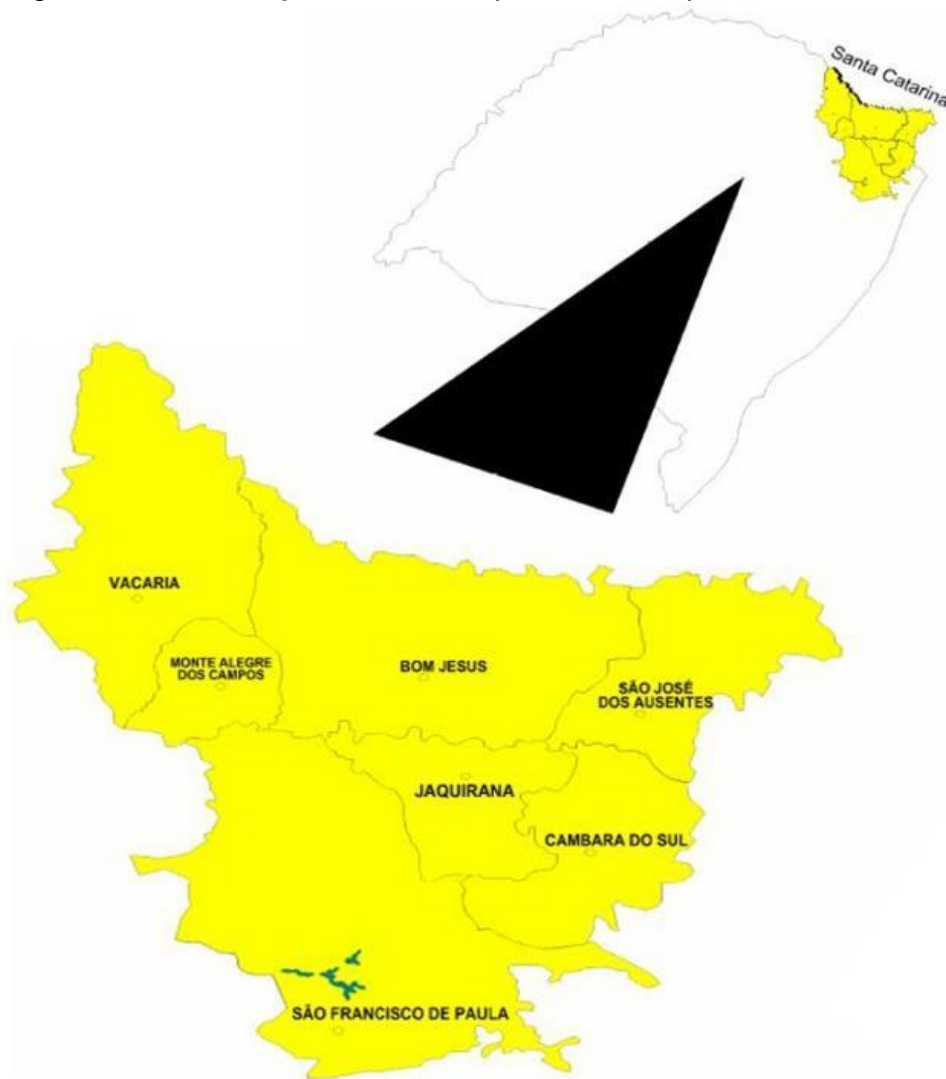
Reflexões essas percebidas sobre o território de São Francisco de Paula na dissertação de Gonçalves (2016) sobre “Pai Bitu”, nas quais as mudanças sociais e econômicas relacionadas a uma crescente monocultura de *Pinus elliottii*<sup>1</sup> trouxeram modificações espaciais na localidade onde o autor conviveu em sua infância e juventude. Da mesma forma, as narrativas de memórias apresentadas na dissertação de Cardoso (2019), possibilitaram perceber o quanto mudanças culturais se imprimem no espaço, constituindo memórias e identidades construídas a partir de outros referenciais, que se justapõem e destoam do imaginado, como relataram, de forma nostálgica, alguns dos entrevistados por essa pesquisadora.

Os Campos de Cima da Serra são uma região localizada na porção nordeste do Rio Grande do Sul que faz fronteira com o Estado de Santa Catarina. Com temperaturas baixas e frio rigoroso, é um espaço de características rurais até os dias de hoje (GRAZZIOTIN, 2008). A região é limitada, fisicamente, ao Norte pelo Rio Pelotas, ao Sul pela Serra e pelo Rio das Antas, e, a Leste pelos Aparados da Serra, conforme mostra o mapa que consta na Figura 2 (GRAZZIOTIN, 2008, KRONE, 2009).

---

<sup>1</sup> *Pinus elliottii*, ou “eliotte” como é chamado pelos locais, é uma espécie de pinheiro de rápido crescimento, principalmente a do gênero *Eucalyptus* a qual foi introduzida no sul do Brasil para fins comerciais e de reflorestamento gerando modificações nas paisagens e práticas desses espaços (GONÇALVES, 2016).

Figura 2 – Localização dos municípios dos Campos de Cima da Serra



Fonte: Grazziotin, 2008.

Parcela do estado com as maiores altitudes, alternando entre os 400 a 1400 metros em relação ao nível do mar. Sua área é composta por um bioma de transição entre o Pampa e a Mata Atlântica, formando uma paisagem natural de relevo ondulado constituída por extensas áreas cobertas com pastagens e alguns capões de mato que não raramente contêm araucárias. (KRONE, 2009).

Entre as narrativas de memorialistas e historiadores há um acordo de que os primeiros habitantes de São Francisco de Paula, em maioria, foram os índios Caáguas. Resistentes ao domínio português foram caçados, escravizados e mortos quando os bandeirantes passaram a usar os mesmos caminhos “vindos do Norte do país”. Assim, por volta de 1700, estavam quase dizimados pelas incursões e doenças trazidas. (BARROSO, 1992; SILVA, 2017).



Porém, algumas de suas práticas e costumes sobreviveram na região, como a domesticação de plantas, por meio da horticultura com cultivos sazonais e o uso do pinhão na culinária, principalmente nas épocas de frio rigoroso. (MELCHIADES, 2017). Igualmente, ainda é possível identificar marcas das passagens de povos indígenas nesse espaço, por exemplo, as que foram preservadas em sítios arqueológicos como o de Bom Jesus. Além de objetos utilizados por esses, como flechas e cerâmicas, guardadas no museu *Marsul*, da cidade de Taquara/RS. (BUFFÃO, 2011; MELCHIADES, 2017).

Nesse contexto, o processo de ocupação dos Campos de Cima da Serra, a partir da colonização portuguesa, ocorreu com o transitar dos tropeiros<sup>2</sup> que partiam da altura de Palmares do Sul, atravessavam o atual território de Santo Antônio da Patrulha e alcançavam o planalto dos Campos de Cima da Serra, indo na direção de Lages-SC, avançando para Sorocaba-SP. Conforme ilustra o trajeto que consta na Figura 3. (BARROSO, 1992; TEIXEIRA, 2002).

Figura 3 – Caminho dos tropeiros



Fonte: Teixeira, 2002.

<sup>2</sup> **Tropeiros:** homens que conduziam suas tropas e comitivas de muares ou cavalos entre as regiões. Movimento marcante na cultura e economia da época durante o século XVII e XVIII, responsável pelo avanço da colonização luso-brasileira no interior do país. (TEIXEIRA, 2002).

Já no final do século XVIII, com a expansão da mineração na zona do atual estado de Minas Gerais, as tropas voltaram ao Estado a fim de buscar mulas para essa atividade. Nesse período, o Rio Grande do Sul tornou-se um grande fornecedor de animais, com o destaque para a região dos Campos de Cima da Serra no fornecimento de gado *vacum*, mulas arreadas, porcos e seus derivados como couro, carne e queijo. (GRAZZIOTIN, 2008; KRONE, 2009).

A partir do transitar crescente dos tropeiros pela então chamada *Estrada da Serra Velha*, que atravessava a avenida Júlio de Castilhos, principal via de São Francisco de Paula, consolidou-se o processo de ocupação da região no decorrer do século XVIII. E, com a doação de algumas terras pela Coroa Portuguesa, surgiram as primeiras sesmarias, área de terra doada pela coroa de Portugal aos homens de posse, dos Campos de Cima da Serra. Entre esses donatários, os historiadores locais destacam o nome de um português estabelecido em Itu (SP), o Capitão Pedro da Silva Chaves, natural de Lisboa, como um dos primeiros a tomar posse no atual território de São Francisco de Paula.

Segundo alguns registros, o Capitão Chaves teria doado uma porção de terra e vacas para ser construída uma capela, cujo nome seria homenagem ao santo São Francisco de Paula do qual era devoto. Ao redor da capela, formou-se um povoado denominado “De Cima da Serra”, pertencente a Santo Antônio da Patrulha – um dos quatro grandes municípios, que eram em 1809, pertencentes à Capitania do Rio Grande de São Pedro (atual Rio Grande do Sul). (BARROSO, 1992; SILVA, 2017). Os outros três municípios eram Porto Alegre, Rio Grande e Rio Pardo, conforme ilustrado no mapa da figura abaixo.

Figura 4 – Divisão Municipal em 1809 – Província São Pedro do Rio Grande do Sul



Fonte: Evolução Administrativa, (2020).

Com o passar do tempo, as sesmarias foram transformadas em estâncias onde se criaram moradias precárias, de pau-a-pique e cobertura de sapé, para ocupação dos tropeiros. Com o aumento do gado trazido das vacarias e das missões, essa atividade passou a ser explorada extensivamente e a ocupação se desenvolveu utilizando tanto a mão de obra escrava quanto a livre. À época, os habitantes do território começaram a cultivar algumas lavouras de milho, mandioca, abóbora e feijão para consumo interno. (TEIXEIRA, 2002; SILVA, 2017).

Em 1835, o povoado passou à categoria de “Capela de Cima da Serra”. Contava com cerca de 1.074 habitantes, em 1846. Pouco tempo depois, em 1852, houve outra modificação para “Freguesia de Cima da Serra”, ainda pertencente a

Santo Antônio da Patrulha. Em 1858, o censo mostrou uma população de 3.214 habitantes, sendo 2.404 livres, 48 libertos e 762 escravos. (SILVA, 2017).

Embora não seja o foco desta investigação, é significativo destacar alguns dados que abordam a questão da escravidão em São Francisco de Paula. No Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, há documentos da igreja de São Francisco de Paula, que registram nascimentos tanto de negros escravos quanto libertos. Já o Anuário Estatístico da província do Rio Grande do Sul de 1888, de trinta anos após o censo, aponta 225 escravos no município. (SILVA, 2017).

No início do século XIX, em São Francisco de Paula e nos Campos de Cima da Serra, começam a chegar imigrantes de outras etnias, entre eles italianos, alemães e poloneses. Os imigrantes com suas práticas, costumes e ofícios, como o de sapateiros, marceneiros, alfaiates e carpinteiros, integraram-se às culturas e aos saberes já existentes. (GRAZZIOTIN, 2008). Foi dessa forma que se constituiu o início do território de São Francisco de Paula, cuja origem da população é diversa, permitindo que os moradores produzissem maneiras de viver com características próprias, no decorrer do tempo e nesse espaço.

O processo de ocupação se intensificou no atual espaço do Rio Grande do Sul. No decorrer do século XIX, e, na metade do século em diante, houve um aumento considerável da densidade populacional na região dos Campos de Cima da Serra por meio das sesmarias, dos núcleos açorianos e da imigração. Nesse processo dinâmico e histórico de formação desse espaço, multiplicaram-se as fazendas, os entrepostos comerciais, as estradas e surgiram vilas e municípios com a finalidade de melhor ocupá-lo. Assim, em 1889, São Francisco de Paula de Cima da Serra passa à categoria de vila e deixa de pertencer a Santo Antônio da Patrulha, passando a ser distrito do município de Taquara do Mundo Novo (hoje Taquara).

A Figura 5 nos possibilita observar os elementos de organização espacial da vila de São Francisco de Paula de Cima da Serra, com uma paisagem marcada pelo campo ao seu redor e a igreja católica acima. Conforme Daros (2020, p. 59) “[...] desde os registros iniciais do município [...] a tradição campesina e a presença da igreja católica [...] fizeram parte daqueles cotidianos [...]”. Igualmente, pontua-se na imagem que, à época, a maioria da população de São Francisco de Paula estava distribuída nas partes rurais de seu território. Assim, a necessidade de preocupação com a organização urbana, disposição de ruas e quadras, era menor ou quase inexistente. (CARDOSO, 2019).

Figura 5 – Vista da vila de São Francisco de Paula de Cima da Serra (1878)



Fonte: Acervo particular do senhor José Carlos Santos da Fonseca, 2019 *apud* Daros (2020).

O território, conforme afirma Gomes (2008, p. 52), funda-se “[...] em relações e conflitos [...] é uma composição, diversidade e unidade, heterogeneidade e homogeneidade, desigualdade e diferenças.”. Dessa forma, é histórico e composto no movimento de relações políticas, econômicas, culturais e sociais múltiplas que se atravessam em seu tempo e se inscrevem em seu espaço. Entre os inúmeros acontecimentos e processos que formaram São Chico pontuam as tentativas de sua emancipação em 1878 e 1902 do então município de Taquara do Mundo Novo. Autonomia que não se efetivou à época, segundo a historiografia por disputas políticas internas e externas e pelas dificuldades econômicas vividas de um município isolado geograficamente por serra e matas. (BARROSO, 1992; SILVA, 2017). Já no final do século XIX – melhor estabelecido economicamente e politicamente – São Francisco de Paula efetiva sua independência de Taquara em 07 de janeiro de 1903.

Com autonomia administrativa, as mudanças que vinham em trânsito no território do município de São Francisco de Paula, refletem em uma urbanização maior em sua sede, também criada na data de sua emancipação. O centro se

desenvolveu nas primeiras décadas do século XX e, nesse período, identifica-se uma maior dinamicidade no comércio e diversidade de ofícios no decorrer do século. (CARDOSO, 2019; DAROS, 2020). Segundo Lucena (1971, p. 27), o desenvolvimento da sede está relacionado às reformas realizadas nas vias de acesso ao município e “[...] à extração da erva-mate, que era abundante em nossos matos, nas zonas da serra.”

A Figura 6, a seguir, retrata a Avenida Júlio de Castilhos, no centro de São Francisco de Paula, em que podemos perceber grandes diferenças na paisagem em relação à foto anterior. Nesta imagem já é possível notar delimitações entre quadras, terrenos, calçadas, ruas e construções, mudanças que indicam uma densidade populacional urbana maior e com ela uma preocupação com a ordem e controle da mesma. Além dos cuidados na disposição e detalhes do espaço público, por exemplo, no paisagismo do canteiro central que marca até hoje a avenida principal da cidade. As casas em sua maioria de madeira na outra imagem, agora são intercaladas com construções de alvenaria.

Figura 6 – Avenida Júlio de Castilhos em 1923



Fonte: Lucena (1971).

Salta ao olhar tanto nessa imagem, quanto em outros registros iconográficos sobre o município à época de sua emancipação, a proporção da avenida principal de São Francisco de Paula, que mesmo ainda não asfaltada, desenha, na paisagem do centro do município, a presença do Estado na organização deste espaço. A composição da imagem também remete ao processo sócio-histórico de nosso país, no qual a cultura e a sociedade são atravessadas por crescentes ideais de ordem e progresso, com ritos e práticas vinculados a um regime de disciplina e de civilidade a partir do estabelecimento da Primeira República (1889).

Essas representações de “zelo à ordem, ao civismo, e à higiene pública” são também identificadas por Daros (2020) em análises de fotografias e memórias relacionadas ao cotidiano de ensino no município na metade do século passado. Logo, as memórias, relacionadas à pesquisa, “[...] além da história de uma região, referem-se ao sistema de pensamento, à mentalidade de uma época, as formas de comportamento, valores e prioridades.” (GRAZZIOTIN; KREUTZ, 2010, p. 16).

Nesse sentido, as fotos e os mapas apresentados nas figuras anteriores nos possibilitam refletir sobre o quanto a paisagem e o território são históricos, isto é, estão em constante movimento junto com a sociedade e a cultura que representam. Como defende Gonçalves (2016, p. 12), algumas paisagens “[...] são muito mais suscetíveis a mudanças que outras, mas ela é sempre dinâmica. Mesmo lá, no interior do município de São Francisco de Paula, não poderia ser diferente.”

Igualmente, a partir desse breve histórico, percebe-se que o tropeirismo e suas práticas tiveram um papel importante no desenvolvimento dos municípios serranos, constituindo fazendas, vilas, culturas e costumes. Da mesma forma, identifica-se que o manejo e comércio do gado *vacum* tiveram centralidade enquanto prática econômica e social na região, desde o século XVIII. Porém, atualmente, como vimos, a pecuária compete com outras atividades socioeconômicas. Realidade que vem mudando a paisagem de São Francisco de Paula, tanto em suas dimensões naturais quanto culturais. Nesse contexto, nas últimas décadas, constituíram-se práticas e representações outras, as quais refletem em uma complexidade crescente do espaço rural de São Francisco de Paula.

Assim, a complexidade da paisagem de São Chico não se resume apenas a colinas, campos e gados, mas nas conexões e mudanças entre elementos físicos e culturais. Nesse sentido, toda paisagem é cultural e tem um suporte material, sendo construída dentro de uma cultura e em conjuntos de práticas (econômicas, sociais e

políticas), ou seja, com os usos do espaço, mutável no decorrer do tempo. Segundo Milton Santos (2006), a paisagem é histórica, se reconstrói e se renova em uma reescrita contínua, uma sobre a outra, é um conjunto complexo de objetos com idades e heranças de diferentes momentos.

Entre essas atividades que reescrevem rapidamente esse espaço, os pesquisadores identificaram, da metade do século XX em diante, a crescente monocultura de batata, soja e milho e o monocultivo de *Pinus Elliottis*. Tais mudanças já são perceptíveis ao se transitar entre os distritos do município, uma vez que, por exemplo, nos campos naturais privilegiados próximos à sede, onde tradicionalmente se criava o gado, multiplicam-se, agora, grandes fazendas de soja e batata, “florestas” de *pinus* próximas aos córregos e fábricas de aproveitamento de madeira ao redor das vias e estradas de acesso ao município.

Contudo, não se nega a importância histórica e cotidiana “do modo de vida do homem do campo” para a formação desse território, com suas tradições construídas em torno do manejo do gado e do tropeirismo. Representações e práticas as quais se fazem presentes na memória e na cultura do município. Entre estas, destaca-se o forte tradicionalismo existente, ressaltado nos Centros de Tradição Gaúcha (CTG), com suas músicas, culinária e modos de vestir que evocam a cultura do campo. Uma tradição reforçada diariamente e visível ao se transitar na avenida principal de São Francisco de Paula onde é comum encontrar pessoas vestindo a bombacha, tomando um chimarrão ou onde é possível degustar, nos diversos restaurantes, a culinária campeira, com: churrasco, feijão mexido e carreteiro sempre presentes. (CARDOSO, 2019; TEIXEIRA, 2011).

Nesse sentido, a pecuária, enquanto atividade socioeconômica e cultural, constituiu e constitui memórias e identidades de um povo ligado ao campo, que teve no manejo com o gado uma centralidade em seus costumes até meados do século XX. Tais representações inscritas na memória desse território, conforme demonstrado na Figura 7, que traz imagens de monumentos existentes na Avenida Júlio de Castilhos, principal avenida de São Francisco de Paula.



Figura 7 – Monumentos na Avenida Júlio de Castilhos – Centro de São Francisco de Paula/RS



Fonte: Teixeira, 2011.

A primeira imagem (da esquerda para direita) traz o monumento ao *Gaúcho Carreteiro*, do artista plástico uruguaio Sérgio Centurion, produzida em 2000, destina-se a homenagear aqueles que desbravaram as difíceis vias de acesso a São Francisco de Paula e contribuíram para o desenvolvimento de suas fazendas e vilas<sup>3</sup>. A segunda obra é o monumento a *Cuia de Chimarrão*, que é um símbolo e, como tal, produz uma representação do que se entende sobre cultura gaúcha e legado indígena, nessa produção discursiva representa a hospitalidade presente na vida dos serranos. Seu artista é desconhecido, sabe-se que esse monumento foi inaugurado na década de 1950 junto ao marco comemorativo do cinquentenário do município e o monumento em homenagem aos expedicionários da Segunda Guerra Mundial. A terceira é uma escultura do *Negrinho do Pastoreio*, concebida pelo artista plástico Vasco Prado, em 1956, a escultura evoca simbolismos do folclore gaúcho. O *Negrinho do Pastoreio* é uma lenda de origem afro-cristã que está retratada na obra *Lendas do Sul* do escritor gaúcho João Simões Lopes Neto.

Assim, o território de São Francisco de Paula contém entrecruzamentos de múltiplos tempos, com suas dimensões culturais, políticas, sociais e econômicas que atravessam esses monumentos. Nesse sentido, as representações que compõem o território dinâmico que é São Chico se sobrepõem e evocam memórias sobre o passado no município.

<sup>3</sup> A dificuldade de acesso ao município é um problema vivido por seus moradores, pois São Francisco de Paula está localizada em uma serra íngreme cercada por matas. Essas características físicas de seu território fazem da manutenção de suas estradas, para escoamento da produção e desenvolvimento da região, um desafio. Segundo a bibliografia consultada, essa foi uma das causas do município, criado em 1878, encontrar dificuldades e acabar por ser anexado, em 1892, ao município de Taquara/RS, do qual se emancipou em definitivo apenas em 1903 (BARROSO, 1992; SILVA, 2017).

Em relação às divisões existentes em São Francisco de Paula, este possui sete distritos distribuídos em uma área total de 3.265,718 km<sup>2</sup>. Para exemplificar, matematicamente, o tamanho de sua extensão física é maior que a soma das áreas de cinco de seus municípios vizinhos, como podemos perceber no Quadro 1 abaixo.

Quadro 1 – Áreas dos municípios vizinhos de São Chico

<b>Município</b>	<b>Área total em km<sup>2</sup></b>
São Francisco de Paula	3.265,718
Cambará do Sul	1.208,647
Jaquirana	907,936
Monte Alegre dos Campos	549,740
Canela	254,579
Três Coroas	185,535

Fonte: Elaborado pelo autor com informações de IBGE, 2020.

No Quadro 1, destaco as dimensões atuais de São Chico em relação a alguns de seus municípios vizinhos, sendo Monte Alegre dos Campos, Jaquirana e Cambará do Sul também pertencentes à região dos Campos de Cima da Serra e os dois últimos, emancipados de São Francisco de Paula, em 1963 e em 1987, respectivamente. Destaca-se que o município de São Francisco de Paula já foi ainda maior, contudo, ao longo do tempo ocorreram anexações de algumas de suas áreas a municípios vizinhos e emancipações de alguns de seus distritos. Conforme Lucena (1971, p.10),

Foi uma das maiores Comunas do Estado, pois de seu território faziam parte: os atuais municípios de São Marcos, Cambará do Sul e Jaquirana e os distritos de Vila Oliva, Criúva, Fazenda Souza e Vila Seca hoje integrantes de Caxias do Sul. De nosso território foi também desanexada uma gleba de terra – Josafá – e anexada ao município de Torres.

Na Figura 8, abaixo, é possível visualizar as proporções territoriais do município de São Francisco de Paula.

Figura 8 – Limites do município de São Francisco de Paula



Fonte: Teixeira, 2002.

A Figura 8 traz o município de São Francisco de Paula em destaque em relação aos demais municípios com os quais estabelece limites. Mesmo com as emancipações no decorrer do tempo, sua área territorial ainda é maior perante seus municípios vizinhos, justificativa para o número de distritos que possui.

Considerando a atual divisão territorial, datada em 1995, o município passou a ter sete distritos: São Francisco de Paula (sede), Cazuza Ferreira, Eletra, Juá, Lajeado Grande, Rincão dos Kroeff e Tainhas, conforme ilustra a Figura 9.

Figura 9 – Mapa da atual divisão territorial de São Francisco de Paula/RS



Fonte: Silva, 2017.

A Figura 9 traz a distribuição dos distritos e suas localizações em relação à sede do município de São Francisco de Paula. Os distritos de Rincão dos Kroeff, Cazuzza Ferreira, Juá, Eletra, Tainhas e Lajeado Grande são considerados rurais e, ainda que todos possuam uma pequena vila, com algumas facilidades como correios, igrejas e escolas, em sua maioria, contam com pouca infraestrutura disponível se comparados à sede. (CARDOSO, 2019). Por exemplo, o distrito de Rincão dos Kroeff sequer possui uma rede de esgoto ou fornecimento de água, e seus moradores utilizam vertentes e poços artesianos para o abastecimento de suas residências e o exercício de atividades laborais.

Conforme Marques (2002, p. 108-109), “[...] a permanência de arcaísmos tem sido maior no mundo rural [...]”, e, apesar de estar sob a influência de inúmeras

complexidades na atualidade, o espaço rural é menos marcado por mediações que o urbano, com intensidade de laços e relações dependentes de como os grupos sociais atuam e como se relacionam com a terra. Nesse sentido, a autora conceitua que,

O espaço rural corresponde a um meio específico, de características mais naturais do que o urbano, que é produzido a partir de uma multiplicidade de usos nos quais a terra ou o “espaço natural” aparecem como um fator primordial, o que tem resultado muitas vezes na criação e recriação de formas sociais de forte inscrição local, ou seja, de territorialidade intensa. (MARQUES, 2002, p. 109).

Excetuando-se o centro de São Francisco de Paula, os distritos do interior, mantêm paisagens mais características de uma relação intensa com o solo, tais relações podem constituir práticas culturais específicas, referenciadas a um forte sentimento de pertencimento ao lugar e à comunidade.

Sem desconsiderar, é claro, que essas relações e significados cotidianos, também são construídos e atravessados por práticas e apropriações de um mundo capitalista, tecnológico e globalizado. O que se reflete a partir da existência de maquinário, sementes e produtos bioquímicos agrícolas de última geração, como também, na percepção cotidiana de um consumo diário, pelos meus alunos, de imagens, práticas e discursos oriundos de produtos diversos, produzidos ao redor do mundo, como desenhos, brinquedos, jogos eletrônicos, filmes e séries. Nesse sentido, reconhece-se uma heterogeneidade de tempos históricos na complexidade desse espaço rural.

Nesse capítulo busquei apresentar o espaço em que a escola Gastão Englert, objeto de análise se insere, contextualizando historicamente o município de São Francisco de Paula e região dos Campos de Cima da Serra. Assim, no próximo tópico, apresento os aspectos teóricos e metodológicos que fundamentaram as análises realizadas a partir das entrevistas com docentes dessa instituição escolar.

### 3 UMA MOCHILA DE FERRAMENTAS

Nesta seção apresento a perspectiva teórica e metodológica que orientou a construção deste trabalho e, posteriormente, a análise das narrativas de memórias sobre o ensino no distrito rural do Rincão dos Kroeff. Para isso, utilizo a analogia de “uma mochila de ferramentas”, a fim de evidenciar os elementos de escolha e de construção dos instrumentos de análise para esta jornada de pesquisa. São eles: o referencial teórico da História Cultural (BURKE, 2008; CHARTIER, 1990) e metodológico da História Oral (AMADO; FERREIRA, 2006).

Segundo Nosella e Buffa (2008, p. 24), o objeto de pesquisa é “[...] um conjunto de possibilidades que o pesquisador percebe e desenvolve [...]”, sendo assim, um processo de construção e de escolhas que se entrelaçam e caminham juntas na construção do referencial teórico e metodológico. Nesse sentido, as seleções aqui tomadas refletem relações entre opções possíveis de se buscar entender este objeto de pesquisa. Assim, faz-se importante explorar algumas dessas relações existentes entre a perspectiva historiográfica da História Cultural e o campo de investigação da História da Educação, para, então, abordar conceitos que balizarão esta pesquisa.

#### 3.1 HISTÓRIA CULTURAL E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: DA REPRESENTAÇÃO À CULTURA ESCOLAR

A realidade, em qualquer época, é complexa, com ritmos espaciais e temporais heterogêneos que se sobrepõem com suas multiplicidades de velocidades. Tempos e espaços que cabem à História, dentre as Ciências Humanas e Sociais, distinguir e articular (CHARTIER, 2017). Na perspectiva aqui adotada, a História é compreendida enquanto ciência mutável, a qual se renova com as sociedades humanas em um processo de pequenos passos que re/configuram as possibilidades de se compreender aspectos sociais e culturais no tempo e espaço. (HOBSBAWN, 2000).

Dada a ênfase neste trabalho à análise de memórias, representações e práticas do Rincão dos Kroeff, a História Cultural, em sua proximidade com a

História da Educação, tem apresentado, em pesquisas desde a década de 1990, férteis possibilidades de se compreender como se constituem as *culturas escolares* de determinados lugares no tempo e no espaço.

A História Cultural é uma perspectiva para se pensar a História que compreende a cultura “[...] como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.” (PESAVENTO, 2003, p. 15). Conforme Chartier (1990, p. 16), “[...] a História Cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” Em termos gerais, a proposta da História Cultural é decifrar a realidade do passado por meio de suas representações.

Logo, um conceito central da História cultural é o da *representação*, que segundo Sandra Pesavento (2003, p. 39) “[...] são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.” Para Roger Chartier (1990, p. 17), as representações são “[...] esquemas intelectuais [...]”, não neutros, que criam imagens, “[...] figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado.”

Nesse sentido, as narrativas de memórias dos docentes e as análises a serem produzidas sobre o ensino no Rincão dos Kroeff são representações que evocam outros tempos e espaços. Contudo, não são espelhos desse passado, tão pouco testemunhos transparentes, pois produzem estratégias e práticas sujeitas aos interesses e posições ocupadas por esses sujeitos. Mas nem por isso deixam de constituir verdades, pois ao narrar, contar e rememorar memórias estamos a articular, a construir a nossa identidade. (ERRANTE, 2000).

Como se destacou na seção de contextualização do espaço do município, as representações constituem imagens, práticas e usos sociais no presente, que são, em si, um campo de manifestação de lutas sociais e de um jogo de poder simbólico. Assim, as representações estão em constante disputa e têm tanta importância quanto “[...] as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.” (CHARTIER, 1990, p. 17).

As pesquisas que se inserem no campo de investigação aberto e interdisciplinar da História da Educação, igualmente, passaram a se valer dos métodos, das fontes e dos conceitos, como de representação e de memória, utilizados na História Cultural. (MAGALHÃES, 2004). E, dessa união, surgiu uma relação fértil que vem gerando novas possibilidades de se pensar as instituições escolares, suas práticas, sujeitos, objetos e culturas.

Conforme Nosella e Buffa (2008), os estudos com foco nas *instituições escolares* e *culturas escolares*, no Brasil, desenvolveram-se, principalmente, na década de 1990. Já os estudos históricos sobre a educação, apesar de recentes, marcam três tempos identificados pelos autores relacionados a processos históricos de expansão dos centros de pesquisa em educação, das universidades e das pós-graduações no país.

O primeiro momento, na década de 1950 e 1960, desenvolveu-se na antiga Seção de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP) em conjunto com a criação de cinco centros regionais de Pesquisa Educacionais, durante a gestão de Anísio Teixeira, no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). Processo de mudanças que se insere em um momento histórico, social e político de impulso em se pensar a sociedade e a Educação, identificado na expansão das universidades no centro do país e da elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1961.

Já o segundo momento insere-se nas décadas de 1970 e 1980, em um período de criação e expansão dos Programas de Pós-Graduação em Educação, durante o governo militar. Contexto de institucionalização da pós-graduação e de reação aos militares no qual se desenvolveu um pensamento crítico pedagógico a partir de apropriações de autores clássicos como Marx, Gramsci, Foucault, entre outros. Essas leituras trouxeram novos temas e problemas relacionados à concepção histórica marxista de viés social e econômico, e, nesse sentido, os estudos singulares das instituições escolares e de suas práticas cotidianas eram quase ausentes.

Por fim, é apenas no terceiro momento, a partir da década de 1990, com uma mudança de paradigma nas Ciências Humanas que as *instituições escolares* e *suas culturas* passaram a ganhar centralidade nas pesquisas educacionais no Brasil. Período marcado pela pluralidade teórico-metodológica, ampliação das linhas de investigação e pela renovação de objetos e temas. Assim, a partir das críticas de



que os estudos pedagógicos com suas abordagens não conseguiam abarcar a complexidade e a diversidade da educação brasileira, os pesquisadores passaram a utilizar outras perspectivas teóricas e metodológicas, entre elas a da História Cultural e da História Oral. Desse modo, junto ao desenvolvimento dos Programas de Pós-Graduação em Educação, multiplicaram-se as investigações e produções acerca de objetos singulares, das instituições escolares, das suas práticas e suas culturas em várias partes do país.

Nas últimas três décadas, os pesquisadores da História da Educação passaram a problematizar as inter-relações das práticas do cotidiano escolar com o contexto e sociedade da qual fazem parte, a fim de perceber suas mudanças e continuidades no tempo e no espaço, uma vez que a escola, compreendida enquanto instância de socialização, constitui formas de agir, de pensar e de se comportar em relações complexas com o cotidiano, sua cultura e o lugar que ocupa. (BOTO, 2003).

Conforme salienta Magalhães (2004, p. 69), “[...] as instituições educativas constituem realidades em constante transformação interna no e pelo relacionamento com a realidade envolvente.”. Nesse sentido, as instituições escolares são “[...] instâncias complexas e multifacetadas, engendram e desenvolvem culturas, representações, formas de organização, relacionamento e ação que constituem fatores de diferenciação e de identidade.” (MAGALHÃES, 2004, p. 69).

Os pesquisadores do campo de investigação interdisciplinar da História da Educação, ao perceberem o quanto as práticas escolares cotidianas, com seus ritos, usos e fazeres, produziam novas formas de ser e de agir, passaram a realizar um escrutínio de inúmeros objetos, fontes e variáveis como currículos, quadros de horário, brincadeiras, disciplinas, organização das salas, estruturas físicas, hierarquias, materiais, manuais, etc. E, dessa forma, segundo Grazziotin (2019, p. 12), “Os novos campos e objetos mobilizados nas pesquisas da área permitiram um entrelaçamento de informações que, em certa medida, possibilitou a emergência do conceito de *cultura escolar*.”.

*Cultura escolar* é um conceito polissêmico, introduzido e utilizado na década de 1990 por pesquisadores no campo do currículo e da História Cultural, a fim de problematizar as formas de ensinar e aprender desenvolvidas pela Sociedade e Escola Moderna (BOTO, 2003; GRAZZIOTIN, 2019). Seus usos e suas definições são diversos, porém, de forma geral, a *cultura escolar* integra um conjunto de

saberes, um saber fazer e uma adesão a valores, atitudes sociais e práticas as quais exigem compreender como a escola se organiza em seu contexto histórico e espacial.

Destarte, as representações e práticas as quais atravessam essas memórias dos docentes de uma escola são importantes na compreensão e constituição de uma cultura escolar no distrito do Rincão dos Kroeff. E, enquanto um objeto histórico, a cultura escolar “[...] não pode ser estudada sem o exame preciso das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas.” (JULIA, 2001, p. 10).

Nessa perspectiva histórica de análise, considera-se que essas instituições escolares e seus atores e identidades mudam no tempo, e segundo Viñao Frago (2000, p. 9), são “[...] uma combinação [...] entre muitas outras possíveis – de tradição e mudança [...]”. Por conseguinte, o conceito de *cultura escolar* é um instrumento útil a fim de se compreender as des/continuidades presentes nas narrativas de memórias dos docentes, com os ritos e estratégias de sala de aula utilizadas pelos professores e alunos, como também as mudanças nesses comportamentos, práticas e representações partilhadas.

Assim, o conceito de *cultura escolar* é uma categoria chave de análise para esta pesquisa, definido por Dominique Julia (2001, p. 10) como,

[...] um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

Nesse sentido, a *cultura escolar* integra tanto os conhecimentos acadêmicos e profissionais dos professores, com teorias, ideias, mentalidades e hábitos, quanto os conhecimentos construídos no cotidiano de uma instituição, com seus modos de fazer, objetos de suporte pedagógico, regras, discursos e regularidades, ditos e não ditos, os quais se cristalizam com o passar do tempo. (VIÑAO FRAGO, 2006).

Portanto, é a partir dessa estabilidade e continuidade de comportamentos, de ritos e tradições que se sedimentam em uma *cultura escolar* que é possível pensar as diversas formas de ser e de agir que nos captam através da escolarização e permanecem em nossas práticas, representações e memórias também no presente (BOTO, 2003; VIÑAO FRAGO, 2006).

É claro, não se nega, o elemento mutável e contínuo do processo de escolarização e aprendizagem, porém, são essas naturalizações, continuidades e sedimentações que deixam fragmentos nas lembranças, bem como possibilitam aos pesquisadores da História da Educação construir, a partir das narrativas de memórias e de outros documentos, representações, a fim de compreender como se constituíram determinadas *culturas escolares* no tempo e no espaço.

### 3.2 HISTÓRIA ORAL: DOCUMENTOS, MEMÓRIAS E PRÁTICAS

A fim de ser possível problematizar esse universo de elementos que constituem uma *cultura escolar* no Rincão dos Kroeff, a metodologia utilizada na produção do conjunto de memória de docentes da instituição escolar E.M.E.I.E.F. Gastão Englert foi a História Oral.

A História Oral tem sido utilizada, nas últimas décadas, pelo campo de investigação da História da Educação, de forma a ser possível compreender os *documentos*, orais ou escritos, como constructos históricos, selecionados e interpretados no presente em articulação com os traços e referências das realidades aos quais os produzem. (CHARTIER, 2002).

Amado e Ferreira (2006, p. viii) salientam que a História Oral, enquanto metodologia, “[...] remete a uma dimensão técnica e uma dimensão teórica”, isto é, vai além de uma prática de se gravar e conservar as entrevistas com aparatos tecnológicos e materiais que envolvem esse processo, pois a História Oral, como metodologia, auxilia o pesquisador a organizar os procedimentos de trabalho, desde a elaboração do roteiro de suas entrevistas, até as formas de transcrever esses depoimentos, com suas implicações, vantagens e desvantagens para a pesquisa. Assim, a História Oral contribui “[...] como ponte entre a teoria e a prática [...] é capaz de suscitar, jamais de solucionar, questões [...] (AMADO; FERREIRA, 2006, p. 16).

No campo da História da Educação, a História Oral é uma das formas possíveis de se promover aproximações entre a História e a memória. Na pesquisa, a memória constitui-se em documento histórico complexo construído a partir de seleções e referências do presente sobre o passado, e a História Oral, em metodologia, com o intuito de problematizar e articular a teoria com os dados produzidos. Como apresentado na seção anterior de contextualização do município,

as memórias se entrecruzam com o processo de pesquisar, interligando-se a minha própria narrativa de experiências enquanto professor no Rincão dos Kroeff.

Nesse sentido, Errante (2000) identificou o quanto durante suas investigações os “eventos de história oral” integram as seleções e construções subjetivas de suas memórias e as dos entrevistados. Dessa forma, como salienta Almeida (2007, p. 63), “[...] há que se considerar a subjetividade do documento oral, pois trabalha com a interação da narrativa, da imaginação e da subjetividade.” O que em si não desvalida a memória enquanto documento histórico, pelo contrário, a partir de sua narrativa, a memória pode aproximar e trazer à tona outros nuances do passado, aspectos do vivido e do cotidiano, os quais, muitas vezes, escapam em outros registros e em formas de documentação histórica. (ALMEIDA, 2007; PORTELLI, 1997).

Na pesquisa, a memória é, portanto, compreendida enquanto complexa e formada por fios de lembranças fragmentadas e descontínuas que se entrelaçam nas narrativas dos sujeitos, formando uma teia de subjetividades. Assim, por mais que se busque re/construir as experiências vividas no passado por esses docentes, as narrativas das memórias são produtos do presente, construídas no momento da entrevista. Nesse sentido, a memória, constituiu-se de atos de lembrar e de se esquecer, os quais são produzidos socialmente pelos indivíduos e grupos do decorrer de sua vida. (ALMEIDA, 2007).

Desse modo, “[...] o lembrar e as lembranças do passado servem de alguma maneira, às necessidades do presente [...]” (ERRANTE, 2000, p. 164). E, apesar dos riscos inerentes, a proximidade com o objeto, nesta pesquisa, a História Oral possibilitou compreender outras práticas presentes no cotidiano escolar. Isso porque as *memórias* são reveladoras de *práticas*, estas compreendidas como criadoras de usos ou de representações. (CHARTIER, 2004, p. 13).

Assim, a densidade da memória e de seu caráter social se entrelaçam às trajetórias dos indivíduos, suas identidades e às memórias compartilhadas com os grupos dos quais conviveram no tempo e no espaço. (SOUZA; GRAZZIOTIN, 2014, p. 163). Nesse sentido, reforça-se que a *memória* é entendida, aqui, enquanto coletiva e social (HALBWACHS, 2006) ao possibilitar identificar algumas especificidades de um grupo, suas referências partilhadas, suas hierarquias, seus ritos e suas normas que constituem uma *cultura escolar*.

Logo, afasta-se da perspectiva da memória totalmente individual, uma vez que não pode se desconsiderar o contexto vivido pelos sujeitos convidados a narrarem suas lembranças e as fronteiras socioculturais já estabelecidas nesses grupos e contextos dos quais eles fazem parte. Portanto, a memória é coletiva, difundida e alimentada nas relações sociais por meio da convivência, do contar e do lembrar, sendo produzida, também, pelas representações que atravessam os tempos e os espaços e propõem constituir identidades.

A partir da análise dessas narrativas de memórias, é possível identificar características comuns nas memórias de um grupo, de uma instituição escolar, ou de um lugar. Ademais, é possível também perceber sentimentos de pertencimento, formas de ser e agir que se fazem presentes nessas narrativas. (POLLAK, 1989). Portanto, assume-se, aqui, essa perspectiva de concepção de memórias enquanto *representações* com a finalidade de compreender, por meio de suas análises e de práticas cotidianas, que constituem uma *cultura escolar* no Rincão dos Kroeff.

### 3.3 ENTREVISTAS, ROTEIRO E SUJEITOS DA PESQUISA

As memórias foram produzidas por meio das entrevistas de história oral com os professores convidados. Como criação do presente sobre o passado, as memórias abarcam mudanças e seleções dos processos de lembrar pelos sujeitos e pelos grupos dos quais fizeram parte no decorrer do tempo.

Igualmente, essas lembranças de momentos vividos, com suas sensações, dão sentido à nossa identidade, às nossas experiências, tornando-as passíveis de compreensão, ao lhe conferirem significados. (AMADO, 1995). Nesse sentido, as memórias contêm, em seu aspecto, doses de criação e de fabulação, sendo uma versão, um ponto de vista dessas vivências no passado, possuem, assim, uma dimensão simbólica, a qual se relaciona ao imaginário social de um grupo no tempo e no espaço. (AMADO, 1995).

Dessa forma, o conjunto de memórias produzido por meio das entrevistas de história oral pode ser utilizado enquanto fonte de informação e deve ser tratado como representações desse passado e, de tal modo, submetido à uma análise crítica, como qualquer documento histórico. Sendo assim, é essa dimensão simbólica complexa da memória e de suas narrativas que possibilitam compreender

e relacionar os significados dados pelos indivíduos e os grupos sociais, no presente, às experiências vividas no passado. (AMADO, 1995; PORTELLI, 1997).

Destarte, as fontes orais permitem ao pesquisador, além de buscar esses sentidos dados ao passado no presente, problematizar as modificações realizadas pelos narradores durante as entrevistas. Essas modificações, segundo Portelli (1997, p. 33), “[...] revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico.” Ou seja, durante as entrevistas, os entrevistados, em suas narrativas, visam dar significado às suas vivências em um processo no qual se estabelecem relações com o passado a partir do presente. O que não as invalida enquanto fontes históricas, pelo contrário, as fontes orais possibilitam aos historiadores alcançarem aspectos cotidianos muitas vezes inatingíveis de outras formas. (AMADO, 1995; ERRANTE, 2000; PORTELLI, 1997).

As entrevistas orais estabelecem relações específicas na produção dessas *memórias*, as quais abarcam a subjetividade do entrevistador e do entrevistado. Em vista disso, é importante compreender esse processo como uma relação mútua, na qual cabe ao primeiro, o entrevistador, decidir que haverá uma entrevista e a quem irá entrevistar e, ao segundo, o entrevistado, são necessários o aceite e a participação interessada para se manter a qualidade da entrevista. (ERRANTE, 2000; PORTELLI, 1997). Nesse sentido, a entrevista é um processo e uma criação de ambos, no qual sempre se deve prezar pela ética, pelo compromisso e pela transparência a ser seguida em todos os passos da pesquisa. Logo, a metodologia da História Oral exige atitude profissional e respeito aos procedimentos, os quais devem ficar claros na pesquisa, bem como serem explicados aos sujeitos entrevistados antes mesmo da realização das entrevistas. (MEIHY; HOLANDA, 2018).

Dentre esses procedimentos, a metodologia da História Oral exige passos a serem seguidos, tais como estar inserida em um projeto de pesquisa, estar vinculada a uma instituição ou a um grupo de pesquisa, possuir um roteiro, as documentações e as autorizações necessárias, deixar claro os objetivos e os procedimentos e, aos participantes, dar retorno das entrevistas, guardar as transcrições e gravações, entre outros. No que tece as entrevistas, cabe ao pesquisador informar, no primeiro contato e sempre quando requisitado, os objetivos da pesquisa, explicitando seus fins acadêmicos e historiográficos.

Também faz parte do processo da metodologia da História Oral retornar ao texto, depois de transcrito, para o aceite total ou de partes pelos entrevistados, sendo obrigação do historiador retirar o que lhe for requisitado. É indicado também dar uma continuidade após as entrevistas sobre o andamento da pesquisa, tendo em vista constituir uma relação transparente com o entrevistado. Além do mais, essa postura pode reforçar o interesse do entrevistado em uma participação futura, principalmente quando surge a vontade de explorar outros aspectos apresentados durante a primeira entrevista.

Nesse processo, as entrevistas de História Oral exigem sensibilidade do pesquisador em sua escuta, a fim de respeitar as formas dos participantes narrarem suas histórias. Entre aspectos técnicos e práticos, deve-se levar em conta, durante a entrevista, o tempo necessário do participante para organizar os seus pensamentos e para costurar os fios de suas lembranças com o mínimo de interrupções possíveis. Assim, durante as entrevistas e, posteriormente na análise das transcrições, percebi que os entrevistados foram e voltaram em algumas questões e temas, retomando e incluindo elementos que achavam relevantes em suas histórias.

Como a dissertação desde o projeto, atravessou o contexto da pandemia mundial de Corona Vírus (COVID-19), no decorrer dos anos de 2020 e 2021, as entrevistas foram realizadas através da internet, sendo gravadas em áudio e em vídeo a partir de um aplicativo de chamada de vídeo<sup>4</sup>. Essa solução se fez necessária para a continuidade do estudo e para o desenvolvimento da dissertação, tendo repercussões metodológicas na pesquisa.

As primeiras combinações com os participantes que aceitaram o convite deram-se através de ligação por celular. Primeiramente, expliquei os objetivos da pesquisa. Devido à pandemia e ao distanciamento social, informei sobre a necessidade de realizarmos as entrevistas por meio de uma chamada de vídeo. Dos quatro professores convidados, três aceitaram participar e ficou pré-combinado que eu daria um retorno a fim de agendarmos uma data que nos fosse compatível e com tempo entre uma ou duas horas, para uma conversa aberta, sobretudo para que fosse possível, ao entrevistado, narrar suas memórias sem pressa e sem cortes desnecessários à entrevista. Uma das professoras convidadas não manteve o

---

<sup>4</sup> Os aplicativos utilizados foram *WhatsApp* e *AZ Screen Recorder*, o primeiro destinado as chamadas de vídeo e o segundo para gravação das mesmas. Ambos os aplicativos são gratuitos e estão disponíveis para baixar nas lojas virtuais dos sistemas operacionais de celular *Android* ou *Apple*.

interesse em conceder a entrevista na modalidade *online* e, em uma conversa posterior, informou que se sentiu inibida por não dominar as tecnologias utilizadas. Assim, devido ao tempo estabelecido do cronograma e ao contexto de pandemia que perdurou durante toda a pesquisa, optou-se por reduzir o número de entrevistados de quatro para três professores.

Na conversa inicial solicitei aos professores, caso possuíssem, que separassem, para o dia da entrevista, documentos imagéticos (como fotos, desenhos, etc.) ou textuais (cadernos da escola, recados, entre outros) sobre as suas práticas cotidianas no Rincão dos Kroeff, a fim de ilustrar a narrativa e auxiliar a evocar as memórias<sup>5</sup>. Os professores participantes não haviam guardado registros documentais de sua época de escola, porém todos indicaram a existência de algumas fotografias armazenadas na instituição escolar.

Devido à pandemia, questionei a professora entrevistada Margarete, com a qual possuo maior afinidade como colega na Escola Gastão Englert, da possibilidade de buscar essas imagens. Em pesquisa em loco, ela encontrou seis fotografias não identificadas, armazenadas em uma caixa na biblioteca da escola. A mesma fotografou essas imagens e me enviou através da internet. Tratam-se de registros diversos do prédio e de turmas em uma festa junina, provavelmente tirados em meados da década de 1990, pois nessas imagens a escola já se encontra em sua infraestrutura atual e aparenta ter sido recém reformada. Além de fotos do atual prédio e das turmas e professores com roupas típicas da festividade, uma das imagens guardadas registra a antiga casa rosa, já abandonada, onde se localizava a instituição escolar na década de 1960.

Também para o dia da entrevista, durante o retorno para fins de agendamento, aconselhei os entrevistados que atendessem a chamada em um local que lhes fosse confortável e silencioso, e, se possível, próximo à uma fonte de energia. A escolha do local foi importante a fim de não tornar exaustiva e desconfortável a entrevista para os participantes, como também, para evitar ruídos que pudessem comprometer a qualidade da gravação. O conselho foi seguido pelos entrevistados, que atenderam a chamada em local apropriado em suas residências, assim, não ocorreram interrupções significativas durante as entrevistas.

---

<sup>5</sup> Imagens e textos que, se houvesse a autorização dos entrevistados, anexaria à pesquisa.



Enquanto realizei as chamadas, gravei vídeo e áudio e utilizei, concomitantemente, um aparelho de celular adicional para gravar apenas o áudio da entrevista no intuito de produzir uma cópia de segurança em outro dispositivo. Não verifiquei grandes problemas técnicos durante as gravações, porém ressalto a importância da gravação adicional em áudio para o processo de transcrição das entrevistas.

A transcrição é um processo lento e cuidadoso, que exige tempo e atenção de quem transcreve, a fim de compreender o máximo de detalhes possíveis da oralidade. É necessário escutar a gravação inúmeras vezes, indo e voltando para perceber as pausas, os gestos, emoções e as entonações de voz do entrevistado. Como aponta Portelli (2016, p. 16), é um trabalho “duro e exaustivo”, mas que possibilita, ao ler e reler cada narrativa, perceber nuances não identificadas durante a entrevista. Nesse processo, a gravação por áudio do telefone celular auxiliar se mostrou muito mais ágil durante a transcrição do que a gravação por vídeo. Logo, após transcrever a gravação por áudio, repassei a gravação por vídeo algumas vezes a fim de anotar outros detalhes imperceptíveis na primeira, como postura do entrevistado, expressões faciais, movimentos, dentre outras atitudes que eles demonstraram no decorrer da entrevista e que poderiam contribuir com a análise.

Durante as entrevistas, utilizei o roteiro destacado no a seguir (quadro 2). Além de informações iniciais para a identificação do entrevistado, esse roteiro estava organizado em quatro blocos, A, B, C, e D, e foi elaborado a partir de questionamentos e objetivos de pesquisa, estabelecidos durante o projeto.

Quadro 2 – Roteiro para a entrevista

NOME: DATA DE NASCIMENTO: LOCAL: ESCOLARIDADE: ONDE ESTUDOU: POR QUANTO TEMPO LECIONOU/NA ESCOLAS QUE LECIONOU/NA: DATA DA ENTREVISTA:
A) <u>Introdução - conhecer um pouco sobre o entrevistado:</u> 1) <b>Relates um pouco de ti, de onde és, onde morou e estudou?</b> Como foi a tua infância e juventude? Quais lembranças têm dessa época de escola?
B) <u>Formação:</u> 2) <b>Poderias me falar sobre a tua formação enquanto professora?</b> Por exemplo, quando descobristes que querias lecionar? O que te inspirou? Onde estudastes? Como aprendestes e aprendes as práticas da profissão?

<p>C) <u>Trajetória docente:</u></p> <p>3) <b>Fales sobre a tua trajetória docente?</b> Quando e onde começastes a lecionar, como foram esses primeiros tempos? Como eram as turmas e escolas? Que práticas vocês faziam? Quais materiais utilizavam em sala de aula? Quais dificuldades encontravam à época?</p>
<p>D) <u>Educação no Rincão:</u></p> <p>4) <b>Como, onde e quando começastes a lecionar no bairro?</b> Poderia contar um pouco sobre o cotidiano nessas escolas?</p> <p>5) E na Gastão Englert? Quais características você destaca da escola, turmas e comunidade? Como é a relação da escola com a comunidade?</p> <p>6) <b>Como é lecionar no Rincão dos Kroeff?</b> Que mudanças tu percebes no Rincão desde que começastes a lecionar aqui? E nas tuas rotinas escolares e de teus alunos? Quais práticas você considera significativas para a escola Gastão Englert?</p>

Fonte: Dados da pesquisa.

O bloco A, além de uma introdução, tinha como objetivo conhecer mais sobre o participante, a fim de que ele evocasse inspirações e lembranças de ensino na infância e na juventude. As minhas impressões, após as análises das entrevistas, foram de que as reflexões propostas nessa parte inicial serviram ao seu propósito de instigar os entrevistados, ainda inibidos, a lembrarem, aos poucos, sobre o ensino no Rincão dos Kroeff, a partir de memórias com seus familiares e de sua época de escola.

O bloco B relacionava-se com a formação para exercício da docência e os significados atribuídos em relação à profissão docente. Na análise das entrevistas, percebi que as identidades construídas pelos entrevistados acerca da profissão também se relacionaram às memórias evocadas sobre o período de infância e juventude. Logo, os questionamentos propostos no bloco A e o B dialogaram entre si, e os entrevistados organizaram suas memórias sobre a docência tecendo relações sobre o passado vivido no meio rural de São Francisco de Paula.

Nesse ponto, cabe destaque para as memórias narradas por Alda e Margarete, pois ambas foram moradoras e estudantes do distrito rural nesse período de suas vidas, entre as décadas de 1950 e 1970, respectivamente. As professoras indicaram como inspirações em suas práticas de profissão seus familiares, que também foram professores na localidade. Dessa forma, as representações construídas sobre o passado pelas entrevistadas possibilitaram, na parte analítica desta dissertação, reflexões sobre práticas cotidianas que se sedimentam na cultura desse lugar no decorrer do tempo.

O bloco C tinha como objetivo identificar a trajetória do entrevistado enquanto professor e tinha o intuito de evocar suas memórias e suas representações sobre as

práticas cotidianas em sala de aula nas instituições que lecionou. A amplitude desse bloco oportunizou diversas reflexões. Os entrevistados contaram sobre as dificuldades para alcançarem a formação, os aprendizados vividos com alunos e comunidades escolares pelas quais passaram, bem como características de turmas e de escolas em que lecionaram desde o início da profissão. Dessa forma, refletiram sobre suas trajetórias de ensino no município.

O bloco D teve como objetivo tencionar os temas dos blocos anteriores tendo em vista tanto as representações construídas sobre o ensino no distrito rural do Rincão dos Kroeff, quanto aos significados atribuídos à sua trajetória na E.M.E.I.E.F. Gastão Englert. Nesse sentido, os participantes costuraram suas memórias, retomando e aprofundando lembranças evocadas na entrevista com foco no Rincão dos Kroeff e na instituição escolar Gastão Englert, objetos desta pesquisa.

Percebi, durante as análises tanto do Bloco C quanto do D, que os entrevistados não se aprofundaram em suas memórias sobre práticas cotidianas de sala de aula tanto quanto eu esperava, por exemplo, formas e estratégias para ensinar, materiais disponíveis e matérias lecionadas, livros e objetos utilizados, entre outros. No entanto, as dinâmicas de trabalho, família, e educação abordadas nas narrativas dos professores entrevistados possibilitaram compreender aspectos sociais, culturais e econômicos que constituem esse cotidiano e atravessam o ensino no distrito rural do município.

Cabe destacar que o roteiro foi apenas um direcionamento e não teve o intuito de limitar as narrativas dos participantes. Dessa forma, utilizei esse documento como uma referência, com informações, evocadores e apontamentos que poderiam ser utilizados no ato da entrevista. Nesse sentido, adentrei na jornada da História Oral com os ouvidos e olhos atentos ao conjunto de memórias dos entrevistados, com interesse, conforme destaca Bosi (2004, p. 37, grifos da autora), “[...] *no que foi lembrado*, no que foi escolhido para perpetuar-se na história.”. Com esse intuito, percebi, durante a pesquisa, que esse quadro foi uma ferramenta importante no auxílio do andamento das entrevistas e que as questões propostas auxiliaram a evocar memórias e representações dos entrevistados acerca do ensino e de práticas cotidianas no Rincão dos Kroeff.

Todos os sujeitos escolhidos para serem entrevistados na pesquisa foram ou continuam exercendo a docência na E.M.E.I.E.F. Gastão Englert. A escolha dos participantes ocorreu tendo em vista três fatores: a diversidade de idade e de

experiências, a indicação prévia de seus colegas devido ao reconhecimento pelo tempo de trabalho no distrito em escolas de seus diferentes bairros, e, por identificar, durante as conversas na escola, que alguns desses docentes elencados abaixo, no Quadro 3, demonstravam interesse em narrar suas histórias e possuíam experiências significativas para compartilhar sobre o ensino no Rincão dos Kroeff.

Quadro 3 – Professores participantes

Nome do (a) professor(a)	Data de nascimento	Período em que lecionou	Escolas onde trabalhou	Localidade	Observações
Margarete de Fátima Mazzurana Grassmann	25/03/1967	1987	E.M.E.F. I. Jacó Kroeff	Bairro Quebra-Cabo do distrito Rincão dos Kroeff em São Francisco de Paula/RS	Entrevista realizada no dia 13 de janeiro de 2021, 91 minutos de gravação totalizando 29 páginas de transcrição.
		1988	E.E.E.F. Álvaro Aveline*	Bairro Santa Tereza do distrito Rincão dos Kroeff em São Francisco de Paula	
		1989-91	E.M.E.I.E.F. Gastão Englert	Bairro Sede do distrito Rincão dos Kroeff em São Francisco de Paula	
		1992	Escola familiar na Boca da Serra	Serra do Umbu no distrito do Rincão dos Kroeff em São Francisco de Paula	
		1993 – em exercício	E.M.E.I.E.F. Gastão Englert	Bairro Sede do distrito Rincão dos Kroeff em São Francisco de Paula	
João Zacarias da Silva	26/06/1945	1979-89	E.M.E.I.E.F. Gastão Englert	Bairro Sede do distrito Rincão dos Kroeff em São Francisco de Paula/RS	Entrevista realizada em conjunto no dia 04 de junho de 2020, 65 minutos de gravação e 21 páginas de transcrição.
		1989-94	E.M.E.F. Presidente Castelo Branco	Bairro Santa Isabel do distrito Sede de São Francisco de Paula.	
			Colégio Estadual José de Alencar	Bairro Centro do distrito Sede em São Francisco de Paula	
Alda Müller da Silva	14/11/1948	1969-79	E.E.E.F. Monsenhor Armando Teixeira	Bairro Cipó do distrito Sede em São Francisco de Paula	
			“Escola do Lago”	Bairro São Bernardo do distrito Sede em São Francisco de Paula	
		1979-89	E.M.E.I.E.F. Gastão Englert	Bairro Sede do distrito Rincão dos Kroeff em São Francisco de Paula/RS	
		1989-1994	E.M.E.F. Presidente Castelo Branco	Bairro Santa Isabel do distrito Sede em São Francisco de Paula	
			Colégio Estadual José De Alencar	Bairro Centro do distrito Sede em São Francisco de Paula/RS	
1994-2001	Escola Municipal de	Bairro Britadeira do distrito Sede em São Francisco de			

			Ensino Fundamental Engenheiro João Magalhães Filho	Paula/RS	
--	--	--	--	----------	--

Fonte: Dados da pesquisa.

O quadro acima apresenta informações sobre os professores entrevistados, tais como: o período e as instituições pelas quais lecionaram. Esses dados de pesquisa foram construídos junto com os participantes, sendo refinados, antes, durante e após as entrevistas. Esse diálogo contínuo ocorreu através de conversas de texto e de áudio em aplicativo de celular. Além de sintetizar algumas informações relevantes à análise das entrevistas, esse quadro produzido auxiliou a delimitar a temporalidade da dissertação, tendo em vista os objetivos propostos no projeto de pesquisa. Ou seja, com foco no período em que os professores entrevistados lecionaram no Rincão dos Kroeff, principalmente na E.M.E.I.E.F. Gastão Englert.

Igualmente, reforço que os professores João, Alda e Margarete concordaram em contribuir com informações que se fazem presente no texto desta dissertação de cunho historiográfico e consentiram com a divulgação de seus nomes e imagens no trabalho. Por fim, me enviaram, através da internet, fotos por eles escolhidas, as quais compõem a Figura 10.

Figura 10 – João, Alda e Margarete



Fonte: Adaptação do autor a partir de fotografias cedidas pelos participantes, 2021.

#### 4 RINCÃO DOS KROEFF: UMA HISTÓRIA DE ENSINO RURAL

Esta seção tem como objetivo construir, a partir das leituras realizadas e dos documentos de pesquisa, uma narrativa histórica possível sobre o ensino no Rincão dos Kroeff e na E.M.E.I.E.F Gastão Englert. Assim, fez-se necessário contextualizar historicamente o espaço no qual a instituição escolar está inserida – zona rural do município de São Francisco de Paula.

Conforme Justino Magalhães (2004), a história das instituições educativas “povoa-se” de representações, práticas, memórias e apropriações complexas e, muitas vezes, contraditórias. Dessa forma, faz-se necessário uma postura de análise aberta que aproxime o local com o global, a fim de “tecer nexos” e reflexões sobre a cultura escolar de uma instituição com as formas de pensar e de ensinar de sua sociedade, ou seja, uma “[...] proposta de uma abordagem simultaneamente interna e de relação com a comunidade envolvente confere uma identidade histórica, de construção, à ação educativa.” (MAGALHÃES, 2004, p. 165). Nesse sentido, compreende-se a história da educação do distrito como sócio-histórica e configurada por entrecruzamentos complexos, que se estabelecem no decorrer do tempo e espaço com a sociedade e a cultura que o ocupam.

A partir dessa perspectiva, organizei essa seção em três partes. Na primeira, sob o título *Bem-vindo ao Rincão*, apresento esse lugar estabelecendo relações com contextos econômicos, sociais, políticos e culturais que atravessam a sua formação. Na segunda, a qual nomino de *Das aulas em casa à escolarização*, elaboro uma narrativa possível sobre o ensino rural no distrito que compreende o período entre o final do século XIX até a metade do século XX. Nesse período, identifico, no referido espaço rural, uma lenta, porém gradativa sistematização da educação, a princípio, por iniciativa própria de seus moradores, e, posteriormente com apoio do governo municipal e estadual. Na terceira subseção, a que chamo de *Uma Escola no Rincão*, construo uma história sobre a E.M.E.I.E.F Gastão Englert desde sua fundação em 1968 até o ano de 1998. Tendo em vista que a escola é um dos elementos essenciais na configuração da cultura escolar (JULIA, 2001), percebe-se que, desde sua criação e das seguidas reorganizações pelas quais passou, a Gastão Englert torna-se ponto de referência na educação desse lugar em um processo atravessado pelo crescente êxodo rural e pela industrialização.

#### 4.1 BEM-VINDO AO RINCÃO

A palavra rincão é polissêmica, tendo significações diversas. Segundo o dicionário Aulete Digital (2021), rincão é definido como “1. Lugar longínquo, afastado; RECANTO; REFÚGIO. 2. Lugar abrigado, cercado naturalmente por mato ou rio. 3. Na campanha gaúcha, qualquer porção de campo onde haja arroio ou capões. [...]”. Definições que me interessam, pois caracterizam paisagens percebidas ao transitar por esse lugar e memórias narradas por alguns de seus moradores.

Dessa forma, a contextualização aqui construída sobre o Rincão dos Kroeff, além das leituras realizadas, assume vínculo com as experiências por lá vivenciadas. Igualmente, os sentidos atribuídos ao Rincão ressoam nas lembranças narradas pelos colegas professores, que me acolheram em sua comunidade durante essa temporalidade.

Segundo Ferreira (2000, p. 67-68), “[...] o lugar dispara as lembranças daqueles que o vivenciaram, que compartilharam um passado comum, abrindo a possibilidade de sua compreensão para o *outsider* através dos passados compartilhados e inscritos na paisagem cultural.”. Nesse contexto, o conceito de *memória*, seja ela individual ou coletiva, está intimamente ligado ao de *lugar*. Portanto, percebe-se como necessário “abrir um parêntese” sobre o conceito de *lugar* utilizado, devido a sua relevância nessa escala de contextualização.

Como visto anteriormente, os conceitos de *região* e de *território* ajudaram na compreensão das dimensões macro, o primeiro visando encontrar alguns critérios comuns entre os aspectos culturais e históricos dos Campos de Cima da Serra, e o segundo a fim de entender as dinâmicas socioespaciais no tempo do território de São Francisco de Paula. Já *lugar*, por outro lado, define-se de duas formas: por local da atividade, da ação imediata, e por outro como local onde se constituem identidades e culturas significativas a partir de práticas e representações. (OAKES, 1997). Em ambos os sentidos, o *lugar* é “[...] espaço de vivência e da convivência, e possui como ponto de referência o cotidiano – imprescindível na compreensão da sociedade.” (TARTARUGA, 2003, p. 73).

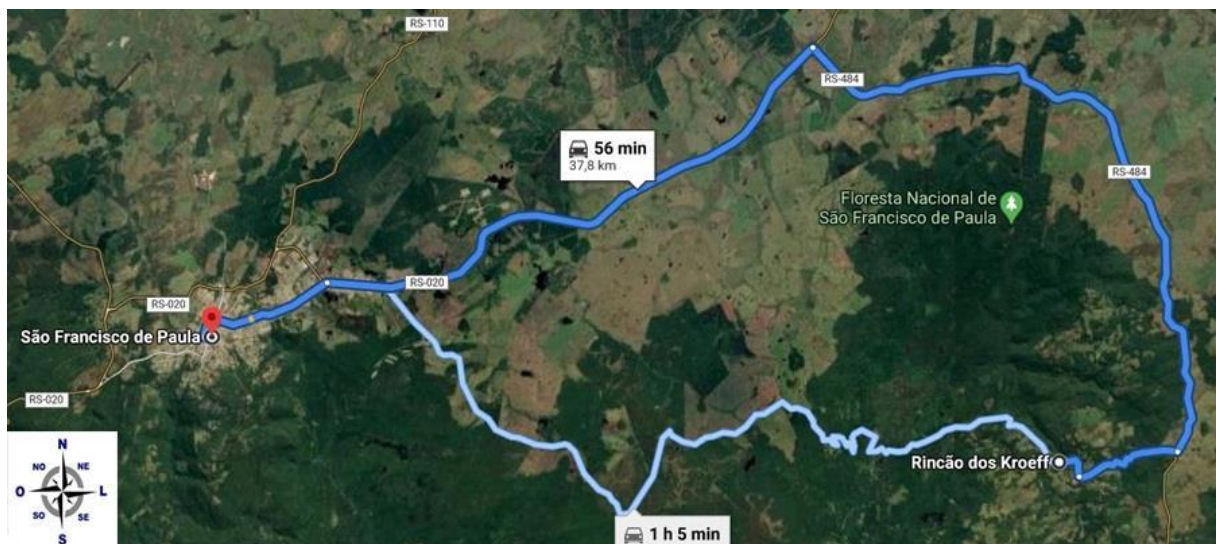
Contudo, cabe ressaltar que o lugar não é um ponto fechado em suas características, uma localidade congelada no tempo e no espaço. Ao contrário, enquanto espaço de vivência cotidiana, os lugares são constituídos de relações

complexas entre aspectos históricos, culturais, sociais e políticos. São processos mutáveis, produtos de inter-relações sociais contínuas, com conexões locais e globais. (MASSEY, 2000, p. 184). Assim, cabe contextualizar o Rincão dos Kroeff, espacialmente, para, em conjunto, comentar um pouco sobre suas histórias, a fim de auxiliar na compreensão das narrativas de memórias a serem construídas sobre o ensino no distrito.

Com uma área de 237 km e a 37 km de distância do centro de São Francisco de Paula, a base econômica do distrito historicamente é a pecuária e a agricultura com mão de obra familiar. Antigamente chamado de Boca da Serra, por estar localizado junto à Serra do Umbu, que liga a serra gaúcha ao litoral, parte do terreno do Rincão dos Kroeff está inserido em terras não planas e em meio à mata atlântica, o que dificulta a mecanização da agricultura e o trabalho nas lavouras.

Muitas dessas áreas são cortadas por rios e arroios com matas que abrigam araucárias. Há, também, no distrito, uma área de preservação da Floresta Nacional de São Francisco de Paula (FLONA-SFP) e um Centro de Pesquisas Ambiental da Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Figura 11 – Trajeto até o Rincão dos Kroeff



Fonte: Adaptação do autor a partir do *Google Maps*, 2021.

O trajeto representado na Figura 11 ilustra o caminho que percorri no primeiro e segundo semestres de 2019, de quarta a sexta-feira, do centro do município à E.M.E.I.E.F. Gastão Englert. A instituição escolar é considerada de difícil acesso pela própria rede municipal, devido não apenas à sua distância e qualidade de sua



estrada, mas também por não haver transporte público regular até a localidade. Atualmente, uma empresa de ônibus faz o percurso, disponibilizando apenas um horário de ida e outro de volta em dois dias da semana, segundas e quartas-feiras, sendo o transporte escolar realizado por ônibus escolares e pela mesma empresa que realiza o transporte de passageiros. O transporte escolar ocorre nos dias da semana em que há aulas, e os alunos são recolhidos em suas casas localizadas em fazendas dispersas pelo distrito.

No caminho, próximo à sede, está localizada a placa de *Bem-Vindo ao Rincão dos Kroeff*, demonstrada na Figura 12, a qual inspirou o nome atribuído a esta contextualização.

Figura 12 – Bem-vindo ao Rincão dos Kroeff



Fonte: Nonenmancher, 2015.

A viagem de deslocamento até a escola dura, em média, 55 minutos, dependendo do clima e das condições da estrada de terra. O caminho corta as fazendas locais em um terreno acidentado e curvilíneo, o que impossibilita que o transporte utilizado, seja carro ou ônibus, ande muito rápido. Assim, estar localizado em um lugar com características físicas naturais, atravessadas por rios, colinas, matas, e, ainda sem uma estrada asfaltada, a RS-484, faz o distrito, relativamente próximo a sede, apenas 37 quilômetros, ficar muito mais distante. Destaco que percorrer essa estrada nos dias de invernos, geralmente chuvosos em São Francisco de Paula, é um desafio devido aos buracos que se formam pelo caminho.

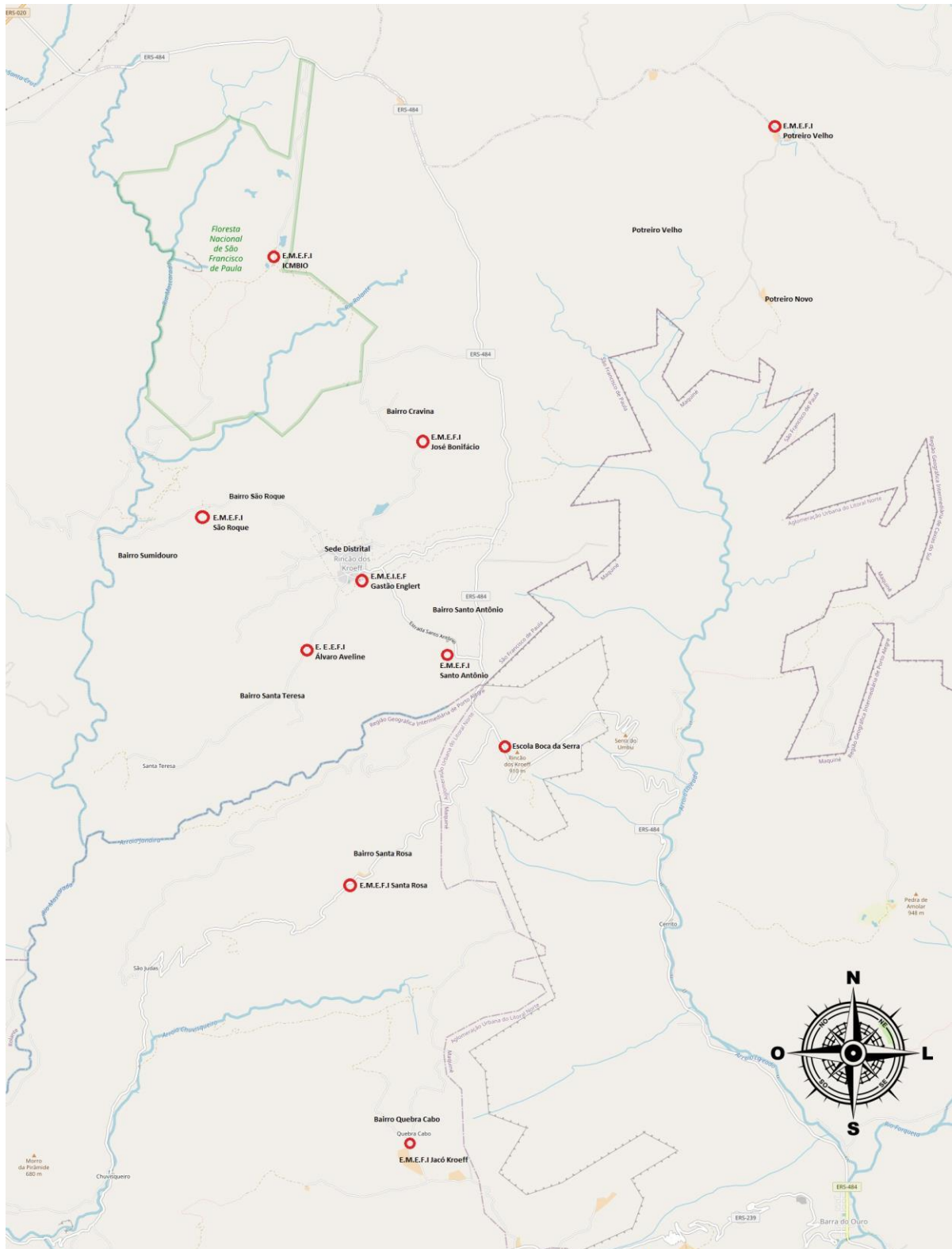
A RS-484 já foi movimentada e uma das principais vias que ligavam a Serra Gaúcha ao litoral norte do Rio Grande do Sul, contudo, enquanto outras vias asfaltadas foram abertas na região, como a Rota do Sol (RS-453), essa estrada continuou precária e difícil de se transitar.

Os bairros do distrito são: Sede, São Roque, Santa Tereza, Santo Antônio, Santa Rosa, Cravina, Potreiro Velho, Potreiro Novo, Quebra Cabo e Sumidouro. As localidades de Santo Antônio, Santa Tereza e Potreiro Velho foram as primeiras ocupadas, “[...] principalmente por fazendeiros que se dedicaram a criação do gado.” (BUFFÃO, 2011, p. 182). Porém, dentre esses, os que continuam com mais habitantes, atualmente, são a Sede e seus vizinhos. Já nos mais distantes, como Santa Rosa, Potreiro Velho, Potreiro Novo, Quebra Cabo e Sumidouro, encontram-se alguns moradores e trabalhadores, geralmente sazonais – e de fazendas distantes uma das outras.

Identificam-se algumas características comuns na ocupação do distrito, entre elas uma forte presença da imigração italiana e alemã, e com eles práticas religiosas e festividades de influência católica e protestante. Como percebe Daros (2020, p. 108) acerca de São Chico, “[...] a religião católica, a política e a tradição vinculada ao campesinato [...] estão presentes de maneira acentuada nos cotidianos de várias gerações [...]” do município. Assim, o trabalho na lavoura fez parte do cotidiano desse lugar desde a sua formação, concomitante com outras atividades econômicas como a extração e aproveitamento de madeira, pinhão, entre outros.

A Figura 13 traz um mapa, elaborado por mim, com o intuito de representar, aproximadamente, a distribuição de bairros e a localização das escolas que existiram no Rincão dos Kroeff. Além da Sede, tomei como escolha não demarcar os limites das outras localidades, tendo em vista não ter encontrado outro mapa sobre os bairros do distrito que servisse como referência. Nesse sentido, a representação gráfica tem suas localizações aproximadas e não segue uma escala padrão, sendo construída a partir do diálogo com os entrevistados e moradores. A intenção é que a figura cumpra a função de servir como referência no decorrer da leitura do texto da dissertação.

Figura 13 – Mapa dos bairros e escolas do Rincão dos Kroeff



Fonte: Adaptação do autor a partir do *Open Street Map*, 2021.

Criado oficialmente em 10 de maio de 1950, por lei municipal, sabe-se que a ocupação do distrito começou muito antes e acompanha a formação do território de

São Francisco de Paula. Até o início da ocupação efetiva da província, no decorrer do século XVIII, os moradores dessa localidade eram indígenas. Com a vinda dos primeiros bandeirantes e colonos, começaram a divisão em sesmarias e a ocupação do atual distrito e arredores. (BUFFÃO, 2011; SILVA, 2017).

A bibliografia encontrada trata a vinda de imigrantes alemães e italianos ao Rio Grande do Sul, durante o século XIX, como algo importante para a formação desse espaço. Entre esses, destaca-se a família Kroeff, de origem alemã, no nome de Jacob Kroeff Filho (1851-1926), que comprou terras na atual área do Rincão dos Kroeff, em 1914. (BUFFÃO, 2011; CARDOSO, 2019; LUZ, 2010).

A família Kroeff migrou para Hamburgo Velho, atualmente área de Novo Hamburgo (antigo distrito de São Leopoldo), na metade do século XIX. Segundo Luz (2010), estabeleceram-se na Costa da Serra onde investiram comercialmente em inúmeros negócios, desde hotelaria, fazendas, serraria, matadouro, ferrovias e entrepostos comerciais. Nesse espaço, eles acumularam poder econômico e político no município de São Leopoldo e arredores. Inclusive alguns membros da família Kroeff ocuparam cargos no executivo e legislativo municipal e estadual, como também no exército. Inclusive, Jacob Kroeff Filho e Netto tiveram destaque no processo de emancipação do município de Novo Hamburgo. (LUZ, 2010).

No início do século XX, investiram em terras para a criação de gado na área do atual distrito de São Francisco de Paula. Lá, a família construiu uma fazenda na qual também passavam o verão. (BUFFÃO, 2011; LUZ, 2010). Com o sucesso comercial do matadouro, adquiriram mais terras no distrito, onde criavam seus próprios bovinos e suínos. A partir de lá, levavam sua carne até o município de Canela e transportavam, via rede ferroviária, para Novo Hamburgo, onde possuíam uma parada que atendia o matadouro da família conhecida como Linha Kroeff. (LUZ, 2010). A Figura 14 ilustra a linha Kroeff.

Figura 14 – Linha Kroeff para Canela



Fonte: Luz, 2010.

No Rincão, investiram em mais lotes ao redor da sede, dividiram entre os familiares e venderam para novos imigrantes, incentivando, também, a ocupação e o desenvolvimento do distrito. (BUFFÃO, 2011; LUZ, 2010).

A Figura 15, abaixo, ilustra a fazenda de Antônio Kroeff, um dos filhos de Jakob Kroeff Filho, em 1922, localizada no bairro de São Roque. É possível perceber, na imagem, a disposição da paisagem com poucas casas ao redor, delimitada pelo campo e uma mata de araucárias ao fundo, além da cerca de madeira para o controle de animais.

Figura 15 – Rincão dos Kroeff, propriedade de Antônio Kroeff



Fonte: Luz, 2010.

Outro personagem a quem é atribuída importância para a história do Rincão dos Kroeff é Luiz Adolpho Gaston Englert (1895-1965), nascido em Porto Alegre. Ele casou-se com a filha mais nova de Jacob Kroeff Filho, a Hildegard Kroeff (BUFFÃO,

2011; LUZ, 2010). Com o falecimento de Jacob Kroeff Filho, em 1926, as posses da família Kroeff foram divididas entre os herdeiros e, segundo Buffão (2011, p. 20), Gastão continuou a dedicar seus esforços no Rincão.

Gastão foi deputado federal constituinte, em 1946, e investiu em negócios no distrito, dentre eles está a instalação de uma serraria. Ele também continuou com a criação de gado da família Kroeff e a com a venda de terras para novos colonos. É representado pelo papel político exercido e como um benfeitor social e religioso para a comunidade. (BUFFÃO, 2011; LUZ, 2010).

Em relação ao ensino, ele contribuiu para a fundação da Escola Estadual de Ensino Fundamental Incompleto Álvaro Aveline, no Bairro Santa Tereza, em 1950, quando era secretário da fazenda do governador Walter Só Jobim. (1947 a 1951).

Até metade do século XX, a produção econômica girava em torno da agricultura familiar, da pecuária extensiva e da extração de madeira. Com o desenvolvimento do maquinário, de produtos e de técnicas agrícolas, a agricultura no Rincão ganhou proporções maiores em um sistema capitalista de foco agroexportador. Nesse período da década de 1960 a 1980, destacam-se a plantação de trigo, batata, milho, hortaliças e verduras. A Figura 16 mostra a família Rech trabalhando com uma trilhadeira na década de 1960.

Figura 16 – Família Rech trabalhando com sua trilhadeira na década de 1960



Fonte: Acervo de Aroni e Neusa Scalcon, 2021.

Na década de 1970, o Rincão dos Kroeff foi considerado o maior produtor de repolho do estado e, contava, inclusive, com uma festa em homenagem a esse vegetal que rendeu desenvolvimento econômico para o distrito por um bom tempo.

Na festa organizada pela comunidade é possível perceber práticas culturais de uma identidade comunitária atravessada por relações de pertencimento com a terra, com a religião e com os costumes e valores étnicos ressignificados de geração para geração na construção desse espaço. Entre essas práticas comuns nas festividades do distrito, identifica-se a eleição de uma rainha e de uma princesa. São destaque, também, o rito da missa, realizada pelo padre local, sempre antes do início das festividades, com a participação de líderes locais. Inclusive, na abertura da cerimônia, nesta festa em específico, o prefeito tem participação.

Na Figura 17, abaixo, é possível identificar a família Schwab com seu caminhão à esquerda; o padre Irineu Lusa, pároco do distrito à época, ao centro da foto, e, em pé, a sua direita Hugo Martini, um dos líderes comunitários presentes na festa. Igualmente se percebe nas roupas e nas faixas das eleitas, representações do tradicionalismo gaúcho, em sincretismo com as práticas e os valores das festividades de imigração italiana no estado. Da mesma forma, por exemplo, o vestido de prenda usado pelas rainhas e princesas na Festa do Repolho, é prática usual na Festa da Uva do município vizinho de Caxias do Sul, também com forte presença de imigrantes italianos em sua colonização.

Figura 17 – Fotografia da 1ª festa do Repolho



Fonte: Acervo de Suzana Martinotto, 2021.

À mesma época de auge de produção, ocorreram, na sede do distrito, as construções da Paróquia em homenagem à Nossa Senhora das Graças e a São Roque, da casa canônica e do novo prédio da E.M.E.I.E.F. Gastão Englert inaugurado em 1978. Também foram construídos, no mesmo período, um mercado, um posto telefônico, um posto médico e um novo salão paroquial comunitário na sede.



Figura 18 – Imagem de satélite dos arredores da E.M.E.I.E.F. Gastão Englert



Fonte: Adaptação do autor a partir do Google Maps, 2021.

Percebe-se na imagem de satélite da Figura 18, acima, que a escola Gastão Englert ocupa posição em um terreno alto e no centro do distrito, ao lado da igreja, da Casa Canônica e do Salão Paroquial Comunitário, local onde ocorrem as festividades e as atividades esportivas. A instituição também se localiza próxima ao mercado local e à sociedade dos moradores, o Clube Esporte Serrano e ao cemitério. Todas essas instituições e espaços centrais no ambiente social comunitário servem de local para acontecimentos e práticas cotidianas, confraternizações, eventos desportivos, festivos e rituais religiosos e aprendizados, sendo a escola, a igreja e o salão paroquial comunitário, conforme representados na Figura 19.

Figura 19 – E.M.E.I.E.F. Gastão Englert, Igreja e Salão de festas e jogos



Fonte: Acervo do autor, 2019.

Apenas em 1982, conforme os relatos de seus moradores, o distrito passou a contar com acesso à eletricidade. Na década de 1990, a produção de repolho entrou em crise. O monocultivo e a superprodução geravam a queda de preços, além disso, as lavouras de repolho foram atingidas por uma praga causada por um fungo no solo, denominada de *hérnia das crucíferas*. Esse fato provocou a queda na produção, e grande parte dos produtores, diante do prejuízo, migraram para outras localidades, tanto do município quanto do estado.

Estudos já realizados apontam diversos motivos para o êxodo no Rincão dos Kroeff. Dentre eles, destaca-se o problema histórico com as estradas do Rincão, a falta de apoio público, a relação com a proibição das queimadas, que facilitavam o manejo do campo, como também o envelhecimento da população e a falta de oportunidade para os jovens, tendo em vista estes terem de buscar a continuidade de seus estudos, no ensino médio, na sede do município. (MENEGAS, 2009; BUFFÃO, 2011; CARDOSO, 2019).

Igualmente, nesse contexto de industrialização, somam-se outras condições para o êxodo rural, tais como a diminuição da remuneração proveniente da agricultura familiar, a considerar o aumento do latifúndio a partir da venda das pequenas propriedades dessas famílias que não possuíam capital para investir na mecanização da lavoura. (ALVES, 2006). Sendo essa mobilidade, muitas vezes, uma solução encontrada por esses moradores: vender suas terras e buscar trabalho e estudo em outras localidades.

Essa realidade é identificada na E.M.E.I.E.F. Gastão Englert, objeto dessa pesquisa, pois alguns alunos acabam deixando de estudar após terminar o 9º ano, uma vez que não têm condições de se locomoverem diariamente até o centro da cidade. Os alunos que têm mais condições para continuar seus estudos, geralmente, acabam morando temporariamente na casa de parentes na sede do município, principalmente, durante os dias da semana em que há atividades escolares. Além disso, algumas dessas famílias enviam seus filhos para outros municípios, a fim de cursarem a Educação Superior.

Igualmente, identifica-se a baixa renda da maioria da comunidade rural que vive no Rincão dos Kroeff. A partir dos anos finais do ensino fundamental (6º ano em diante), os educandos passam a auxiliar progressivamente os pais ou responsáveis, no contra turno, nas atividades de plantação e de colheita. Destaca-se que uma parcela dos alunos, cerca de 10%, migram de escola e localidade, indo e voltando nos períodos de entressafra, pois acompanham os seus familiares em busca de trabalho em outros cultivos, cidades ou distritos. A comunidade escolar vive, em sua maioria, com um salário mínimo, em média. Esses dados foram obtidos, em pesquisa realizada, pela coordenação da E.M.E.I.E.F. Gastão Englert, no ano de 2018.

Conforme destacado anteriormente, a instituição atende da Educação Infantil, pré I e II, ao 9º ano do Ensino Fundamental, possuindo no ano letivo de 2019, 99 alunos, 09 professores e 11 turmas. Quatro dessas turmas são multisseriadas, com duas turmas em uma sala: pré I e II, 2º e 3º ano, 4º e 5º ano e 8º e 9º ano. As turmas multisseriadas são uma forma de ensino comum no meio rural (NÖRNBERG, 2008; SOUZA, 2011). Antigamente, pelo número reduzido de professores e, atualmente, devido ao baixo número de alunos nessas turmas, como por exemplo na Gastão Englert, que em 2019, possuía apenas três alunos no 9º ano.

A partir dos anos 2000, além da tradicional criação de gado para corte, o Rincão passou a contar com uma plantação mais diversificada de hortaliças e legumes, sobressaindo-se na produção de batata-inglesa. Com a crise dos repolhos somada à proibição da queima de campos nativos, a partir da Lei Estadual de 1992, 9.519/92, tornou-se também área de reflorestamento de *pinus*.

A considerar o êxodo rural das últimas décadas, a população está reduzida em fazendas dispersas, sendo que a maioria das casas estão concentradas no centro do distrito onde também está a maior parte da infraestrutura disponível. Contudo, faltam informações precisas sobre a quantidade de habitantes que residem, atualmente, no distrito. Os dados da Secretaria da Agricultura, de acordo com estudos realizados por Menegas (2009), apontavam para aproximadamente 435 agricultores registrados no distrito do Rincão dos Kroeff.

A sede do distrito conta com um mercado familiar, que possui um pouco de tudo, desde um bar até uma “agência” dos Correios. No Rincão há, ainda, uma oficina de ferragem para manutenção básica do maquinário de trabalho, uma oficina de carros, sempre ocupada devido às péssimas condições da estrada, e algumas poucas madeireiras locais, as quais exploram o cultivo de *pinus eliottis*. Além desses espaços, há o já mencionado Clube Esporte Serrano, e uma sede telefônica que conta com uma antena de acesso à internet via rádio.

As primeiras moradias do distrito foram construídas com esforço conjunto dos primeiros moradores e com o material que estava disponível na época. A maioria das casas eram compostas por tábuas serradas manualmente e chegavam a possuir até três andares. O trabalho exigia habilidade e conhecimento dos carpinteiros para erguerem as casas e as igrejas. Esse saber-fazer sobre marcenaria e carpintaria também faz parte de conhecimentos trazidos pelos imigrantes italianos e alemães à região. (GRAZIOTTIN, 2008). Sobre a arquitetura comum no início do século XX é possível observar a igreja localizada no Rincão dos Kroeff, conforme consta na Figura 19.

Figura 19 – Fotografia da primeira Festa de Santo Antonio, em 1938.



Fonte: Buffão, 2020.

As festividades aos santos padroeiros são uma tradição importante na manutenção dos laços comunitários. Essas práticas religiosas e comunitárias têm origem católica e protestante, com influência na região dos Campos de Cima da Serra, pela imigração italiana e alemã. (GRAZZIOTIN, 2008). A Figura 19, acima, referente aos festejos, registra moradores em frente à Igreja de Santo Antônio em um dia de festividade, incluso entre eles alguns soldados que vinham a cavalo de São Francisco de Paula a fim de manter a segurança. A presença de apenas homens na imagem nos possibilita identificar uma divisão entre gêneros nas atividades festivas da época. Segundo Buffão (2011), a música tocada por banda ao vivo já se fazia presente durante a missa e os festejos na década de 1940 e 1950, e esses eventos eram importantes para a comunidade, acontecimentos nos quais muitos casais do distrito se conheciam. Cabe destacar, também, que essas festas religiosas continuam marcantes no Rincão dos Kroeff até os dias de hoje, sendo importantes datas de encontro e de confraternização como podemos perceber na Figura 20 a seguir.

Figura 20 – Fotografia da atual capela de Santo Antônio com o panfleto da festa de fevereiro, 2011



Fonte: Elaborada pelo autor a partir de Buffão, 2020.

Na imagem à esquerda, na Figura 20, é possível perceber que a comunidade possui a atual capela de Santo Antônio, um salão de festas comunitário e uma cancha de bocha, mais à esquerda. Essa disposição espacial se faz presente também em outras capelas espalhadas pelos bairros do distrito, contudo, algumas delas, por estarem mais distantes do centro do Rincão dos Kroeff, não se mantêm tão bem preservadas como esta, principalmente devido à diminuição gradativa dos moradores nos bairros mais isolados. Ainda na Figura 20, o panfleto, à direita, refere-se aos festejos de fevereiro de 2011, em honra a Santo Antônio e a Nossa Senhora de Lurdes, e no mesmo pode-se perceber uma organização comum dessas festividades religiosas, com missa, procissão, churrasco e apresentação da banda.

A Figura 21, abaixo, registra a inauguração, em 1983, do Salão Paroquial da Igreja de Nossa Senhora das Graças e São Roque, na sede do distrito. Esses salões comunitários, além de importantes espaços de convívio e confraternização dos moradores são historicamente significativos ao cotidiano escolar como será possível perceber no capítulo seguinte desta seção. Esse salão paroquial em específico, relevante ao dia a dia da E.M.E.I.E.F Gastão Englert, serve, desde a sua fundação, como local onde ocorrem reuniões com a comunidade, palestras, teatros e formaturas. Desde que foi reformado como ginásio de esportes, no ano de 2005, além das festividades, serve igualmente como palco para as atividades físicas escolares e desportivas da comunidade.

Figura 21 – Inauguração do Salão Paroquial em 1983

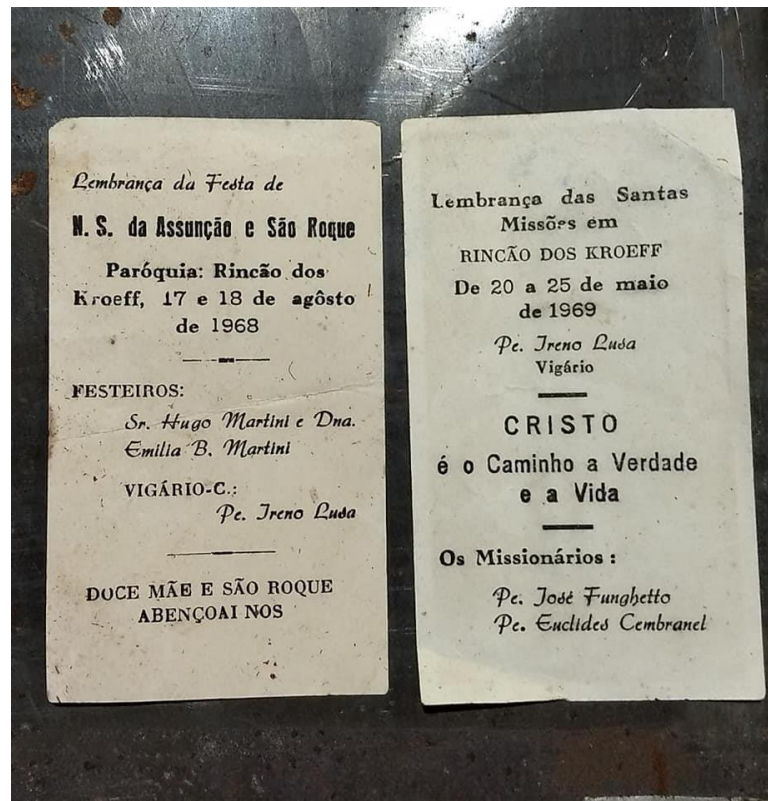


Fonte: Acervo particular de Suzana Martinotto, 2021.

Outras festas são realizadas no decorrer de um ano, cada qual tendo o seu santo padroeiro e ocorrendo em um bairro diferente do distrito. As festividades representam um momento de encontro para os moradores do Rincão dos Kroeff, que costumam se organizar e ir às festas dos bairros vizinhos e até mesmo nos mais distantes. Os representantes e organizadores das festividades são escolhidos com mais de um ano de antecedência, a fim de manter a qualidade anual do evento.

Entre esses festejos, o mais conhecido no Rincão dos Kroeff é a festividade de agosto em homenagem a Nossa Senhora das Graças e São Roque, organizada no Salão Paroquial, no centro do distrito. A festa ocorre tradicionalmente durante três dias, com bailes e apresentações de bandas com renome até fora do município. O churrasco, as missas e as procissões são atividades sempre presentes. A Figura 22, abaixo, ilustra umas das tradicionais lembranças das festividades de agosto.

Figura 22 – Lembrança da Festa de N. S. da Assunção e São Roque de 1968



Fonte: Acervo de Márcio Buffão, 2020.

Esse é o evento festivo anual do bairro com a maior divulgação e organização. Costumam participar da festividade tanto moradores antigos que se mudaram, quanto visitantes de outros distritos do município de São Francisco de Paula. São cobrados ingressos para os bailes nos quais se destacam as vendas do famoso bolo de amendoim, com produção local dos festeiros, conforme ilustrado na Figura 23.

Figura 23 – Tradicional bolo de amendoim com mel da festa de agosto



Fonte: Acervo de Mari Rech Casagrande, 2020.



As festividades representam ritos sociais e culturais, que se estabelecem na cultura local com fortes vínculos étnicos, comunitários e religiosos. Além disso, servem para celebrar as práticas desse lugar ao reunir moradores do distrito, atuais e antigos, bem como contribuem para arrecadar fundos, que são utilizados na melhoria de espaços e instituições da comunidade, como – por exemplo – na manutenção da Gastão Englert, da Igreja ou do salão paroquial e comunitário.

Enfim, as festas aqui ressaltadas, enraizadas na cultura do distrito, possibilitam refletir sobre possíveis relações dessas práticas com a *cultura escolar* do Rincão dos Kroeff. Nesse sentido, infere-se que, pelo menos até a metade do século XX, existia um forte laço entre educação e religião nesse lugar.

#### 4.2 DAS AULAS EM CASA À ESCOLARIZAÇÃO DO ENSINO

As dinâmicas de formação e de ensino em São Francisco de Paula acompanham a configuração de seu território e sociedade. Do início da povoação e até o começo do século XX, a educação no município não era escolarizada e, até meados do século passado, percebem-se continuidades de aspectos que marcaram o ensino em espaços rurais do Rio Grande do Sul durante o século XIX.

Na maioria dos espaços do município, as práticas de ensino ocorriam de forma particular, sendo as aulas ministradas pelos pais ou professores contratados pelas famílias com melhores condições, a fim de que as aulas fossem ministradas em suas casas. Nesse período, a prática de aulas em casa, com pais ou professores, geralmente leigos, “[...] é evidenciada em muitas localidades no Rio Grande do Sul [...]”. (BRITO, 2018, p. 70). Na região dos Campos de Cima da Serra, principalmente nas zonas rurais, “[...] as escolas municipais eram praticamente inexistentes [...] as ‘aulas com professores em casa’ se constituíram numa prática de muitas décadas e não se restringia somente à elite.” (GRAZZIOTIN, 2008, p. 133). Esse contexto de práticas de ensino, além do espaço escolar, manifestou-se por décadas no espaço rural do Rio Grande do Sul, perdurando, na região e no território do município, pelo menos até a metade do século XX.

Como em muitos outros municípios à época, a organização do ensino se dava por iniciativa própria dos moradores e, muitas vezes, de forma desarticulada e independente em relação aos órgãos públicos. Mesmo no centro do município, eram

poucos docentes e na zona rural a população era maior e mais dispersa, o que dificultava o acesso à educação. Os professores do interior, geralmente, vinham de outras localidades, e devido a distância tinham de morar nas casas ou localidades próximas às das famílias que os contratavam. Esses docentes dos espaços rurais de São Chico lecionavam nas sedes das fazendas e, às vezes, pagavam pensão pela moradia. Os alunos que não eram da família percorriam longas distâncias pelas estradas de chão até as propriedades para receberem suas primeiras aulas. Essas localidades costumavam ser distantes umas das outras, e esses locais de ensino tornavam-se pontos de referência nas comunidades e destino dos filhos de moradores próximos. (DAROS, 2020; GRAZZIOTIN, 2008; SILVA, 2017).

Além das fazendas, os professores passaram a lecionar em centros comunitários que se formavam nos distritos rurais de São Francisco de Paula, como em salões de festas ou em igrejas. As igrejas do município eram, em sua maioria, de religião católica, mas também existiam igrejas protestantes, estas com forte influência dos imigrantes alemães, que se estabeleceram em alguns distritos, como no Rincão dos Kroeff. Nessa fase de ensino do distrito, do final do século XIX até metade do século XX, destacam-se as fazendas de São Roque, Santa Tereza e Santo Antônio, onde ao redor, em suas sedes ou nas igrejas construídas próximas, a vida comunitária acontecia entre o trabalho, os ritos religiosos e os aprendizados.

Com a imigração, no século XIX, para os diversos espaços do distrito, intensificaram a formação de centros comunitários e se estabeleceram pequenas “vilas” ao redor. Lugares nos quais se desenvolveram negócios e infraestruturas que melhoraram a qualidade de vida dos moradores, tais como casas de comércio, salão de festas, ferraria, moinho e serrarias, além, é claro, de cemitérios. Esses centros tornaram-se os bairros do distrito. Nestes, por organização da própria comunidade e de seus líderes, entre eles religiosos, foram organizadas as primeiras escolas do Rincão dos Kroeff, com destaque para as localidades de Santa Tereza e Santo Antônio.

Segundo Daros (2020, p. 143), o panorama educacional em São Francisco de Paula, “[...] nos primeiros anos após a emancipação em 1903, está diretamente ligado a aulas particulares que ocorriam nas residências dos professores, pelo menos até 1914.” Com o desenvolvimento da economia e o aumento da ocupação do território, a sede do município começou a se urbanizar como vimos no capítulo anterior.

Um importante marco para o ensino e o início da escolarização em São Francisco de Paula foi a criação do Colégio Elemental Municipal, em 1914. Essa instituição escolar “[...] após quatro anos de existência, tornou-se o Grupo Escolar Estadual, no dia 01 de abril de 1918.” (DAROS, 2020, p. 143). O Grupo Escolar Estadual, no decorrer de sua história se desenvolveu, sofrendo inúmeras alterações além em sua nomenclatura.

Importante na História da Educação do município, o Grupo Escolar Estadual funcionou como Escola Normal Rural, referência de formação de professores. Nos dias atuais, é nomeada como Colégio Estadual José de Alencar, e, no município, essa é a única escola pública que oferta todas as etapas da Educação Básica, desde a pré-escola até os anos finais do Ensino Médio, incluindo o curso de magistério para formação de professores. Percebe-se que a etapa final da Educação Básica, o Ensino Médio, é uma lacuna existente no acesso à educação, que permanece no tempo e que se torna ainda maior tendo em vista o tamanho de seu território.

Desde sua fundação, essa instituição escolar tornou-se referência e marco do início da escolarização em São Francisco de Paula. Esse processo acompanha mudanças ocorridas em todo Estado do Rio Grande do Sul, as quais, de forma gradual, principalmente nos espaços urbanos, o governo assumiu a gerência da Educação, desde o pagamento de professores até o incentivo ao estabelecimento de Grupos Escolares em localidades mais populosas. (DAROS, 2020). No entanto, conforme Werle e Metzler (2010, p. 25),

[...] se as ações governamentais promoveram o aumento de escolas elementares nas regiões urbanas, isto não ocorreu no meio rural. O meio rural estava servido de escolas comunitárias que eram mantidas por associações dos que residiam em cada comunidade e também vinculadas às igrejas católica ou evangélica; daí também se designaram de escolas paroquiais.

Assim, no período compreendido pela historiografia como Primeira República, de 1889 a 1930, no Rincão dos Kroeff, percebe-se uma comunidade em crescimento devido ao incentivo à imigração. Nesse contexto sócio-histórico, os aprendizados passaram a exigir espaços maiores e passaram das sedes de fazendas para os centros comunitários, tais como igrejas e salões paroquiais. Dessa forma, identifica-se a importância dos movimentos comunitários e religiosos para a organização de

soluções de ensino no Rincão dos Kroeff, local em que as primeiras escolas, com fortes vínculos étnicos confessionais, configuraram-se como importantes na educação do distrito até pelo menos a década de 1950.

Os primeiros professores que lecionaram em espaços improvisados, como capelas, casas e salões comunitários do Rincão dos Kroeff, foram imigrantes e seus descendentes, a maioria de origem italiana e alemã. Alguns nomes de docentes dessas escolas comunitárias confessionais do Rincão, de 1930 a 1950, foram enumerados por Buffão (2011, p. 149), são eles: Henrique Paffrath Filho, Jerônimo Pozzenato, Clemente Barreto, Olegário Linck e Celestina Pezzi Rech, entre outros. Segundo o autor, a primeira professora do bairro Santo Antônio foi Celestina Pezzi Rech (1907-1961). Uma de suas turmas está retratada na Figura 24, abaixo.

Figura 24 – Celestina Pezzi Rech e seus alunos no Rincão



Fonte: Acervo de Carmen Lucia Sosin Tamanchieviz, 2021.

A data da foto não é conhecida, estima-se que seja na década de 1930 ou 1940, na localidade de Santo Antônio. A imagem retrata uma turma multisseriada e mista, com uma diferença perceptível de idades entre as crianças mais a frente se comparadas com as localizadas mais ao fundo. Percebe-se certa uniformização no vestuário. Na imagem, há 35 alunos, com uma proporção de dois meninos para cada menina. O exposto pela imagem, com sua disposição, possibilita identificar a

seriedade do ato fotográfico, no qual nenhum deles esboça um sorriso e todos permanecem ordenados com as mãos junto ao corpo, inclusive a professora Celestina, que está ao centro.

Sobre as características da educação no Rincão dos Kroeff nas décadas de 1930 e 1940, o acervo existente na Biblioteca Pública Municipal registra as escolas de Santa Tereza e de Santo Antônio em uma caixa nomeada como “Instrução Pública da Fazenda Santo Antônio”. A nomenclatura do arquivo e o contexto de institucionalização da educação, em nível estadual e municipal, possibilita inferir que havia algum nível de gerência governamental nessas duas escolas, possivelmente no auxílio ao pagamento dos professores.

Nessa caixa, encontram-se dois registros de frequência referentes aos anos de 1936 e 1938 das escolas de Santa Tereza e a Escola Santo Antônio. Os documentos foram transcritos por Bufão (2011, p. 159) e descrevem o seguinte:

ESCOLA DE SANTA TEREZA/FAZENDA SANTO ANTONIO, 10/12/1936:

ALUNOS:

José Mathias Jacobs, Adolvino Knost, Leopoldo Lauxem, Octavio Livi, Magdalena Lauxem, Alzina Knost, Irene Schwab, Selvina Ternus, Amália Schwab, Amália Noer, Sibylla Schwab, Thermilla Ternus, Thereza Jacobs, Elvira Levi, idalina Albert, Selma Schwab, Maria da rosa, Olivia Knost, Andrésino Knost.

Professor: Henrique Paffrath Filho

ESCOLA SANTO ANTONIO/FAZENDA SANTO ANTONIO, 1938:

ALUNOS:

Maria Luiza Castilhos, Luiza da Silva, Angelina Ludvich, Maria Enedida Bernardo, Adelina Bernardo, Elza Cordaro, Edovirges Cordaro, Labibi Gantuz, Anildo Faistauer, Maria Faistauer, Gema Buffon, Gema Suzim, Olida Buffon, Hilda Scopel, Amélia Dalla Longa, Paulina Fruscalso, Elina Pistor, Olga Facioli, Oledina Riberto da Silva, Adélia Scopel, Maria Mercedes Bernardo, Maria Soares da Rocha, Ary Faistauer, Ely Scopel, Joanim Dalla Longa, Carlito Castilho, João Setembrino Ribeiro da Silva, Lucas Ribeiro da Silva, Antonio Buffon, Aldino Buffon, Marcolino Mauza, Alécio Menegaz, Alcides Menegaz, Adelino Pistor, Éden Gantuz.

Professora: Celestina Pezzi Rech.

Nos documentos, a presença de famílias de imigrantes é marcante nas duas turmas, com destaque para sobrenomes de origem alemã e italiana. Também, distinguisse a quantidade de alunos de uma escola para outra, transcorrido apenas dois anos. Nesse registro, a Escola Santo Antônio, em 1938, possuía 38 estudantes, o dobro do que tinha a Escola Santa Tereza, em 1936, com 19. Assim, apesar de não se tratarem da mesma instituição escolar, é interessante a comparação, tendo

em vista que as escolas se localizavam em bairros próximos pertencentes à mesma fazenda.

Diante disso, esses documentos iconográficos e escritos possibilitam inferir algumas características do ensino no distrito rural no decorrer da década de 1930 e 1940. Entre elas, um crescimento populacional em ascensão que demandou soluções e práticas particulares para escolarização, a forte presença de descendentes de imigrantes nessas escolas e o início de uma preocupação com a organização escolar em formação. É possível verificar que os espaços ocupados pelo ensino ocorriam em locais improvisados e com turmas multisseriadas, de idades e níveis de aprendizagem diferentes atendidos por um único professor, geralmente sem formação.

As especificidades da história da educação de um lugar assumem fortes relações com outras dimensões sociais, econômicas e culturais do contexto sócio-histórico, no qual esse espaço está inserido. Nesse sentido, o aumento populacional percebido segue os índices de toda a região Sul do país do começo do século XX até 1950, tendo em vista o incentivo à imigração “[...] com base em argumentos de branqueamento da população, ocupação do território, provisão de mão de obra necessária para trabalhos agrícolas.” (WERLE; METZER, 2010, p. 34). No município, a crescente densidade populacional acompanha o movimento regional, passando de um total de 24.020 habitantes em 1920, para 29.389, em 1940 e 40.910, em 1950, sendo que mais de 90% da população de seu território estava distribuída nos distritos rurais. (DAROS, 2020; KLEIN, 2016).

Nesse contexto, não apenas os alunos, mas também os professores, no Rincão, eram, em sua maioria, colonos, descendentes de imigrantes e alguns vieram com um maior nível de escolarização ou melhores condições para buscá-la. A isso, relacionam-se tanto a valores étnico-comunitários, quanto a um crescente ideal civilizatório, que passou a agregar importância à escolarização a partir da revolução de 1930. Igualmente, cabe pontuar que essa importância atribuída à educação escolarizada enquanto prática civilizatória já se fazia presente no continente europeu antes mesmo da imigração no Brasil. (ALMEIDA, 2007).

Logo, identifica-se que o ensino no Rincão dos Kroeff, nessa época, era marcado pelos vínculos étnico-comunitários e confessionais. As Figuras 25 e 26, abaixo, registram essa associação entre a educação e a igreja presente nas práticas

dessa cultura escolar, principalmente até a década de 1950, quando, a partir de então, foram construídas as primeiras escolas totalmente públicas no distrito.

Figura 25 – Capela de São Roque, festa do padroeiro, em 16 de agosto de 1945



Fonte: Buffão, 2020.

A Figura 25 destaca a festividade ao padroeiro do bairro de São Roque, realizada na Capela de mesmo nome, no mês de agosto de 1945. Cabe destacar a quantidade de crianças presentes, imagina-se que, como é de costume nas festividades atualmente, naquela época vinham moradores de todos os bairros do distrito.

Tal qual a maioria das capelas do Rincão Dos Kroeff, essa também era utilizada como escola, na qual as aulas eram com turmas multisseriadas e mistas, com um único professor ensinando, na mesma sala, alunos de diferentes níveis de aprendizagem, idades e sexos. Um dos professores na década da foto era Henrique Paffrath Filho. (BUFFÃO, 2011).

Além das matérias tradicionais, esse docente juntava seus alunos maiores no recreio e em tempos livres para ensinar práticas liberais consideradas de valor à comunidade de imigrantes, como marcenaria e carpintaria, bem como valores

comunitários e religiosos. Segundo Buffão (2011), os alunos treinavam consertando e fazendo bancos e altares e foi nessa capela, que está retratada na Figura 25, que iniciou o costume de comemorar as festas de agosto em homenagem a São Roque. Atualmente, a tradicional festividade do distrito é também em honra a Nossa Senhora das Graças.

Figura 26 – Salão comunitário, escola improvisada ao lado da capela de São Roque, 1956



Fonte: Buffão, 2020.

Já a Figura 26 retrata o salão paroquial da comunidade de São Roque, construído ao lado da capela, na década seguinte a imagem que consta na figura anterior, por volta de 1956. Além das festividades, esse espaço passou a ser então o local onde eram ministradas aulas no bairro, demonstrando que o ensino em espaços de usos e práticas comunitárias e religiosas persistiu por décadas no Rincão dos Kroeff. O professor registrado na foto, em pé ao centro e ao lado das crianças, é Honorino João Buffão.

A Figura 27 ilustra o interior do salão paroquial, com o professor Honorino e seus alunos na década de 1950. É possível contar 38 pessoas dentro desse espaço. As crianças sentadas à frente aparentam possuir idades próximas e são separadas por sexo, enquanto mais ao fundo estão as crianças de idades variadas e em pé, no canto superior direito, estão quatro mulheres adultas. Pela falta de mais informações



sobre a imagem em sua fonte, não se pode afirmar se estas seriam familiares ou membros da comunidade, convidados para participar desse registro. Pelas vestimentas utilizadas, provavelmente se tratava de um dia festivo para a comunidade escolar.

A imagem na Figura 27 possibilita interpretar em sua representação características de organização de uma sala de aula moderna, com classes ao fundo em que as crianças são dispostas de forma ordenada e sentadas a frente de um professor. Por outro lado, infere-se também a presença de práticas e representações confessionais em seu mobiliário e símbolos religiosos. A acomodação dos alunos em bancos dispostos de tal forma, remetem à distribuição dos bancos de uma igreja, bem como a presença da cruz afixada ao centro na parede ao fundo da sala. Nesse sentido, imagina-se, também, que esse espaço era utilizado para catequese de jovens e adultos do distrito.

Figura 27 – Aula no pavilhão da capela de São Roque, década de 1950



Fonte: Buffão, 2011.

Dessa forma, os documentos imagéticos e textuais permitem perceber algumas práticas e representações que atravessavam a cultura escolar dessa época no Rincão dos Kroeff. Entre elas, destaco o trabalho na lavoura, as festividades, os

trabalhos manuais, as práticas religiosas. Segundo Dreher (2008), a vida em comunidades colonizadas por imigrantes era marcada pelas experiências da agricultura, dos trabalhos liberais e pelos aprendizados nas escolas comunitárias, muitas delas de cunho confessional.

Dessa forma, a escola, enquanto espaço de referência fundamental na construção do cotidiano e cultura desse lugar, exprime em sua organização e funcionamento, até a metade do século XX, fortes vínculos com práticas religiosas. Por isso, conforme Kreutz (2004, p. 10), é melhor denominar essas instituições escolares como “[...] escolas étnico-comunitárias confessionais [...]”. Instituições as quais com o decorrer da década de 1930 e 1940 passaram a sofrer rearticulações frente à política de nacionalização, padronização da educação e industrialização do governo de Vargas, uma vez que “[...] com a nacionalização do ensino, a partir de 1937, a estratégia governamental foi de abrir escolas públicas onde havia escolas paróquias.” (KREUTZ, 2004, p. 256).

Cabe lembrar o contexto histórico do país no final do século XIX, na Primeira República (1889-1930), o Brasil organizava-se em torno de um sistema agroexportador e em um modelo político federalista de inspiração estadunidense e com maior autonomia administrativa para os Estados. O início da República marcou mudanças estruturais na sociedade brasileira em seus aspectos políticos, sociais, culturais e econômicos. (ALMEIDA, 2007). Essas mudanças acompanhavam a paisagem e a cultura em um período de acelerada urbanização e a construção de um ideal de Estado e de Nação. Segundo Souza e Grazziotin (2014, p. 165),

[...] no contexto educacional brasileiro, com o advento da República, século XIX, abriu-se um processo de mudanças estruturais que se pautavam pela consolidação do trabalho assalariado e melhoramentos urbanos aliados ao início da industrialização. Os novos olhares voltados à educação indicavam o seu caráter público, universal e laico. O paradigma republicano promoveu uma reestruturação no Estado que buscava, na escolarização, uma possibilidade alternativa para acompanhar as transformações que vivia o País nessa época.

Contudo, essas transformações “[...] tomariam proporções maiores somente mais tarde com a Revolução de 1930.” (ALMEIDA, 2001, p. 35). Logo, a industrialização, o trabalho assalariado e o acesso a direitos básicos de saneamento, educação e saúde, na maioria do território nacional, ficaram restritos –

por um longo período de tempo – a uma minoria da população e geralmente nas grandes cidades.

No decorrer dos anos 1930 e 1940, o governo brasileiro assinou uma série de decretos visando à melhoria e à padronização do ensino em nível nacional e estadual. Nesse processo lento de uma gradativa institucionalização da educação no país, duplicaram-se as instituições escolares disponíveis e multiplicaram-se os estatutos, direitos, regulamentos, concursos e contratações de professores remunerados pelo erário público (ALMEIDA, 2007; WERLE; METZLER, 2010).

A partir da década de 1940, essas mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais que vinham em curso desde o final do século XIX, aos poucos, começam a emergir no espaço educacional rural de São Francisco de Paula. Somente com as garantias legais do direito à educação a todos e com o aumento de incentivos e políticas públicas, em meados do século XX, surgiram as primeiras escolas municipais e estaduais em localidades rurais do município.

Dessa forma, as desigualdades sociais quanto à instrução do povo brasileiro e serrano foram sendo reduzidas na medida em que se foi ampliando o acesso à escola. A princípio por iniciativas próprias de particulares e dessas comunidades em zonas rurais, e, após, com incentivo e a presença do governo. Acerca desse período da educação no município de São Francisco de Paula do início do século, Klein (2016), analisando os censos demográficos, identifica um avanço gradual na alfabetização entre os anos de 1920 e 1950, com uma queda acentuada na diferença de alfabetização entre gêneros.

Assim, algumas dessas mudanças em andamento na educação, que já estavam presentes há décadas nas cidades mais populosas do país, com o passar do tempo, por interesses governamentais nacionalistas, valores e práticas de normalização de uma lógica capitalista em ascensão na cultura e sociedade do país, como também por mobilização e organização popular, passaram a se fazer presentes nos pequenos municípios e nas zonas rurais do Rio Grande do Sul.

Destaca-se, nesse processo, a criação de inúmeras instituições escolares, a princípio por iniciativas particulares, comunitárias e religiosas, que trouxeram outras possibilidades ao contexto educacional do Rio Grande do Sul e ao município de São Chico. E, nessa primeira fase de institucionalização da educação, cabe citar, devido à sua importância, a formação de professores e o acesso ao ensino, as Escolas

Normais Rurais, os Grupos Escolares Estaduais e as Escolas Municipais criadas a partir de 1940.

O Decreto Municipal de nº 39, de 25 de maio de 1954, transcrito por Daros (2020, p.154) possibilita visualizar a rede de ensino de São Francisco de Paula, que se formou à época, a partir da institucionalização crescente do ensino. Conforme o autor, no decreto constam:

[...] 112 Escolas Municipais, 8 Grupos Escolares, 3 Escolas Escolares, 1 Escola Rural e a Legião Brasileira de Assistência, juntamente com os professores designados, auxilia na percepção sobre o tamanho territorial do município de São Francisco de Paula, na década de criação do Curso Normal Regional, bem como sobre a complexidade da estrutura operacional para manter essas instituições e suas condições em longas distâncias da sede municipal, bem como o número de escolas com vagas abertas sem professor, o tamanho dos distritos em função do número de escolas e o tamanho das populações naqueles vilarejos.

A partir do documento, identifica-se um aumento considerável do número de escolas em formação no município e, no que se refere ao distrito de Rincão dos Kroeff, o decreto nº 39/1954, elenca nove Escolas Municipais, conforme o Quadro 4. Nesse sentido, esse documento indica além do investimento governamental que houve – a partir da política de nacionalização do ensino desde a década de 1930 (KREUTZ, 2004) – uma crescente oficialização de escolas comunitárias visando uma padronização nas práticas e valores empregados na rede municipal de ensino.

Quadro 4 – Escolas Municipais do Rincão dos Kroeff em 1954

<b>Localidade</b>	<b>Nome do(s) professor(es)</b>
Horto Florestal	Amabile Menegas e Maria Teresinha Ferreira
Santo Antônio	Celuta Moreira Leite e Valdevina Silvestre
Chuvisqueiro	Guida Paim Sparrenberger
Capela São Roque	Jeronimo Posenatto e Guilherme Alexius Muller
Linha São Jacob	Eronita Cesaria Menegas
Cravina	Maria Gomes da Silva
Lageado do Sumidouro	Vaga
Linha Santa Rosa	Orena Vitoria de Mello
Potreiro Velho	Vaga

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de Daros, 2020.

As informações existentes sobre as instituições escolares municipais do Rincão dos Kroeff, na década de 1950 a 1970, como também nas memórias

produzidas pelas professoras Alda e Margarete acerca de suas infâncias vividas e escolarização no distrito, indicam algumas características e práticas de ensino nesse espaço, que se mantêm no decorrer do tempo.

Entre elas destaco: as turmas multisseriadas de único professor (geralmente leigo); a existência de poucos professores em razão do número de escolas, a adversidade socioeconômica vivida pela comunidade no campo com a industrialização e desvalorização da agricultura familiar; o ensino em locais improvisados, como salões comunitários e igrejas e as longas distâncias percorridas por alunos e professores, diariamente, para chegarem a algumas destas escolas. Nesse sentido, é importante destacar a inexistência dos anos finais do ensino fundamental no distrito até o ano de 1978 quando foram instituídos na Gastão Englert. Destaca-se, também, que até 2005 não havia transporte escolar para a referida escola.

Ainda no que se refere ao decreto do quadro 4, percebe-se que as duas escolas elencadas como vagas, sem professores, situavam-se em localidades mais isoladas e historicamente de difícil acesso, tanto em relação à sede do município, quanto ao centro do distrito; são elas: Potreiro Velho e Sumidouro.

Por outro lado, entre as três escolas que apresentam dois professores cada uma e, provavelmente, um maior número de alunos estão Santo Antônio e São Roque, bairros – como vimos – em que se centralizou a ocupação e, portanto, já melhor estabelecidos em localização e em infraestrutura na década de 1950. Cabe pontuar que, mesmo assim, em São Roque as aulas permaneciam ocorrendo na capela, como registram o documento e as fotografias desta seção. Logo, esses centros comunitários possuíam melhores condições de vida com moinhos, serrarias, escolas e igrejas e, contavam, inclusive, a partir da década de 1940, com uma linha de ônibus que atravessava a sede do distrito em sentido litoral, pela Serra do Umbu ou em direção ao centro do município, via RS-484.

Já a Escola Horto Florestal apesar de não se situar em uma localidade historicamente muito habitada, ficava dentro dos limites da Floresta Nacional e a meio caminho em direção ao centro do município. Dessa forma, infere-se que a necessidade de dois professores ocorria por atender as famílias que se mudaram para a Vila recém criada, com a finalidade de exploração econômica da madeira, prática então em ascensão no município. Conforme Buffão (2011), essa instituição teve vida curta, pois durou enquanto as atividades de reflorestamento e de

exploração de *pinus* e de araucária eram permitidas na Floresta Nacional e davam retorno econômico aos moradores.

Esse panorama do ensino no Rincão, na década de 1950 a 1960, também possibilita inferir que os movimentos migratórios em nível nacional e estadual, com um crescente êxodo rural em direção à cidade, começavam a afetar o cotidiano no distrito, principalmente, em suas escolas e em comunidades mais isoladas. Porém, como o centro do Rincão e os bairros vizinhos já estavam melhores estabelecidos, identifica-se uma manutenção da densidade demográfica com a vinda de moradores dos bairros mais distantes, pelo menos no decorrer da década de 1950.

Contudo, até mesmo a sede e as suas localidades vizinhas não ficaram imunes ao fluxo migratório ocorrido do campo para cidade, no decorrer das décadas de 1960 a 1990, no Rio Grande do Sul, devido ao avanço da industrialização da agricultura. Logo, é possível perceber a reconfiguração da Escola Gastão Englert, em 1978, como um espaço maior, melhor localizado e, então, atendendo no distrito os anos finais do ensino fundamental, como uma tentativa municipal de conter o êxodo rural em progresso, fixando o povo a terra.

Assim, ainda com um desenvolvimento crescente na densidade populacional do distrito no decorrer da década de 1940, além das escolas municipais elencadas no quadro 4, o Rincão dos Kroeff passou a contar com uma instituição escolar estadual, a Escola Rural Álvaro Aveline, inaugurada em 1949.

Localizada no bairro Santa Tereza, no cruzamento com entre as estradas que separam a localidade da sede, a instituição escolar foi construída em um trabalho conjunto de líderes da comunidade, do município e do estado. A Figura 28, abaixo, registra a instituição na data de sua inauguração.

Figura 28 – Prédio da Escola Estadual Rural Álvaro Aveline



Fonte: Buffão, 2011.

A escola, a princípio, funcionou até a 4ª série, com turmas multisseriadas e mistas em uma única sala. Em sua inauguração, a instituição escolar, construída em alvenaria, contava com um banheiro, uma cozinha e uma sala ampla para até 40 alunos. As aulas eram lecionadas por um professor.

Posteriormente, passou a atender também a 5ª e 6ª séries, quando dividiam sua sala e turmas em duas nos turnos da manhã e à tarde, até que esses anos do ensino fundamental fossem transferidos para Gastão Englert, em 1976.

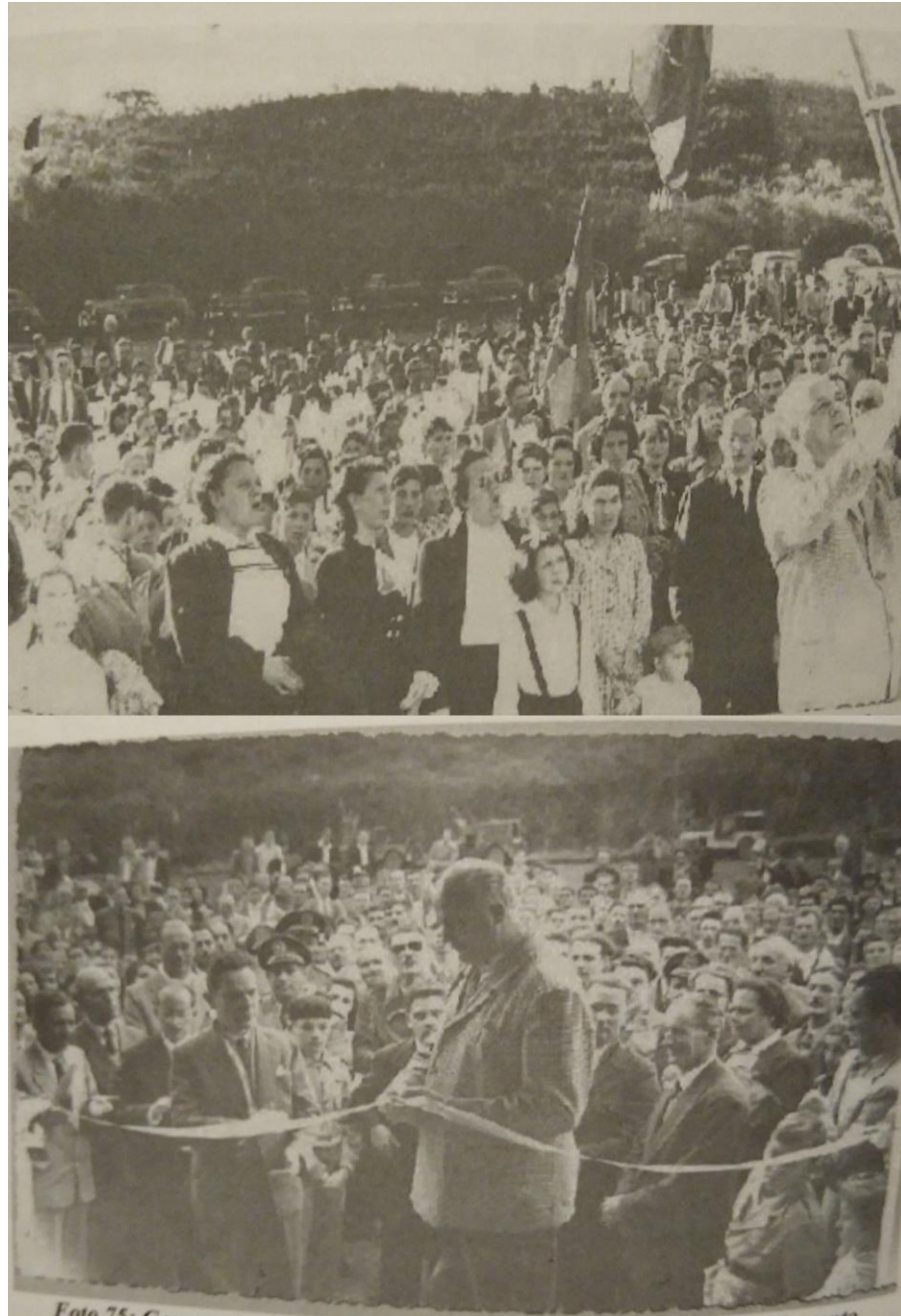
A instituição escolar, criada em 1949, teve os seus trabalhos encerrados pela Secretaria de Educação Estadual após a aposentadoria de sua professora, em 2009, segundo o parecer nº 247/2010, pelos seguintes motivos:

[...] em virtude de 08 alunos (séries multisseriadas) estarem matriculados na Escola, a família de três, destes alunos, transferiu-se para outros municípios, sendo que somente cinco alunos permaneceriam na Escola, a professora/diretora ter se aposentado e não ter outra professora que quisesse assumir na Escola, a partir disso cessando as atividades da mesma e os 05 alunos remanescentes foram transferidos e matriculados na E.M.E.F. Gastão Englert, no município de São Francisco de Paula.

A inauguração desse espaço de ensino foi um acontecimento para o distrito e as imagens, que compõem a Figura 29, abaixo, registram esse momento, no qual o

então governador inaugurava – junto a líderes políticos e comunitários – a Escola Rural Álvaro Aveline, após um discurso, o hino e o hasteamento da bandeira nacional. É possível identificar na segunda imagem da Figura 29, o terceiro na frente, da esquerda para direita entre alguns líderes comunitários, Luiz Adolpho Gaston Englert, então secretário da fazenda do Governador Walter Só Jobim.

Figura 29 – Inauguração da Escola Rural Álvaro Aveline



Fonte: Adaptação do autor a partir de Buffão, 2011.



Sendo assim, interpreta-se uma gradativa sistematização da educação tanto no município, quanto no distrito do Rincão dos Kroeff, no decorrer da primeira metade século XX. Contexto no qual a Escola Rural Álvaro Aveline - como foi nomeada à época primeira instituição escolar estadual, criada e mantida pelo erário público, totalmente em alvenaria e com mobiliário completo para as atividades de ensino - representa um marco da escolarização nesse espaço.

#### 4.3 UMA ESCOLA NO RINCÃO

A partir da década de 1940, ocorre uma sistematização do ensino no município e um esforço da administração pública em aumentar o acesso da população às instituições escolares. Contudo, permanecem as desigualdades no processo de escolarização em todo o território nacional, sendo que o meio rural sofre historicamente com uma política de abandono em relação aos espaços urbanizados.

Essa discrepância acompanhou a intensificação da industrialização no país no decorrer do século XX e, a partir de uma crescente lógica capitalista, o espaço rural foi cada vez mais representado como “[...] um lugar atrasado, de privação, sem direitos adquiridos, de submissão e dependente das cidades. Estas por sua vez, adquiriram a representação de um lugar dinâmico, autônomo, no qual eram respeitados os direitos dos cidadãos.” (WERLE; METZLER, 2010, p. 28).

O êxodo rural para as cidades torna-se uma constante maior, em âmbito nacional, nos anos 1940 e “[...] a educação passa a ser novamente reivindicada como uma alternativa capaz de solucionar os problemas da nação, mas agora entre os problemas levantados apresenta-se a questão rural.” (ALMEIDA, 2007, p. 63). Igualmente, esse tema começa a ser preocupação de alguns setores acadêmicos e jurídicos que nesse período visaram promover garantias e políticas públicas específicas para as zonas rurais na época.

Segundo Nörnberg (2008, p.28), “[...] algumas iniciativas emergem na defesa da necessidade de formação para o trabalho agrícola [...] e para tanto se fazia necessário aproximar a escola de tarefas práticas às necessidades da população do campo.” Nesse período, a institucionalização das Escolas Normais Rurais, em todo território do Rio Grande do Sul, e o investimento governamental, em Escolas

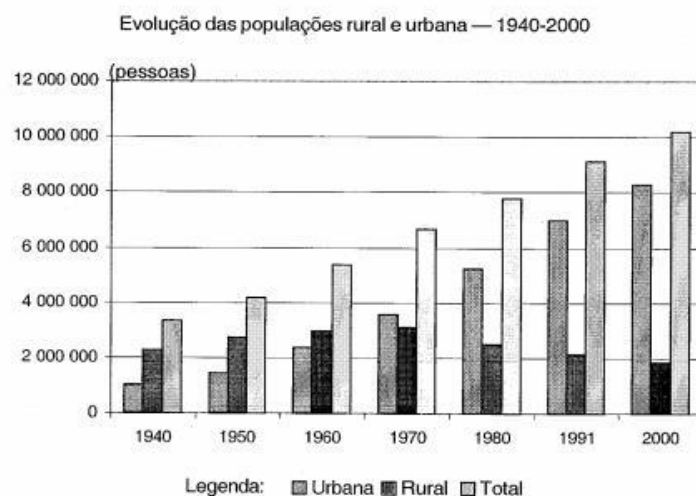
Municipais e em Grupos Escolares, em São Francisco de Paula, acompanham essa dinâmica em que a formação de professores esteve vinculada a um contexto de fixar o homem no campo, como também a ideais de civilizar e levar o progresso para esse espaço. (ALMEIDA, 2007; DAROS, 2020; WERLE; METZLER, 2010).

Nessa dicotomia formada no regime de pensamento e na organização social contemporânea, o espaço urbano é percebido como o território onde se desdobram os avanços da modernidade, enquanto o campo é visto como um local de conservadorismo e atraso, “[...] onde a natureza prevalece, a agricultura e outras atividades a modificam, mas não lhe retiram sua prioridade ‘geográfica’” (LEFEBVRE, 1986, p. 162). Conforme Marques (2002, p. 107) “[...] nos países ‘em vias de desenvolvimento’ ocorre um grande impacto sobre a estrutura agrária neste período, empurrando para as cidades massas de camponeses que são acolhidos pelas favelas.”

No Rio Grande do Sul, o processo de industrialização e êxodo rural se intensifica na década de 1960 levando “[...] um grande contingente de pessoas para as cidades em um curto período de tempo [...]” (MANFROI, 2020, p. 22). Nesse mesmo sentido, Schneider e Radomsky (2002, p. 673) afirmam que “[...] o processo de urbanização no Estado se afirmou durante a década de 60, quando pela primeira vez em sua história a população urbana superou a população rural.”. Esse fluxo migratório do meio rural para o urbano no estado é percebido na Figura 30.

Figura 30 – Evolução das populações rural e urbana no Rio Grande do Sul

Gráfico 1



FONTE: IBGE. Censos Demográficos 1970; 1980; 1991; 2000. Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, 1973; 1982; 1994; 2000.

Fonte: Schneider; Radomsky, 2002.

O intenso processo de migração a partir da década de 1960 também afetou o município de São Francisco de Paula e reconfigurou seu território. Dessa forma, no decorrer das décadas seguintes, percebe-se uma diminuição do total da população com o passar do tempo e uma mobilidade em direção às áreas urbanizadas.

Em relação à década de 1950, a população do município, em 1980, cai quase à metade em apenas três décadas, indo de 40.910 para 23.137 moradores informados no censo de 1980. (BRASIL, 2021). Já o censo de 1991 registra 19.251 pessoas em São Francisco de Paula, estando 13.214 deles domiciliados na sede urbanizada do município e os outros 6.037 restantes nos outros seis distritos rurais, sendo 718 deles moradores do Rincão dos Kroeff (BRASIL, 2021). Esses últimos dados destoam com os identificados até a década de 1950 no território do município, no qual aproximadamente 90% dos moradores viviam em seus espaços rurais.

Esse processo migratório também constituiu o contexto educacional do município nesse período. Assim, sendo a escolaridade uma variável importante na determinação da migração (ALVES, 2006), a constante falta de investimentos no meio rural fez com que muitas famílias buscassem no meio urbano melhores condições de infraestrutura social e educação para seus filhos.

Nesse sentido, visando conter o fluxo migratório que formava uma massa de mão-de-obra desqualificada para o trabalho industrializado, houve investimento governamental que se percebe no “[...] crescimento do número de estabelecimentos de ensino cuja proposta atendia à preparação mínima para o trabalho, fosse ele no campo ou na cidade.” (SOUZA, 2011, p. 60).

A criação da escola Gastão Englert se insere na dinâmica de mobilidade e reconfiguração do espaço e do ensino no distrito. Inaugurada em 09 de março de 1968, no então governo do senhor prefeito municipal Podalírio Alves da Silva, a escola foi reorganizada no decorrer do tempo.

A princípio, de 1968 a 1975, a Gastão Englert funcionou de 1ª a 4ª série em um prédio conhecido como “Escola Rosa”, localizado na sede do Rincão dos Kroeff, próximo à propriedade do senhor Hugo Martini. A Figura 31, abaixo, ilustra a antiga escola. Atualmente, a construção está abandonada.

Figura 31 – A Escola Rosa, primeiro prédio da Gastão Englert



Fonte: Acervo de Mari Rech Casagrande, 2020.

A escola possuía uma infraestrutura física e pedagógica muito melhor do que as anteriores construídas no distrito. De localização privilegiada, na sede, a instituição escolar apresenta mudanças na composição do cenário de ensino também a partir da disposição de seu espaço e de seu corpo docente.

A escola é toda em alvenaria, organizada com uma cozinha com refeitório, dois banheiros e duas salas de aula, cada qual com 30 carteiras escolares. Essa disposição, somada ao aumento do corpo docente, agora com seis professores e um funcionário, permite identificar um investimento maior e uma preocupação crescente do governo municipal quanto à organização e seriação do ensino por níveis de aprendizado. Inclusive, rompe com as habituais salas destinadas a turmas multisseriadas e de professor único, que marcaram esse cotidiano escolar por um longo período.

Esse processo de seriação e de divisão do espaço se iniciou já na escola Rural Álvaro Aveline, na década de 1960, quando, de forma improvisada ainda com panos, os docentes dividiam a ampla sala construída para quarenta alunos em duas

turmas. Cabe lembrar que a prática das turmas multisseriadas esteve presente na história da educação dos espaços rurais do Rio Grande do Sul e no município de São Francisco de Paula não foi diferente (SOUZA, 2011; DAROS, 2020).

No distrito, a prática das turmas multisseriadas continuou em muitas de suas escolas isoladas como rememora a entrevistada Margarete sobre o período no qual trabalhou na Escola Jacó Kroeff, em 1987, no bairro Quebra-Cabo, e na Escola da Boca da Serra, em 1992, na Serra do Umbu. Ambas as instituições eram com turmas de professor único e multisseriadas de 1ª a 4ª séries, localizadas em locais de difícil acesso e sem a infraestrutura básica encontrada na sede do distrito. Assim, essas aulas ministradas em escolas de turma única, com condições físicas precárias como relata a entrevistada, muitas vezes eram a única alternativa de acesso à educação básica nesses locais mais distantes. Segundo Margarete “[...] *ninguém queria ir, porque o lugar era quase que impossível.*”.

Porém, a partir da criação da Gastão Englert, percebe-se que as turmas foram gradativamente organizadas de acordo com o seu nível de aprendizado. Por exemplo, a 1ª e 2ª séries ficavam juntas em uma sala, enquanto a 3ª e 4ª séries ficavam em outra. Essa tática é ainda utilizada na instituição escolar, conforme a necessidade, seja pela falta de professores disponíveis no meio rural ou por alunos em algumas turmas, sendo que, em 2019, a escola possuía quatro turmas multisseriadas: o pré I e II, 1º e 2º, o 3º e 4º e o 8º e 9º ano.

A primeira ata do livro de Registros e Atas da E.M.E.I.E.F. Gastão Englert, de 1976, Figura 32, permite identificar que a escola passou a atender a 5ª e 6ª série da E.E.E.F.I. Álvaro Aveline, quando tais séries foram desativadas nessa escola. Isso possibilita inferir uma mobilidade de sua população em direção à sede.

Destaca-se na ata da reunião a presença do padre local, como também um aumento do corpo docente escolar. Nesse contexto, a organização do ensino no distrito com a inauguração da Gastão Englert, em 1968, passou a se aproximar mais das exigências de escolarização contemporâneas. Assim, nesse período, o ensino na instituição escolar passou a ser dividido entre os professores, cada qual lecionando uma disciplina ou mais, de acordo com sua área de conhecimento.

Igualmente, o documento indica no Parecer nº 76 de 1972, do Conselho Estadual de Educação, que a escola já estava autorizada para funcionar até a 6ª série do Ensino Fundamental, mas que de fato isso só se efetivou quatro anos depois, em 1976.

Figura 32 – A primeira ata da Gastão Englert, em 1976.

Ata nº 1

Dos vinte e cinco dias do mês de março de mil novecentos e setenta e seis realizou-se, no Salão Diretora Municipal de Educação e também representante da 11 Delegacia de Educação, do Reverendo Padre Ruy Boza, da diretora da E. A. Álvaro Aveline, representantes do corpo docente dessa escola e da E. M. Gastão Englert, pais de alunos, uma reunião na qual foram tratados os seguintes assuntos: - desativação da 5ª série da E. A. Álvaro Aveline e transferência desses alunos para a E. M. Gastão Englert; - instalação da 5ª e 6ª série na E. M. Gastão Englert, de acordo com o Parecer n.º 27/72, digo, Parecer n.º 26/72, de 23 de março de 1972, do Conselho Estadual de Educação; - abertura do ano letivo. Nada mais havendo para tratar, leu-se esta ata que, após lida e aprovada, foi assinada pelos presentes. Fundação do Kroeft, 25 de março de 1976.

Bernildesteis, Homageiros,  
 Tralima Guimarães/Santo  
 Leontina M. Sealeon B  
 Luiza Kawaida Santo Tione  
 Odélia Maria Martini  
 Teresinha Maria Garhini  
 Faiza Martini Zucatti  
 Vicente Zita  
 Iba M. Vidore  
 João Masiero  
 Carmelina Reich Ahlvaab  
 Lorna L. Schmaal  
 Lourdes Albertina Magelli  
 Hermelinda B. Sealeon  
 Ana M. Barcarolo

Fonte: Acervo da E.M.E.I.E.F. Gastão Englert, 2020.

A reorganização da Gastão Englert exigiu, na instituição, um espaço maior para as práticas de ensino, agora marcadas por uma gradativa seriação e divisão de

turmas, antes multisseriadas. Dessa forma, no ano de 1978, um novo prédio foi construído na localidade. Ele existe atualmente ao lado da Igreja Matriz (de Nossa Senhora das Graças e São Roque), em local privilegiado, na sede do distrito.

Esse prédio foi construído nos mesmos moldes do anterior, com duas salas, dois banheiros e uma cozinha com refeitório. Assim, à época de sua inauguração, as aulas eram divididas entre as duas construções, sendo a “Escola Rosa”, apelidada pela comunidade de “Gastãozinho” e destinada à Educação Infantil no período da tarde, e aos Anos Iniciais (1ª a 4ª série) do Ensino Fundamental no período da manhã; enquanto o novo prédio agora passava a atender a 5ª e a 6ª série dos anos finais do Ensino Fundamental no turno da manhã.

Em 1979, a Gastão Englert sofreu uma nova reorganização, a partir da Portaria nº 11369 de 29 de maio de 1979, e passou a atender também os anos finais do ensino fundamental, no turno da tarde, na época, a 7ª e a 8ª série, sendo esta última efetivada apenas no ano seguinte, em 1980. Com essa mudança, foi possível, finalmente, que os moradores do Rincão concluíssem seus estudos no próprio distrito onde moravam, pelo menos a etapa do Ensino Fundamental.

Entre essas transições e reorganizações, destacam-se os intervalos no aprendizado existentes no distrito, por exemplo, os alunos da 6ª série de 1977 tiveram de esperar mais de um ano para continuar seus estudos. E, nota-se, a partir dos documentos analisados, que essa prática era recorrente em muitos espaços isolados do município – atravessados pela incerteza da continuidade do ensino nessas instituições no ano seguinte, tanto por parte dos alunos, quanto professores, como relataram os entrevistados.

Nesse contexto de dificuldade de acesso à escolarização, muitos moradores do Rincão dos Kroeff, nesse período, paravam sua formação escolar na 4ª série. Enquanto isso, algumas famílias, com melhores condições, buscavam na migração possibilidades de oportunizar a continuidade do ensino aos seus filhos, como fizeram os pais de Alda e de João. Igualmente, identifica-se, nos documentos, que alguns moradores desse espaço rural voltaram a estudar apenas quando os anos finais do Ensino Fundamental foram criados e ofertados na Gastão Englert, em 1979.

Margarete representa essa última realidade, pois rememora em sua trajetória ter repetido três vezes a quarta série na Escola Municipal José Bonifácio, no bairro Cravina. A entrevistada relata também que até a criação dos anos finais na Gastão

Englert, ela não havia conseguido concluir seus estudos, apesar da vontade e das tentativas, sem sucesso, em outros municípios. Logo, infere-se que o hábito de repetir as séries nos espaços rurais de São Francisco de Paula era comum. Além da dificuldade econômica de boa parte dos moradores dos distritos rurais, somam-se adversidades como a distância de acesso às escolas de Ensino Fundamental Completo e de Ensino Médio e as condições precárias existentes nas estradas do interior do município, a maioria delas não cobertas por meio transporte público e regular, como Margarete ressaltou em diversos momentos em suas memórias.

*“Aí a gente tinha que repetir a 4ª série...e eu repeti três anos porque eu queria estudar mais, mas não tinha outra escola. Aí abriu a escola Gastão aqui no Rincão dos Kroeff, só que eram 6 km para caminhar, não tinha o transporte, não tinha nada. Eu meti a cara, sabe e vinha até o 8º ano, a maioria desistiu, mas eu fui em frente. Mas termina a 8ª série e aí? 40 km para a cidade saindo de casa”. (Margarete).*

Assim, suas lembranças recompõem nuances desse cotidiano de ensino no distrito rural do Rincão dos Kroeff, até pelo menos a década de 1980. Cabe lembrar que muitas das adversidades por ela elencadas, como a distância percorrida diariamente na formação no Ensino Fundamental, tornaram-se ainda maiores durante o Ensino Médio e no período de sua graduação.

Ressalto que essas dificuldades permanecem como um desafio ainda presente para os moradores desse lugar e de outros distritos rurais de São Francisco de Paula. Nesse sentido, ao rememorarem a prática cotidiana de suas trajetórias, esses professores, evidenciam “[...] elementos que possibilitam o entrecruzamento de lembranças, de práticas sociais e de relações de poder.” (SOUZA; GRAZZIOTIN, 2016). Sendo assim, as memórias são reveladoras de práticas, estas compreendidas como criadoras de “usos ou de representações”. (CHARTIER, 2004, p. 13).

Nesse contexto, percebe-se, nos documentos escritos e orais, uma demanda represada por escolarização no final da década de 1970, e que demorou ainda alguns anos para se regularizar, isto é, para que tivesse disponível no distrito oferta de vagas para todas as séries do Ensino Fundamental, de acordo com a idade considerada padrão. Esse fato foi lembrado pelo professor João quando de sua chegada na Gastão Englert, em 1979, “[...] a minha primeira experiência como professor foi essa do Rincão. Aí eu tive essa conversa com eles, pois quando



*cheguei lá me surpreendi que era para adulto...".* Essa realidade de alunos mais velhos, com idade para estarem no Ensino Médio, pode ser vista na imagem que compõe a Figura 33, abaixo, que retrata a primeira formatura de Ensino Fundamental desta instituição escolar, em 1980.

Figura 33 – Primeira formatura da Gastão Englert, 1980.



Fonte: Acervo de Mari Rech Casagrande, 2020.

Referente à primeira formatura, a 1ª ata do livro de registros da escola, em 1980, remete a esse acontecimento de formação, sendo em parte transcrita aqui.

Aos treze dias do mês de dezembro de 1980, às 9h30min no salão da igreja da matriz do distrito do Rincão dos Kroeff teve lugar a cerimônia de entrega de certificados para a primeira turma de concluintes do 1º grau da Escola Municipal Gastão Englert. A cerimônia deu início com a celebração de uma missa, terminada a missa, precedeu-se a cerimônia da formatura convidando as autoridades: Sr. Escobar da Silva N. Marques, paraninfo, Sra. Sirlei M. Marques, presidente da L.B.A., profa. Sirlei Teresinha Francisca da Silva, coordenadora do Ensino Municipal, Sr. Dionel Paulino, presidente do Ciclo de Pais e Mestres, profa. Adélia Martini, diretora da Escola M. Gastão Englert para comporem a comissão de entrega de certificados. Na mesa composta a presente comissão a profa. Vânia convidou os presentes a ouvirem o hino nacional. Chamou-se a aluna [...] e a comissão deixou a mensagem aos demais jovens para que não deixem de estudar.

Destaca-se a presença de várias autoridades, o que demonstra a importância do evento no município, o qual também foi registrado pela mídia da época. A Figura

34, abaixo, traz um recorte de jornal sobre esse acontecimento, que possibilita identificar o contexto do ensino rural no município ainda atravessado pela dificuldade de se cursar a Educação Básica.

Figura 34 – Recorte de jornal sobre a 1ª formatura da Gastão Englert



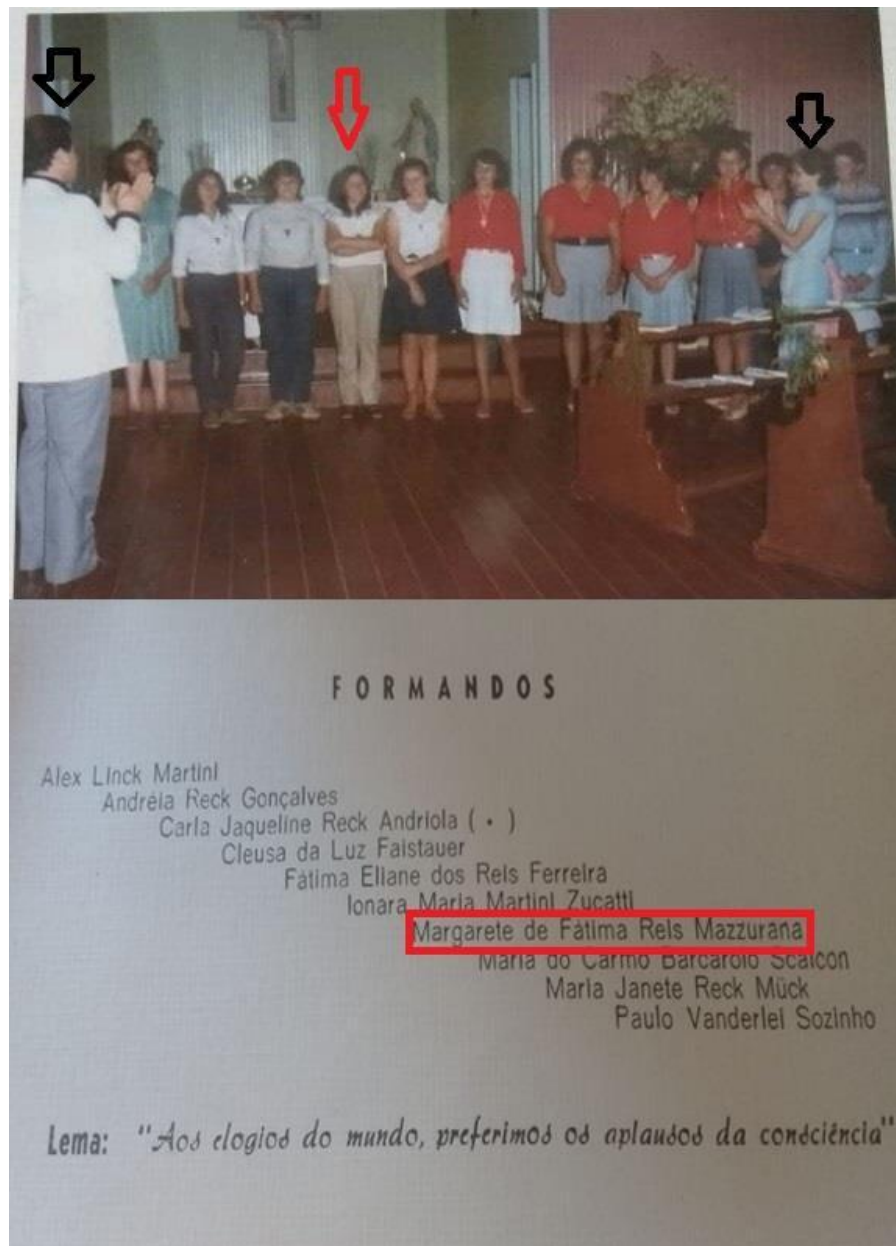
Fonte: Acervo de Mari Rech Casagrande, 2020.

A notícia da época destaca que essa foi a primeira Escola Municipal a formar uma turma de Ensino Fundamental Completo. Logo, esses registros possibilitam inferir que na extensa área dos distritos rurais do município os alunos do ensino fundamental, provavelmente, sofriam do mesmo problema, isto é, da dificuldade para a conclusão de seus estudos.

As imagens que compõem a Figura 35, logo abaixo, referem-se à formatura de Margarete, em 1984, então com 17 anos de idade. João e Alda estavam

presentes como professores. A seta vermelha, ao centro, indica a professora Margarete, enquanto as localizadas nos lados esquerdo e direito, na cor preta, apontam para João e Alda, respectivamente. Nesse registro, quatro anos depois da criação da 8ª série, também se percebem alunos com idade avançada, o que possibilita inferir que havia uma demanda de alunos aguardando vaga para concluírem seus estudos na escola.

Figura 35 – Formatura de Margarete na Escola Municipal Gastão Englert, em 1984.



Fonte: Acervo de Mari Rech Casagrande, 2020.

A imagem da Figura 36, abaixo, registra o corpo docente na época da primeira formatura, em 1980. Destacam-se Alda e João de braços dados, à direita. É importante ressaltar que tanto nas fotos encontradas dessa década, quanto na seguinte, todas as formaturas e ocasiões solenes da Escola Municipal Gastão Englert costumavam acontecer na Igreja ou no Salão Paroquial. Dessa forma, é possível concluir que havia, ainda, uma relação próxima com a religião católica nas formas de ensinar, no distrito, bem como a ausência de uma estrutura na Escola Gastão, tal como um espaço amplo e adequado para a realização de formaturas.

Figura 36 – Corpo docente da 1ª formatura, em 1980.



Fonte: Acervo de Ionara Menegaz Muller, 2018.

Entre o corpo docente da escola no período analisado, de 1968 a 1998, encontram-se registros no livro de Atas dos seguintes professores: Rosalba Rech, Arlindo Rech, Nair Pioner, Eva Zelira, Arlindo Rech, Margarida Pioner, Adélia Martini, Terezinha Martini, Anita Martini, Lourdes Andriola, Marta Bresolin, João e Alda

Zacarias, Neusa Pozenatto, Leusa Medeiros, Carmem Martinotto, Suzana Martinotto, Rita Sueli Barcarolo, Edí Barcarollo, Margarida Demenigui, Margarete Sita Lauxen, Denise Martinoto Machado, Jucinara Aparecida Pereira Martins, Leide Laura da Silva Sheila, Maria Eni Teixeira, Franciéli Ritter, Thiago Faistauer, Daniela Lauxem, Fabi Leite, Danubia Menegas, Janaina Nunes, Silvia Marques, Leo Lerner, Neiva Zucatti, Ana Lucia Barcarolo, Margareth Pinto, Clari Demenigui, Bruna Castello dos Reis, Madalena Scalcon, Ionara Zucatti, Margarete Mazzurana Grassmann, Terezinha Kleim e Marta Custodio. Além dos funcionários: Jurema Schuwaab, Ione Menegas, Nice Furlanetto Paulino e Edite Casagrande.

Na década de 1990, o aumento das exigências de escolarização para o mercado do trabalho já é uma realidade em nível nacional e estadual. No distrito, percebe-se mobilizações junto ao governo municipal a fim de que a instituição escolar Gastão Englert fosse ampliada e oferecesse mais oportunidades de ensino. Sendo assim, em 1993, começou a reforma que levou a disposição atual, organizada com nove cômodos: uma sala da direção, um refeitório, quatro salas de aula, um banheiro, uma cozinha e uma pequena biblioteca.

Na mesma época, o antigo prédio da “Escola Rosa” foi abandonado e Margarete começou a lecionar na Gastão, relatando a nova reorganização. A escola então passou a funcionar nos três turnos: Educação Infantil e anos Iniciais do Ensino Fundamental, à tarde (de 1ª a 4ª série), anos finais do Ensino Fundamental, pela manhã (da 5ª a 8ª série) e o EJA, à noite. Contexto no qual ela rememora emocionada sua trajetória de alfabetização, quando lecionou por seis anos no EJA da escola Gastão, ensinando adultos, moradores do distrito das mais diversas idades, a lerem e a escreverem.

O boletim escolar do então aluno Márcio Buffão, na Figura 37, disponibilizada abaixo, permite identificar algumas das disciplinas escolares existentes na década de 1990, porém destaca-se que muitas delas já estavam presentes, também, na década passada ao serem relatadas nas memórias de João e Alda.

Figura 37 – Boletim Escolar de 1993

Assinatura dos Pais ou Responsável	
Março	<i>Flamio Buffão</i>
Abril	
Maió	<i>Flamio Buffão</i>
Junho	
Agosto	<i>Flamio Buffão</i>
Setembro	
Outubro	
Novembro	



Prefeitura Municipal de São Fco. de Paula  
Secretaria Municipal de Educação e Cultura

## BOLETIM ESCOLAR

1993

Aluno: Márcio Raffrath Buffão  
 Serie: 8ª  
 E. M.: de 1º Grau Gastão Englert  
 Localidade: Sede  
 Distrito: Rincão dos Kroeff

DISCIPLINAS	1.º Bimestre			2.º Bimestre			3.º Bimestre			4.º Bimestre			Média dos Bimestres	Recuperação	Resultado Final	Apreciação Final
	Notas	Aulas Dadas	Faltas	Notas	Aulas Dadas	Faltas	Notas	Aulas Dadas	Faltas	Notas	Aulas Dadas	Faltas				
Português	63	39	0	62	40	0	65	36	05	60	47	0	63	-	63	O Aluno foi <u>aprovado</u> na <u>8ª</u> Série e Freqüentará a <u>8ª</u> Série no próximo ano.
Educação Artística	80	12	0	87	31	6	55	20	02	67	17	0	72	-	72	
Educação Física	60	53	0	55	23	0	63	35	0	83	34	0	65	-	65	
Matemática	50	36	02	73	60	2	46	39	03	67	25	0	59	-	59	
Ciências Fis. e Biolog.	50	21	0	61	33	3	54	27	0	55	39	0	55	-	55	
História	68	25	0	67	16	0	65	38	0	78	31	0	70	-	70	
Geografia	69	20	02	67	28	2	57	20	0	69	32	0	66	-	66	
Ed. Moral e Cívica - OSFB	95	09	02	40	14	0	54	11	02	-	-	-	-	-	-	
Exatas Religiosas	100	11	0	100	15	0	80	09	0	100	06	0	95	-	95	
Técnicas Agrícolas	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Técnicas Domésticas	83	15	0	97	42	9	80	30	03	75	33	0	84	-	84	
Dias Letivos																

*Dartind*  
Assinatura do Professor

Fonte: Acervo de Buffão, 2020.

Observa-se um processo histórico durante todo o século XX de sistematização e padronização do ensino que demorou a chegar no espaço rural. No distrito do Rincão dos Kroeff, a Gastão Englert, a partir de sua fundação, assume, gradativamente, uma posição de centralização na escolarização de seus habitantes.

Assim, após a contextualização histórica aqui construída sobre o espaço e a instituição escolar, a próxima sessão destina-se a análises das entrevistas realizadas com os docentes da E.M.E.I.E.F. Gastão Englert.

## 5 SER PROFESSOR NO RINCÃO: MEMÓRIAS DE ENSINO RURAL

Nesta seção, dedico-me à análise das entrevistas semiestruturadas realizadas com os três docentes que desempenharam suas atividades na instituição escolar Gastão Englert, no período de 1968 a 1998. Dessa forma, na percepção do quanto as condições espaciais e históricas em suas inter-relações estiveram presentes nas representações do passado, construídas sobre a docência no distrito, esta seção foi nomeada como *Ser professor no Rincão: memórias de ensino rural*.

As entrevistas totalizaram 156 minutos de gravação e, após transcritas, formaram um documento escrito com um total de 50 páginas. A escuta atenta das gravações, o processo cuidadoso da transcrição e a releitura minuciosa desse documento produzido a partir das memórias dos entrevistados, possibilitou a emergência de duas categorias de análise: *Como se constituem professores leigos?* e *Indícios de práticas e culturas escolares*.

As categorias apresentadas, nos parágrafos a seguir, são interpretações possíveis das memórias construídas no ato da entrevista. Logo, carregam traços, ideias e subjetividades do pesquisador, mas, principalmente, têm em vista os objetivos e os questionamentos propostos para esta pesquisa. Nesse sentido, as reflexões estabelecidas nesta seção de análise são enquadramentos possíveis, escolhas que se fundamentam tanto na perspectiva teórico-metodológica assumida, quanto nos conceitos estabelecidos como referência durante a pesquisa.

A partir dos fios de lembranças rememorados, identificam-se algumas dinâmicas e características que atravessam suas representações do passado. Processo no qual se percebe que os professores participantes, narram práticas de uma cultura relacionada à uma forma de organização coletiva, na qual o rural é compreendido enquanto lugar de pertencimento e de ação cotidiana. Igualmente, identificam-se em suas representações modos de ser e agir, formas de aprender e ensinar, valores e relações de poder nas quais esses docentes se inserem, estabelecendo táticas a fim de exercício profissional e de apropriação desse espaço.

Segundo Lima (2018, p. 12), “[...] a história das escolas rurais se confunde com a ação política de seus professores [...]”. Nesse sentido, dimensionar a participação e valorizar a cultura desses sujeitos para a história da educação rural é de suma importância em uma análise que visa superar uma naturalização sobre o rural, seus sujeitos e suas instituições escolares. Em vista disso, a primeira categoria

desta seção, *Como se constituem professores leigos?*, emerge a partir dos questionamentos de pesquisas e das falas dos entrevistados em que se identificam, nos cenários de ensino narrados, uma predominância de professores leigos, sem formação para o exercício da docência.

O intuito dessa categoria não é desqualificar a formação normal ou acadêmica, mas sim “[...] aquilatar a função que a formação pela cultura empírica representou para os professores das escolas rurais, uma vez que a sua presença era central naquele cotidiano escolar” (LIMA, 2018, p. 417). Por outro lado, visa ressaltar que a experiência enquanto prática vivida, reelaborada na memória narrada pelos entrevistados, oferece vestígios importantes sobre a atuação docente no meio rural, uma vez que é pelas representações e valores atribuídos por esses sujeitos que é possível compreender como se compõem “[...] espaços e tempos; conhecer [...] como se desenvolveram distintas trajetórias de um fazer pedagógico, cultural e social.” (SCHELBAUER; SOUZA, 2020, p. 363-364).

A segunda categoria, *Indícios de práticas e culturas escolares*, visa ir além nesse escrutínio das representações narradas, a fim de encontrar práticas, saberes hábitos, valores e formas de organização de ensino que se sedimentam na cultura escolar desse lugar, com evidência para as relativas à instituição escolar Gastão Englert no período abordado na pesquisa, de 1968 a 1998.

Em ambas as categorias, o conceito de *cultura escolar* se destaca. Compreendido a partir de Viñao Frago (2000, p. 100), vai muito além de práticas e representações existentes na Instituição, uma vez que é constituído por uma constelação de inter-relações que se estabelecem no decorrer do tempo pelos sujeitos de uma escola e as culturas do *lugar* que ela ocupa. Nas palavras do autor,

La cultura escolar podría ser definida, al menos de un modo provisional, como el conjunto de ideas, principios, criterios, normas y prácticas sedimentadas a lo largo del tiempo en las instituciones educativas: modos de pensar y actuar que proporcionan a sus componentes estrategias y pautas para desenvolverse tanto en las aulas como fuera de ellas – en resto del recinto escolar y en el mundo académico – e integrarse en la vida cotidiana de las mismas. (Viñao Frago, 2000, p. 100).

Nessa perspectiva, não há como pensar uma instituição escolar sem ter em mente o seu contexto, com aspectos sociais, econômicos e políticos, que atravessam e constituem o cotidiano vivido pelos indivíduos em uma escola durante um período de tempo. No processo de análise das memórias com seus fios de



lembranças tecidos no ato da entrevista, identificou-se o quanto as características e as dinâmicas econômicas, sociais culturais do *lugar*, nesse caso, um distrito no meio rural, fizeram-se marcantes nas memórias narradas pelos entrevistados.

Dessa forma, a História Cultural ajuda a compreender essas memórias como construídas em suas múltiplas relações culturais, sociais, econômicas e políticas, que vão além de suas particularidades locais. Destarte, os movimentos globais do capitalismo, com suas lógicas de pensamento acerca do espaço rural e suas escolas, marcado por processos de diferenciação, de silenciamento e de desigualdade a partir da industrialização e da migração, se fizeram presentes nas narrativas dos entrevistados. Sendo assim, as lembranças, com seus vestígios sobre o passado, foram importantes referências de composições do ensino nesse lugar, atravessado por uma multiplicidade de práticas e representações no decorrer do tempo.

Assim, a narrativa de ensino sobre o Rincão dos Kroeff aqui construída, também se insere em uma metáfora espacial, sendo percebida como uma *arte do contornamento* vivida por esses docentes entrevistados, os quais, em suas memórias narram, muitas vezes de forma romantizada e naturalizada, as dificuldades vividas em seu cotidiano. Além disso, em trajetórias de formação e de ensino costuradas às margens, e, que indicam que seus papéis nesse espaço e na época foram muito além das funções de ensinar.

Essa metáfora é utilizada por se relacionar com a questão de mobilidade e de migração, identificadas nos cenários de ensino no distrito, nos quais suas práticas e suas representações se estabeleceram em condições fronteiriças e marcadas, muitas vezes, por uma política de abandono por parte do Estado, cabendo aos sujeitos buscarem soluções particulares e estabelecerem redes de convivência para contorná-las. Conforme Telles (2007), o ato de contornar, circundar, de rodear, é também “[...] uma arte [...] que desenvolve uma habilidade em negociar a vida nas dobraduras do legal e do ilegal [...]”, do público e do privado e do fronteiro, em que a “[...] gestão cotidiana da vida [...] se ancora nessas redes de sociabilidade.” Assim, segundo Haesbaert (2014, p. 290), “[...] essas táticas cotidianas, ressaltamos, devem ser lidas muitas vezes não apenas enquanto formas de sobrevivência, mas também em parte como processos de resistência.”

Nesse sentido, o conceito de lugar, aqui, aproxima-se do conceito de *entre-lugares* cunhado por Homi Bhabha no seu livro, *O Local da Cultura*, no qual os

*entre-lugares* englobam múltiplas dimensões e dinâmicas diversas; situam-se nas margens, em que identidades, posições, práticas, conhecimentos e regimes se encontram em debate, em construção, ou seja, lugar a partir dessa perspectiva,

[...] deixa de ser concebido a partir de identidades naturalizadas, e passa a ser entendido como referência que se mantém presente no contexto social, seja como uma idealização (de regresso, como por exemplo para grupos étnicos que se consideram em diáspora) ou como um projeto, que é construído individual e coletivamente no cotidiano dos grupos, em seu interior e a partir de suas experiências e demandas. (MARTINS, 2011, p. 79).

Também, segundo Homi Bhaba (1998 p. 20), “[...] é na emergência dos interstícios [...]”, que as experiências intersubjetivas e coletivas com suas tradições, representações e interesses comunitários são construídos e negociados. E, como destaca Oliveira (2015, p. 17), frente a essa problemática do abandono público vivido por muitos espaços rurais em nossa sociedade capitalista,

[...] é de suma importância se (re) pensar nas estratégias que buscam fornecer novas perspectivas e esperanças àqueles que ainda vivem nas localidades onde o fenômeno de declínio populacional tem chegado. Para esses indivíduos tais lugares, por mais postergados que sejam face ao modelo de sociedade capitalista vigente, representam parte fundamental de suas identidades, de suas histórias.

Portanto, a acepção do conceito de *lugar* aqui assumida como “[...] lugar-encontro, local de interseções [...] de conexões e interrelações, de influências e movimentos [...]” (MASSEY, 2000, p. 176). Nesse contexto, percebe-se que a instituição escolar Gastão Englert, com suas práticas, saberes, conhecimentos, hábitos e costumes, assume gradativa centralidade na construção de uma cultura, tornando-se ponto de referência nesse espaço no período analisado de 1968 a 1998.

## 5.1 COMO SE CONSTITUEM PROFESSORES LEIGOS?

Compreende-se que ser professor envolve uma diversidade de significações e experiências no decorrer da vida, com estreitas ligações aos aspectos socioculturais, políticos e econômicos vividos pelos sujeitos em suas trajetórias. Nesse sentido, as narrativas de memórias dos entrevistados visam tecer um fio condutor as suas identidades pessoais e profissionais tendo como principal referência o presente.

Segundo Thomson (1997), o processo de construção das memórias é marcado por seleções e pela busca da construção de um sentido para aquilo que somos e fomos. Nessa perspectiva aqui assumida, a memória e a identidade se reelaboram constantemente a fim de produzir uma trajetória, uma história, uma narrativa atravessada por lembranças e esquecimentos (CANDAU, 2011, p. 46). Logo, não é meu intuito testar a veracidade “do testemunho do narrador” como destaca Bosi, mas identificar, a partir do que eles “acharam importante narrar”, algumas representações do passado tecidas em suas narrativas.

Conforme Maurice Halbwachs (2006) as memórias têm restrições distintas e, muitas vezes, para acessarmos o passado necessitamos nos valer das lembranças daqueles que estão à nossa volta e nos conduzem a outros pontos de referência. Dessa forma, a memória individual não é concebível sem uso da memória coletiva, sendo assim, a memória é delimitada concomitantemente pelas relações sociais e culturais do tempo e do espaço que a caracteriza.

O sociólogo aprofunda a discussão em seu livro *A Memória Coletiva* (2006), no qual explora tanto o papel dos sentimentos vividos na constituição de nossas lembranças, quanto a importância da mediação social na construção e na rememoração das memórias. Com ênfase nessa última perspectiva de compreensão, para o autor, não há memória individual que não seja escrita em uma coletividade ou atravessada pela memória social e coletiva de seu tempo e espaço. Nesse sentido, as lembranças construídas pelos professores participantes da pesquisa se referenciam, ligando-se às de outras pessoas, a tempos e a espaços. Não estão isoladas ou fechadas, elas mantêm pontos de contatos, sendo revividas, rememoradas, mudadas e estimuladas socialmente no decorrer dos anos (HALBWACHS, 2006).

Assim, ressaltei, durante a pesquisa, a importância de problematizar o espaço e o tempo enquanto relacionais, como defendia Milton Santos, ou seja, o espaço compreendido enquanto dinâmico e mutável, “[...] esfera de uma multiplicidade de trajetórias [...] e inter-relações no decorrer do tempo.” (MASSEY, 2006, p. 176). Desse modo, “[...] as narrativas fazem parte de uma memória coletiva, cujos vínculos são constituídos pela idade e pelo pertencimento a uma determinada comunidade, e o fio que une as lembranças são as memórias sobre a educação em um espaço geográfico e social.” (GRAZZIOTIN; ALMEIDA, 2012, p. 30).

Os entrevistados João Zacarias da Silva e Alda Müller da Silva foram indicados pelas professoras da E.M.E.I.E.F. Gastão Englert como um casal eloquente e com uma trajetória docente reconhecida pela comunidade escolar, sobretudo pelos dez anos que lecionaram na instituição, de 1979 a 1989. Eles são moradores do centro de São Francisco de Paula.

Entrei em contato com a professora Alda via aplicativo de mensagens *Whatsapp*, em maio de 2020. Quando apresentei os objetivos da pesquisa e informei que era professor de História na Gastão Englert prontamente eles se dispuseram em participar da pesquisa.

A entrevista de ambos ocorreu de forma conjunta no dia 4 de junho de 2020, com duração de 65 minutos. O documento escrito produzido a partir da transcrição somou 21 páginas. Devido à pandemia de COVID-19 realizei a entrevista através de uma ligação de vídeo por *Whatsapp*. No ato, gravei, concomitantemente, em dois celulares com sistema operacional *Android* e em dois aplicativos diferentes, um em cada aparelho. No celular da ligação foi utilizado o aplicativo gratuito *Az Screen Recorder* para registrar o vídeo e o áudio, enquanto em um celular auxiliar registrei apenas o áudio através do gravador padrão do sistema operacional, a fim de produzir uma cópia de segurança disponível em outro dispositivo.

Por não conhecê-los previamente, além das conversas por mensagem de texto, comecei a entrevista me apresentando novamente. Nesse momento, retomei os objetivos e a metodologia da pesquisa. Além disso, explanei sobre minha vinculação como professor da escola Gastão Englert e estudante de mestrado na Unisinos.

Como sugere Ecléa Bosi (2004), “[...] a formação de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores [...]” contribui para o andamento da narrativa, portanto, quando senti que nos conhecíamos melhor e estávamos mais à vontade para começar a entrevista, solicitei a autorização para iniciar a gravação.

Contudo, a entrevista não foi tão simples quanto parecia ser, principalmente no começo identifiquei, na primeira pergunta, uma certa insegurança tanto minha, devido à inexperiência com a metodologia, quanto por parte dos entrevistados. Assim, João e Alda ainda curiosos e desconfiados queriam saber mais sobre aquele que os entrevistava, e, a cada resposta, devolviam-me perguntas sobre minha trajetória pessoal e as práticas cotidianas na Gastão Englert. No entanto, conforme contavam suas memórias e conversávamos sobre o meu dia a dia na escola,

percebia os entrevistados mais à vontade e confiantes, dialogando entre si com sorrisos abertos e olhos saudosos de suas trajetórias docentes.

A entrevista de João e Alda ocorreu no momento em que a pandemia de COVID-19 começava a ganhar proporções aqui no Brasil. Vale destacar que o assunto também entrou na pauta entre uma pergunta e outra por iniciativa dos entrevistados. Há um momento, mais para o final da entrevista, que além de perguntarem sobre a minha rotina nessa época de pandemia, questionaram-me sobre o cotidiano da escola e como estavam sendo realizadas as atividades com os alunos. Também, mais para o encerramento, após terminar a gravação, os entrevistados externaram preocupação e saudade de seus familiares, devido ao longo período de isolamento e distanciamento social imposto pela pandemia.

No dia, apesar de ainda ser outono, já estava frio em São Francisco de Paula, notável nos agasalhos utilizados pelos participantes. Como a entrevista foi realizada de forma conjunta, os entrevistados revezaram o aparelho de celular para responderem as perguntas enquanto permaneciam juntos, sentados lado a lado no sofá da sala de estar de sua casa. Os dois demonstraram interesse e responderam atentos a todas as perguntas, inclusive completando as respostas, lacunas ou esquecimentos um do outro. Levantaram-se apenas em alguns momentos para se esticar, trocar de posição no sofá e buscar um copo de água ou o carregador do celular. Ambos participaram de forma ativa e apresentaram familiaridade com a tecnologia utilizada, dessa forma, percebi que, de maneira geral, a entrevista transcorreu bem e sem grandes interrupções ou problemas técnicos.

Juntos há mais de 60 anos e casados há quase 50, suas trajetórias seguem em paralelo por um bom período de suas vidas. Contudo, há divergências em alguns pontos, na infância e na juventude, vividas em contextos diferentes, como também da formação e nos objetivos profissionais dos dois, visto que apesar de terem sido professores nas mesmas escolas e em períodos semelhantes, atribuem significados diferentes à docência. Igualmente, infere-se como marcantes em suas memórias e identidades o período em que foram docentes na instituição de 1979 a 1989, tendo em vista a importância atribuída em suas lembranças aos aprendizados e aos vínculos estabelecidos com a comunidade escolar da E.M.E.I.E.F. Gastão Englert.

Alda Müller da Silva nasceu em 1948, com 71 anos na data da gravação. Morou quando criança “[...] até os quatro para os cinco anos ali no Cravina [...]”, bairro do distrito rural do Rincão dos Kroeff. Seus pais eram moradores do distrito e

se conheceram durante uma das festividades do local, na qual seu pai tocava em uma “[...] *bandinha alemã*.” (A. S.). Alda narrou seu amor pela profissão em vários momentos e o seu desejo em ser professora desde criança, tendo como inspiração para a profissão seu pai, também professor no Rincão dos Kroeff.

João Zacarias da Silva nasceu em 1945, com 74 anos na data da entrevista. Ele é natural de Braço Norte, município do sul de Santa Catarina. Ressaltou em mais de um momento da entrevista que a sua profissão e a da família era de barbeiros. Seu pai veio de Santa Catarina quando jovem, aos 11 anos, para exercer a atividade na capital do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, e João, com 16 anos, começou a trabalhar no salão da família, já em São Francisco de Paula.

Professora de formação, Alda concluiu o ensino fundamental na Congregação de Irmãs de São José e o magistério na Escola Normal de São Francisco de Paula, hoje Colégio José de Alencar. Coursou licenciatura de curta duração em Estudos Sociais na Unisinos e licenciatura plena em História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), esta concluída em 1969. Após a graduação e durante a docência, fez vários cursos de formação de curta duração, tanto por curiosidade e interesse, quanto para se preparar para eventuais necessidades. Em suas palavras, “[...] *fiz tudo que é curso, até de matemática, tudo que aparecia lá eu fazia, até porque a gente nunca não sabe da necessidade que tu vai ter né [...]*” (A. S.).

Ela ensinou em diferentes escolas e disciplinas no decorrer de sua trajetória docente, tanto na rede Municipal quanto na Estadual de ensino de São Francisco de Paula. Foi alfabetizadora dos anos iniciais do ensino fundamental e de jovens e adultos. Lecionou História, Geografia e Ciências nos anos finais do ensino fundamental e em todos os anos do ensino médio, bem como também exerceu a função de coordenadora pedagógica e de diretora de escola. Ela se aposentou em 1994 pelo Estado e em 2001 pelo município. Quanto ao período inicial da profissão, Alda destacou os “sacrifícios” passados para conciliar a docência, a formação e as obrigações familiares. Com quatro filhos jovens durante a graduação, formou-se em História no curso da UCS, no qual as disciplinas ocorriam apenas nos finais de semana e nas férias escolares.

Ela iniciou a docência no município em 1969, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Monsenhor Armando Teixeira, localizada na sede do município, bairro Cipó, onde lecionava no EJA no turno da noite para alunos que trabalhavam no

contra turno. A entrevistada ressaltou ter ensinado em diversas escolas e viajado por boa parte do município como professora. Entre as escolas que transitou, além da Gastão Englert, destacou, em suas memórias, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente Castelo Branco, bairro Loteamento Santa Isabel, o Colégio Estadual José de Alencar, bairro Centro, onde lecionou por cinco anos e se aposentou pelo Estado em 1994 e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Engenheiro João Magalhães Filho, bairro Britadeira, na qual se aposentou pelo município, em 2001. As três estão localizadas no distrito sede do município.

João começou seus estudos em Guará em Santa Catarina, onde morava com a família na infância. Ele estudou por mais três anos no distrito de Vista Alegre, atualmente, pertencente ao município de Jaquirana, distrito emancipado de São Francisco de Paula, em 1987. Concluiu o ensino fundamental também no Ginásio da Congregação das Irmãs de São José, local onde conheceu Alda, ainda na adolescência, em São Francisco de Paula. Formou-se no ensino médio da Escola Técnica de Comércio de São Francisco de Paula. Em seguida, iniciou o curso de Administração de Empresas na Feevale, em Novo Hamburgo/RS, mas contou ter desistido por já ter sua profissão como barbeiro e também pela dificuldade em conciliar família, trabalho e estudos, ainda mais em um outro município.

Além da Gastão, João foi professor em outras três escolas localizadas na sede do município, sempre acompanhando Alda nas mudanças entre as instituições. Foi professor das disciplinas de Ciências, Técnicas Agrícolas e Educação Física. Jogador profissional na juventude, após o período como professor na Gastão, convidado pela prefeitura, ensinou futebol em uma escolinha e treinou o clube profissional e juvenil da cidade. Segundo João, esse convite só foi possível devido à experiência como docente e ao trabalho desenvolvido na Gastão, reconhecido tanto pela comunidade escolar, quanto pela Secretaria de Educação Municipal.

Entre as instituições escolares que lecionou estão: o Colégio José de Alencar e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente Castelo Branco, entre 1989 a 1994. Também foi vice-diretor na Escola Municipal de Ensino Fundamental Engenheiro João Magalhães Filho, quando Alda era a diretora.

Após quinze anos de docência, João voltou à sua profissão de origem, como barbeiro, no salão da família Zacarias, localizado, atualmente, na Avenida Júlio de Castilhos, no centro de São Francisco de Paula. Além do salão, o casal também investiu em uma padaria, localizada próximo ao salão da família.

Ambos lecionaram juntos na E.M.E.I.E.F. Gastão por dez anos, de 1979 a 1989. Já moradores da sede do município, bairro Centro, foram para a escola a partir de um convite da Secretaria de Educação. Segundo o relato dos dois, a prefeitura insistiu para que lecionassem na escola, pois não existia nenhum professor graduado na instituição na época.

A escolha de Margarete de Fátima Mazzurana Grassmann para participar da pesquisa ocorreu no início do projeto de dissertação, ainda no final de 2019. Professora há 34 anos no distrito, de personalidade forte e com facilidade de comunicação, é perceptível o papel de liderança exercido perante a comunidade escolar, sempre participando e organizando algumas mudanças e festividades. Igualmente, a partir de conversas com os colegas professores da Gastão Englert, Margarete demonstrou-se a mais receptiva para falar sobre suas memórias do Rincão dos Kroeff, sua formação e a sua trajetória docente.

Assim, quando a convidei para participar, em junho de 2020, ela já tinha ciência da temática de minha dissertação e demonstrou bastante interesse e disponibilidade em participar no que fosse necessário. Cabe destacar, também, que as inúmeras conversas com Margarete, durante os anos letivos de 2019 e 2020 acerca do ensino no Rincão dos Kroeff, colaboraram para as reflexões e questionamentos que despertaram a vontade de realizar esta pesquisa.

A entrevista com a professora ocorreu no dia 13 de janeiro de 2021 e teve uma duração total de 91 minutos transcritos em 29 páginas. Foram seguidos os mesmos procedimentos técnicos e metodológicos realizados com Alda e João Silva e, novamente, não ocorreram problemas técnicos ou maiores interferências. A entrevista fluiu bem e percebeu-se que tanto a experiência anterior com a metodologia, quanto o fato de eu conhecer melhor a entrevistada colaborou em no andamento.

Nascida em São Francisco de Paula, Margarete é moradora do Rincão dos Kroeff desde criança, tendo vivido nos bairros Cravina e na Sede. Estudou todo o Ensino Fundamental no distrito, concluindo os anos iniciais na Escola Municipal de Ensino Fundamental Incompleto José Bonifácio, fechada em 2018, e os anos finais na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Gastão Englert.

A narrativa de Margarete é rica em detalhes e em representações sobre o ensino e o cotidiano no distrito. E, a despeito de possuir apenas 54 anos na data da entrevista, o fato de ser moradora desde a infância no Rincão, lugar onde estudou,



constituiu família e leciona há 34 anos, trouxe uma densidade e uma complexidade às suas memórias. Assim como na entrevista de Alda e João, percebi que muitas das memórias narradas por Margarete se atravessaram no tempo e espaço, indo e vindo em um fluxo de “fios” e “nós” de lembranças tecidas no ato da entrevista. Essa complexidade de atravessamentos e relações possibilitou emergir uma miríade de traços, nuances e cores de aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais do cotidiano vivido pelos entrevistados.

Sua trajetória de ensino e sua formação são atravessadas por dificuldades financeiras e de acesso ao ensino desde cedo. Ela repetiu alguns anos no Ensino Fundamental por ausência de anos finais no distrito, criado apenas em 1978, quando houve reorganização e a mudança da Gastão Englert para a atual localidade no bairro. Ela tentou continuar os estudos em outros dois municípios, em Orleans, Santa Catarina e em Porto Alegre, sem sucesso. Não conseguiu concluir o Magistério iniciado na Escola Normal de São Francisco de Paula devido à distância e à falta de condições para morar no centro do município. A entrevistada conseguiu terminar o Ensino Médio, por supletivo, apenas anos mais tarde quando já lecionava na Gastão Englert.

Durante a entrevista, ela narrou em detalhes as adversidades atravessadas para concluir tanto o Ensino Médio, quanto o Ensino Superior. Organizou grupos com alunos do Ensino Médio e com professoras das escolas do município, e também na Graduação para conseguirem transporte da prefeitura, a fim de estudarem no centro do distrito. Ela formou-se em Pedagogia pela Uniasselvi e pós-graduação em Turismo Ambiental no polo da Universidade Aberta do Brasil existente em São Francisco de Paula.

Em sua trajetória docente, Margarete lecionou em quatro escolas, todas localizadas no distrito rural do Rincão do Kroeff em São Francisco de Paula. Em 1987, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Incompleto Jacó Kroeff, bairro Quebra-Cabo; em 1988, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Incompleto Álvaro Aveline, bairro Cravina e, em 1992 em uma Escola familiar na Serra do Umbu. Já na Escola Municipal Gastão Englert foi docente de 1989 a 1991, tendo voltado em 1993, onde continua em exercício até os dias de hoje.

Mesmo com idade e tempo de serviço para se aposentar, Margarete continua lecionando pelo município no turno da manhã e no turno da tarde na escola Gastão Englert. Em suas memórias, destaca-se no papel de alfabetizadora, lecionando no

EJA existente na Gastão Englert por seis anos, de 1993 a 1998, e conseguindo alfabetizar alunos com necessidades especiais que *“ninguém mais conseguia”*. Foi professora de todas as séries dos anos iniciais do Ensino Fundamental, por muito tempo em turmas multisseriadas. Nos anos finais – existentes somente na Gastão Englert no distrito – ensinou as disciplinas de Português, Educação Física, Ciências e Turismo.

Dessa forma, o compartilhamento de uma mesma realidade impacta no modo como as experiências sociais acontecem. Logo, o fato de todos eles terem vivido sua infância e juventude no meio rural do mesmo município e lecionado no distrito Rincão dos Kroeff e na Escola Gastão Englert durante sua carreira docente contribuiu para uma proximidade entre essas representações do passado. Por outro lado, a subjetividade dos entrevistados e as experiências diversas, vividas durante suas trajetórias em outros espaços e as relações, implicam em uma complexidade nas memórias narradas.

A partir da análise dos documentos em relação à contextualização histórica produzida na seção anterior, identificam-se continuidades de práticas e formas de organização do ensino rural no Rincão do Kroeff. Entre essas, destaca-se a manutenção do decorrer do tempo de escolas isoladas, multisseriadas e com docentes únicos e leigos, características que historicamente se fizeram presentes no espaço rural de todo o país no decorrer do século XX. Segundo Lima (2018, p. 414), em análise análoga sobre o contexto das escolas rurais em Minas Gerais de 1930-1970,

“Esses três qualificativos se, de um lado, atestavam os poucos recursos destinados a essas instituições pelo poder público municipal, assim os tímidos investimentos dos Estados e do Governo Federal, de outro denotavam as dificuldades com as quais os seus professores se deparavam: isolamento pedagógico e sobrecarga de trabalho e de atribuições. Sendo isoladas, tais escolas não contavam no seu quadro de pessoal com nenhum outro profissional a não ser o próprio professor, que acumulava as atribuições inerentes ao ensino com outras de gestão, orientação educacional e serviços gerais, uma vez que deveria cuidar da administração burocrática intrínseca à educação escolar, do planejamento das aulas, além da limpeza da sala de aula e preparação do lanche.

No conjunto de narrativas, percebe-se, também, aspectos comuns da atuação docente no meio rural de São Francisco de Paula. Em suas lembranças, os professores entrevistados compartilham representações, valores, relações e práticas que nos possibilitam pensar formas de ensinar e aprender a cultura desse lugar.

Nessas trajetórias, a docência leiga é central nos cenários de ensino narrados em que se identifica a presença majoritária de professores sem formação nas instituições de ensino do Rincão dos Kroeff no período analisado, de 1968 a 1998.

No que tece os aspectos formativos, dentre os três professores entrevistados, apenas Alda cursou o magistério e a graduação antes de começar a atuar. Inclusive em suas lembranças, ela aponta ter sido convidada pela Secretaria de Educação municipal para lecionar na instituição escolar Gastão Englert devido à exigência legal de que tivesse pelo menos um professor com Ensino Superior completo em cada escola municipal. Por outro lado, João e Margarete exerceram a profissão por um longo período sem qualquer curso específico e evidenciam em suas memórias que essa era uma prática comum entre seus colegas no interior do município.

Nesse espaço atravessado por adversidades sociais e econômicas, como narraram Alda e Margarete, a profissão lhes chegava antes da formação especializada para exercê-la. No que tece aos professores de zonas rurais, a baixa remuneração e a insegurança contratual exigia um trabalho adicional para sustento da família, geralmente realizado na lavoura e no contra-turno escolar. Igualmente, em suas lembranças, Margarete contou ter de conciliar a escola com a lavoura, realidade que atravessou sua infância e aumentou conforme avançava na idade adulta, mesmo quando era professora no decorrer da década de 1980 e 1990.

Percebe-se, também, nos documentos analisados, que a distância existente para acesso à educação nos espaços rurais do município se impôs como um desafio constante para a formação de seus moradores. Na narrativa de Margarete é possível identificar as adversidades vividas nesse contexto, e, através das entonações, gestos, feições e palavras utilizadas, a insatisfação quanto ao trabalho na lavoura, uma vez que tomavam boa parte do tempo disponível para seus estudos. Logo, o cotidiano vivido e rememorado de sua infância e juventude, nas décadas de 1970 e 1980, no Rincão dos Kroeff nos permitem inferir resiliência da entrevistada para concluir sua Educação Básica e perceber nuances de cenário de ensino no distrito.

Além da longa distância de seis quilômetros a pé para percorrer diariamente até a escola, o que exigia acordar mais cedo do que o comum, ela tinha de trabalhar na lavoura no contra turno e ainda ajudar em casa, restando apenas o turno da noite para os estudos. Como na época não existia eletricidade no distrito, Margarete rememorou que fazia suas atividades de aula com “*velinha de querosene*”, e que muitas vezes no dia da aula acabava tendo de refazer os trabalhos, pois “[...] a

*professora colocava um xis enorme, porque estava errado... tava muito feio... a letra tava horrível porque a gente não enxergava direito e tava cansada.”*

Nesse sentido, o conjunto de memórias de Margarete possibilitou perceber alguns ritmos e rotinas comuns ao meio rural do Rincão à época, como o de acordar o mais cedo possível, segundo ela às 5h da manhã, para aproveitar a luminosidade do sol e acender o fogão a lenha para preparar o café e iniciar as atividades do dia. Igualmente, suas lembranças apontaram para a dificuldade de acesso no distrito ao gás e à luz elétrica. Segundo relatos de outros professores da Gastão Englert com quem conversei em 2019 e 2020, e a partir da leitura do livro de Buffão (2011) sobre o Rincão dos Kroeff, essa era uma realidade comum da maioria dos moradores. Com exceção das poucas famílias mais abastadas, que possuíam um dínamo ligado a moinho de água, a grande parte dos moradores do distrito rural só teve acesso à energia elétrica e às comodidades que a acompanham no ano de 1982.

Desde a fundação das escolas de Ensino Fundamental Álvaro Aveline e Gastão Englert, de gerência estadual e municipal respectivamente, percebe-se uma gradual seriação e o crescimento do investimento público na educação do distrito rural de São Francisco de Paula no decorrer das décadas de 1950, 1960 e 1970. Contudo, tanto os documentos bibliográficos encontrados, quanto os produzidos na pesquisa, apontam para um cenário ainda majoritariamente organizado em torno de escolas isoladas, com docentes únicos e sem formação técnica.

É nesse contexto que ocorrem as iniciativas em todo Rio Grande do Sul para criação de Escolas Normais Rurais, com curso de magistério, a fim de qualificar os professores para o trabalho em instituições localizadas no meio rural (SOUZA, 2011). Como apontado na seção anterior, São Francisco de Paula recebeu uma escola em sua pequena área urbana, esta que permanece em funcionamento até os dias de hoje: o Colégio Estadual José de Alencar. Essa instituição escolar estadual, única com Ensino Médio público em todo o território do município de características rurais, além de relevante para a história da educação na região, representa, por outro lado, o quanto a educação desse espaço foi atravessada por uma política de abandono, caracterizada pela insuficiência de investimentos públicos para a qualificação e para a distribuição de escolas destinadas à formação da população rural do município.

Esse cenário atravessado por adversidades na busca por educação formal foi ressaltado pelas entrevistadas acerca de suas lembranças vividas no Rincão dos

Kroeff durante a infância e a juventude. Margarete, enquanto moradora que constituiu família e permaneceu no distrito na idade adulta vai além, evidenciando, em mais de um momento da entrevista, ter convivido com dificuldades também para exercer e alcançar a qualificação profissional. Entre os empecilhos cotidianos existentes, as entrevistadas apontaram o difícil acesso até as escolas localizadas no distrito e, que estas, não cobriam todas as etapas do Ensino Fundamental. Segundo Margarete, esse cotidiano atravessou sua formação e prática enquanto docente, tendo de caminhar diversos quilômetros a pé até as escolas e usar da agência política para formar redes de sociabilidade a fim de organizar, em mais de um momento, formas de transporte com os moradores até o centro do município, para então concluírem o Ensino Médio e o Ensino Superior.

Margarete desdobrou, em suas memórias, sobre os desafios para a conclusão do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Ela tinha 11 anos na época, e após terminar a 4ª série, tinha o desejo de continuar seus estudos para se tornar professora. Sendo assim, foi morar com a tia em Orleans, interior de Santa Catarina. Contudo, a distância e a saudade da família a fizeram voltar no mesmo ano. Em casa, Margarete voltou para o trabalho na lavoura, *“não satisfeita”*, como ela repetiu em vários momentos da entrevista, foi morar em Porto Alegre, no bairro Teresópolis, com uma conhecida do Rincão dos Kroeff, que estava se mudando e precisava de ajuda para cuidar de sua mãe idosa.

*“É, eu morei lá, só que a mesma história né, fiquei lá, cuidando de uma idosa, eles não me tiravam de casa para nada, sabe, eu tinha que ir para escola, ela disse eu vou te levar um dia e depois tu vai ter que virar. Eu fiquei com pouco de medo, uma menina de 12 anos...”* (Margarete).

As memórias de sua infância e juventude ressaltaram as difíceis condições financeiras de sua família e a constante necessidade do trabalho concomitante aos estudos, fosse para auxiliar em casa e para manter sua estada quando estava temporariamente morando na casa de algum conhecido enquanto estudava.

Margarete também não se adaptou em Porto Alegre, e, por isso, voltou no ano seguinte para terminar os estudos na Gastão Englert, que desde 1980 passou a disponibilizar todos as séries do Ensino Fundamental. Após se formar em 1984, foi morar na sede do distrito de São Francisco em uma casa de família com o intuito de realizar o magistério no Colégio José de Alencar. Nesse local, ela era responsável

pela faxina e pelo cuidado de quatro crianças da família. Sem remuneração e com dificuldades financeiras, nas férias buscou trabalho em uma padaria, mas contraiu rubéola e teve de voltar para casa de seus pais para se curar.

De volta ao Rincão dos Kroeff, sabendo que ela estava cursando o magistério, ofereceram uma vaga como professora, a qual ela aceitou prontamente. Ela ressaltou a satisfação de poder exercer o seu sonho de ser professora, apesar da distância da escola em relação à sua casa como se percebe no trecho a seguir:

*“[...] eu fiquei sabendo lá que precisavam e era meu sonho, eu abandonei tudo e fui para lá...Eu, eu não tinha terminado a normal, sabe. Aí assim ó, ou eu terminava a normal e continuava na casa dessa família, minha mãe me sustentando, pai e mãe. E eu resolvi parar de estudar lá e dar aula, porque eles aceitavam. [...] Nossa né.. aí voltei, melhorei e... [...] fui para essa escola, só que essa escola eram 18km de estrada de chão, mato. Eu passava por uma casa até chegar nesses 18km onde tinha um povoadinho, assim, com umas dez casas. Mas era tudo estrada de chão e mato dos dois lados”. (Margarete).*

Igualmente, nas tramas costuradas pelos sujeitos entrevistados e dos documentos analisados percebe-se essa dinâmica como comum nos distritos rurais de São Francisco de Paula em meados da década de 1990. Assim, tanto Margarete quanto outras professoras que lecionaram na E.M.E.I.E.F. Gastão Englert desenvolveram suas atividades, a maior parte do tempo, de forma leiga, muitas vezes apenas com o Ensino Fundamental completo. Contudo, quando puderam, devido à melhora de suas condições de vida, objetivos próprios ou exigências legais para continuidade do exercício da profissão, buscaram formas de enfrentar as dificuldades de acesso existentes para concluir o Ensino Médio e, posteriormente, o magistério e o Ensino Superior, como narrou Margarete em suas lembranças. Dessa maneira, identifica-se no período analisado, de 1968 a 1998 que a presença de professores leigos, sem curso de magistério ou formação acadêmica específica, ainda era central nesse cenário de ensino.

Conforme Schelbauer e Souza (2000, p. 366) “A atuação docente está centrada em um contexto, um campo de ação onde os professores exercem distintos papéis no grupo social em que interagem.”. Contudo, essas práticas e relações não são homogêneas, uma vez que o cotidiano escolar pode ser compreendido enquanto um *lócus* da inventividade, de apropriação criativa e transformadora (CERTEAU, 2009, p. 91). Nessa abordagem, as ações dos professores se inserem

em um jogo de forças “[...] em que inventam, constituem e improvisam práticas a partir de modos e usos da cultura, de uma concepção de escolarização, de um jeito próprio de fazer no meio rural.” (SCHELBAUER; SOUZA, 2000, p.366).

Além das formações, os professores entrevistados relataram em suas falas que suas formas de ensinar e aprender foram moldadas no decorrer do tempo e na empiria do conhecimento e da cultura cotidiana, construídas através das experiências com seus alunos e com colegas pelas escolas que passaram. Igualmente, apontaram que em suas atividades de sala de aula mobilizavam conhecimentos oriundos de suas trajetórias escolares e de saberes adquiridos no contato familiar.

Por exemplo, Margarete teve como inspiração para a profissão sua mãe, que também foi docente no Rincão dos Kroeff. Ela contou, com detalhes, algumas lembranças em que ajudava com as atividades diárias com alunos em uma escolinha, localizada em uma igreja do bairro Cravina. Isso significa que essas experiências como ajudar sua mãe tanto em sala de aula, quanto em casa preparando as atividades quando criança, foram importantes para que ela desejasse estudar e se tornar também uma professora.

Sobre o ensino à época de sua mãe suas lembranças destacam:

*“Ah, a minha mãe, ela dava aula manhã, tarde e noite, sempre sabe! A escolinha era dentro de uma igreja, do lado de minha casa... Lá na Cravina, onde eu nasci e me criei... na cravina tinha uma escolinha. Como antigamente tinha muitas pessoas morando no interior, tinha várias escolas né. Tinha uma no Santo Antônio, que é onde eu acho que é aquele capitel... tinha uma escolinha lá. Tinha a minha do Quebracabo...tinha uma na descida da Serra. Tudo isso pertencia a São Francisco de Paula, tá. Tinha a do Cravina e tinha um no Potreiro Velho, e tinha uma, antigamente no IBAMA, no ICMBIO. Então tinhas todas essas escolas...na época da minha mãe, e, mesmo assim, a minha mãe tinha turma para de manhã, para de tarde e para de noite. Era, era bem, sabe...”* (Margarete).

No que tece suas inspirações, Alda relatou: *“eu sempre quis ser professora, amei muito a minha profissão [...]”*. Quem lhe inspirou foi o seu pai, professor municipal sem formação em uma classe multisseriada. Ele lecionou em uma escola localizada dentro de uma igreja no bairro Cravina, no Rincão dos Kroeff. Segundo Alda, *“[...] pois não tinha escola na época [...]”*. Nesse sentido, os fios de lembranças

tecidos nas narrativas de memória vinculam-se a múltiplas influências, entre elas heranças culturais familiares, formas de pensamento e de escolarização, como também as práticas cotidianas de um lugar em uma época. (SOUZA, 2011).

Além disso, ambas, mesmo reconhecendo as “*dificuldades mil*” da profissão significaram a importância do papel docente nas comunidades em que lecionaram, ao “ajudar” e “ensinar as pessoas”, por exemplo, “a ler e a escrever”. Nesse sentido, percebe-se que elas atribuem maior importância em suas trajetórias às práticas docentes exercidas em lugares e instituições muitas vezes atravessadas por desigualdades sociais e econômicas mais marcantes. Nesse contexto, infere que se relacionam as redes de sociabilidade construídas nesses espaços, como também sentimentos de pertencimento e de valorização por suas práticas nessas comunidades. Assim, como destaca Yu-Fu Tuan (1983, p.6) “[...] o que começa como um espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.”.

As reminiscências de João são significativas sobre as inúmeras experiências possíveis de ensino no espaço rural. João iniciou sua trajetória docente na Gastão Englert, em 1979. Segundo ele, “[...] *para quebrar um galho [...]*” por um curto período e a fim de acompanhar sua esposa. Em sua primeira experiência em sala de aula, destacou a surpresa, pois esperava ensinar Educação Física para crianças no Rincão, porém ao chegar lá descobriu que seria professor de Técnicas Agrícolas para adultos, já experientes no trabalho com a lavoura. O interessante trecho a seguir, retirado da transcrição da entrevista, evoca a situação e os sentimentos vividos na época, ainda inseguro com a profissão de professor.

*“A minha primeira experiência como professor foi essa do Rincão... Aí eu tive essa conversa com eles, pois quando cheguei lá me surpreendi que era para adulto, puxa... Eu vou dar aula... no Rincão dos Kroeff... que só fazem aquilo! Só plantações e eu vou lá dar aula para eles?! Bá não... Não podia ser... Aí eu disse para eles, olha pessoal eu vim aqui...vim quebrar o galho, porque, até é só por um ou dois meses que eu vou ficar aqui, só para quebrar o galho.” (João).*

Apesar de declarar que não tinha interesse em se tornar professor e em ter começado a lecionar, as dificuldades iniciais da profissão narradas foram aos poucos superadas com táticas empreendidas cotidianamente com seus alunos.



Além da Gastão, João foi professor em outras três escolas localizadas na sede do município, sempre acompanhando Alda nas mudanças entre instituições. Foi professor das disciplinas de Ciências, Técnicas Agrícolas e Educação Física. Jogador profissional na juventude, após o período como professor na Gastão, convidado pela prefeitura, ensinou futebol em uma escolinha e treinou o clube profissional e juvenil da cidade. Segundo João, esse convite só foi possível devido à experiência como docente e ao trabalho desenvolvido na Gastão, reconhecido tanto pela comunidade escolar quanto pela Secretaria de Educação Municipal.

Assim, ele relatou que aprendeu gradativamente “a se virar” em sala de aula, utilizando-se da criatividade em suas atividades escolares e de conhecimentos prévios, tanto como estudante, quanto como jogador. Nesse sentido, suas memórias representam um cotidiano de ensino no meio rural, onde João, a despeito dos problemas que perpassam o espaço rural e suas escolas, constituiu-se professor através da empiria e das relações de conhecimento e das culturas cotidianas construídas e apropriadas nesse espaço, que em suas memórias foi representado como um lugar pleno de significações.

João ressaltou em mais de um momento que não queria ser professor, mas pela insistência, acabou cedendo com a promessa de que seria algo temporário. Em suas palavras, “[...] *a minha profissão é outra, eu não vou dar aula [...] Bom, eu posso quebrar o galho até que arrumem outro professor porque eu não quero dar aula, não vou sair da minha profissão, não quero.*”. Contudo, meses e anos se passaram, e é possível perceber em sua narrativa que a relação e os sentimentos com a profissão e o vínculo estabelecido com a comunidade escolar foram aumentando com o passar do tempo. O que, por outro lado, retrata escassez e as dificuldades de se encontrar professores para lecionarem nesse espaço. Assim, a cada final de ano, quando planejavam sair, os pais, alunos e colegas, como também a Secretaria da Educação, convenciam-nos a ficar mais um ano letivo na escola, conforme rememora entrevistado no trecho a seguir:

*“Aí eu fui para ficar um mês, um mês e meio, dois meses no máximo e acabamos ficando dez anos lá. E quando a gente estava querendo sair, os pais ficavam insistindo para gente não sair, para ficar lá, a secretaria também: ‘ah João, tá tão bom, fica lá...’. E fomos ficando, fomos ficando. Mas todo ano falávamos que iríamos sair, e fomos ficando... Daí, todo final de ano eu falava, o ano que vem não vou ficar mais, mas os alunos e os pais pediam para ficar. Os pais, os alunos ficaram muito amigos da*

*gente. A gente foi gostando de lá que o pessoal, que o pessoal do interior é muito bom para lidar.” (João).*

Durante esse período de dez anos que lecionaram na escola, o casal continuou como morador da sede do município e concordaram em lecionar na escola se fosse no turno da tarde, em apenas dois dias da semana. Eles iam e voltavam no mesmo dia com um carro próprio. Eles evocaram, em suas memórias, as condições ruins da estrada e do trajeto lento e demorado de 37 km por estrada de chão. Como Alda possuía familiares no distrito, eles aproveitavam esses dias de aulas também para visitar parentes ou para conversar com pais de alunos da escola nos tempos livres entre os períodos. Eles ressaltaram a boa relação que tinham com os pais de alunos e as cobranças dos parentes e da comunidade escolar para que os visitassem.

Nesses dois dias, enquanto João ensinava Técnicas Agrícolas e Educação Física, Alda ficou como responsável pelas disciplinas de História e Geografia na instituição. Além da relação de amizade estabelecida entre o casal e a comunidade escolar, percebi na narrativa de João uma confiança crescente com a profissão. Logo, ambos reconhecem o período da docência no Rincão como uma experiência gratificante e ressaltam o vínculo criado com a comunidade escolar.

*“O pessoal é muito bom, uma maravilha, eles valorizam o professor, os alunos valorizam [...] (João)*

*A gente foi paraninfo da primeira turma, a gente criou um vínculo muito bom. [...] (Alda)*

*Foi gratificante... pois tanto os alunos, quanto os pais dos alunos tudo formidáveis, pessoas, assim que valorizavam a gente. E muitos queridos, muito amigos da gente mesmo, todo mundo!. E a gente ficou..bem.. bem. foi uma experiência muito agradável, muito boa! (João)  
É uma valorização do professor né... que a gente já não tem mais na cidade.” (Alda).*

Nesse mesmo sentido, Margarete relatou que “foi se tornando” professora na infância enquanto auxiliava sua mãe na organização das atividades escolares, tendo em vista que ela também foi professora única e leiga em uma escola isolada no Rincão dos Kroeff. Referente à comunidade escolar, rememorou ter sempre “total apoio” tanto por parte dos pais quanto dos alunos. “*De pais e família, apoio total...eu*

*sempre tive, graças a Deus! Por que eu acho que sempre tive os alunos como os meus filhos, sabe, assim tentando continuar o que eles faziam...”* (Margarete).

Dessa forma, as trajetórias dos três docentes e as lembranças de seus pais relatam um processo de profissionalização que se deu como referência às práticas cotidianas e às representações construídas enquanto alunos e professores. João e Margarete, ao contrário de Alda, não passaram por uma formação teórica prévia para o exercício da docência, e narraram reproduzir, em seus modos de ensinar, as formas como aprenderam durante seu tempo escolar, com os professores ou com os seus familiares.

## 5.2 INDÍCIOS DE PRÁTICAS E CULTURAS ESCOLARES

A partir da entrevista, foi possível identificar algumas práticas e representações do passado construídas pelos entrevistados acerca de experiências de infância e juventude e do tempo de sua escolarização. Entre essas, destacam-se as reminiscências narradas por Alda e Margarete, pois as duas entrevistadas foram moradoras e estudantes do bairro Cravina durante esse período de suas vidas. As memórias de Alda e Margarete, acerca de suas infâncias e juventudes vividas no Rincão dos Kroeff, nas décadas de 1950 e 1970, respectivamente, apesar da distância temporal, apresentam algumas semelhanças e continuidades de práticas nas representações sobre o ensino neste espaço rural.

Identifica-se que ambas estudaram em uma escola atravessada por marcas confessionais, na qual suas aulas ocorriam na igreja do bairro e com a presença e influência dos párocos locais na organização desse espaço. Em suas lembranças, elas apontaram, também, que suas turmas (multisseriadas e mistas), enquanto estudantes, eram de um professor único, geralmente leigo.

Assim, a partir dos evocadores iniciais, as entrevistadas organizaram seus relatos tendo como referências lembranças de experiências vividas com familiares e quando do período de sua escolarização. Nesse conjunto de memórias, as professoras atribuíram valor à relação familiar para a formação de sua identidade docente, sobretudo ao assumirem inspiração para escolha da profissão em um parente professor: Alda em seu pai e Margarete em sua mãe, ambos seus professores nessa igreja do Cravina, um bairro do Rincão dos Kroeff.

Igualmente, identifiquei que as entrevistadas exploraram, em seus relatos, o contorno de adversidades para que concluíssem seus estudos também quando adultas, realizados em cursos nos finais de semana e em férias escolares. Como moradora do Rincão dos Kroeff, nessa época de sua vida, percebe-se que as dificuldades vividas por Margarete em sua formação são ressaltadas em sua narrativa de memórias, uma vez que ela relatou em vários momentos um contexto de precariedade de acesso às instituições de ensino tanto para estudar, quanto para lecionar nesse espaço rural do município.

A professora Alda se desdobrou nas memórias de infância e relatou uma relação conflituosa entre seu pai e os “beatos” da igreja, tendo em vista divergências entre as instituições que ocupavam o mesmo espaço. Segundo Alda, a briga de seu pai com os líderes religiosos culminou em um evento trágico para a família no qual ele perdeu um braço ao ser cortado por uma arma branca “[...] pelo dono da igreja, dizendo assim, que cuidava da igreja.” (Alda). Percebe-se o quanto as lembranças relativas a esse acontecimento da infância ainda se fazem presentes, sendo marcantes nas memórias narradas por Alda acerca desse período. Nesse sentido, suas lembranças de infância e juventude no Rincão são atravessadas e costuradas pelas desse evento do qual se emociona ao contar, sendo perceptível em sua voz e no lacrimejar de seus olhos.

Igualmente, seu contar pausado e pensativo possibilitam inferir um cuidado em não dizer ou revelar demais sobre o ocorrido, o que pode ter relação com a condição da gravação ou também a dificuldade de tocar em um assunto doloroso do passado, do qual alguns participantes possam ainda estar vivos. Conforme Pollak (1989), silêncios e não-ditos podem se impor nas memórias relativas a temáticas sensíveis nas quais os entrevistados temem se arriscar a mal-entendidos. Por outro lado, é possível inferir uma vontade de falar, pois mesmo com os sentimentos causados pelas lembranças, no decorrer da entrevista Alda voltou ao tema em mais de um momento, costurando sua narrativa.

As memórias de Margarete sobre os seus anos de escolarização na década de 1970 também indicam a continuidade de valores, sentimentos e hábitos de uma tradição confessional formando a cultura escolar desse lugar. Igualmente, na maioria dos registros iconográficos encontrados sobre antigas turmas da Gastão Englert na década de 1980 e 1990, identifica-se uma relação próxima entre religião e educação. Tendo em vista que quase todos esses eventos escolares, como

formaturas, festividades, teatros e reuniões, aconteciam no salão paroquial ou na igreja, onde igualmente as memórias e outros registros escritos relatam a prática de abertura dos mesmos através de uma missa e a presença do pároco local. Assim, esses ritos rememorados – muitas vezes, exprimem valores e formas de organização social (BONNEMAISON, 2002), sendo identificados como importantes na composição dos cenários de ensino no distrito, principalmente, no período de 1930 a 1960, quando das escolas étnico-comunitárias confessionais.

Sobre suas influências, Margarete, destacou ter se inspirado para a escolha da docência em sua mãe, a partir da prática diária de ajudá-la nas atividades com seus alunos. *“Eu abria o livro para ela...como era velinha...eu ia ajudar ela, a gente tinha um liquinho, aí terminava o gás, e eu ficava envolvida com ela ali, acho que foi ali... que acabei virando professora... me empolguei né!”*. Sua mãe também era professora na igreja do Cravina, localizada ao lado de sua casa.

Indo além em suas reflexões de formação e práticas para docência, Margarete atribuiu, ainda no presente, influências dos aprendizados vividos com sua mãe em suas atividades como professora. E, inclusive, reconheceu utilizar materiais como livros e cadernos usados por ela na época. Essa prática foi destacada pela entrevistada, uma vez que marcou o início de sua docência, tendo em vista ter assumido repentinamente a profissão enquanto ainda era leiga, sem formação completa, em sua primeira escola no Quebra-Cabo. Assim, ela relatou *“[...] eu peguei os livrinhos velhos da mãe e um caderno simplesinho que a mãe tinha em casa e foi o que eu levei para baixo do braço e fui para o Quebra-Cabo e foi os que eu continuei.”*

Também em suas lembranças do contexto escolar na época de sua escolarização, a entrevistada enumerou algumas instituições de ensino existentes no Rincão na década de 70, todas já elencadas no decreto municipal de 1954. Suas memórias elencam uma rotina extensa de sua mãe enquanto professora, que dava aula em todos os turnos e em mais de uma escola. Isso permite inferir, pelos seus relatos, que faltavam docentes no distrito à época e que esse problema era ainda maior nas instituições escolares localizadas em bairros mais remotos, como identificado no decreto.

O conjunto de memórias da entrevistada apontou permanências na composição do cenário de ensino no distrito no período da década de 1970. Como a manutenção das escolas existentes com turmas multisseriadas e de professor único,

o uso de capelas e de salões paroquiais para realização das aulas se fazia necessário para oportunizar o acesso ao ensino.

Em suas lembranças do passado, as entrevistadas teceram relações com aspectos sociais, econômicos e culturais, apontando dificuldades que marcavam seu cotidiano de infância e juventude e que tiveram influência em sua formação escolar. Alda narrou uma infância difícil no Rincão, tendo de “se virar para estudar”, apesar do apoio da família, em suas palavras, “[...] *uma infância assim bem pobre, com dificuldades, muitas dificuldades mil convivendo com a pobreza [...]*”. Enquanto Margarete, em suas reflexões sobre esse passado, apontou que essas dificuldades não se limitavam apenas aos seus familiares, atravessavam o cotidiano escolar do Rincão dos Kroeff à época.

Conforme suas lembranças relativas a esse tempo de infância, Margarete relatou que eram muitos alunos em comparação à merenda que era fornecida pelo município. Assim, sua mãe utilizava o que tinha em casa para complementar a refeição na escola. Segundo a entrevistada “*a mãe colocava do açúcar dela, a banha era dela, o leite, era tudo.... Era bem mais difícil sabe.*” Dificuldades que iam além da alimentação, nesse cotidiano escolar, como podemos perceber no trecho transcrito a seguir:

*“E quando era muito frio, hoje tu tem o teu casaco do roupeiro, do armário, tu vai lá tira e dá! Mas aquela época que tu não tinha nem para ti. Aí eu lembro que a mãe colocava brasa assim no chão e chamava eles para vir se esquentar um pouco, porque eles chegavam de longe, quilômetros e quilômetros a pé e com os dedinhos duro que eles não fechavam muito para pegar o lápis... Hoje é luva, hoje né.. Eles não passavam.. A gente não vê nada hoje... a gente via aquela época.”* (Margarete).

Os fragmentos de memória de Margarete acima, ricos em detalhes, possibilita recompor nuances de um espaço marcado por uma relação próxima entre o público e o privado, pelo pertencimento com atividades do campo e pela pobreza. Sendo estas desigualdades vividas por Margarete na infância, parte da realidade escolar de muitos alunos os quais vinham “[...] *quilômetros a pé [...]*”, *sem roupas e calçados apropriados ao frio de São Francisco de Paula para estudar na “[...] escolinha do Cravina [...]*” (Margarete).

Nesse contexto, percebe-se a importância das condições socioeconômicas e culturais vividas nas representações construídas pelas entrevistadas acerca de sua infância e ensino vividos no meio rural. E, nessa lógica, identificam-se, nos conjuntos de memórias produzidos pelas entrevistadas, significados que destacam um vínculo com o trabalho e marcações de gênero presentes desde suas infâncias. Assim, conforme Massey (2000, p. 178), o capitalismo e suas transformações influenciam nossa compreensão e experiência acerca do espaço e do tempo, “Mas isso, com certeza é insuficiente. Entre as muitas outras coisas que influenciam claramente essa experiência, há, por exemplo, a raça e gênero.”

No que tange ao trabalho e suas formações de gênero, Margarete lembrou: “*Ah, a minha mãe, ela dava aula manhã, tarde e noite, sempre sabe! [...] Eu ajudava a minha mãe preparar as aulas de noite [...]*”. Também a entrevistada relatou – em mais de um momento – de sua trajetória, insatisfação com o serviço da lavoura, realizado já quando criança. Atividade que ela manteve durante toda sua trajetória de vida e profissional e que ela destaca ter contribuído para o atraso em seus estudos.

As questões de gênero e a importância atribuída ao trabalho nesse cotidiano no meio rural também são perceptíveis nas memórias de Alda, pois a entrevistada, relacionou, em mais de um momento, as dificuldades socioeconômicas vividas pela família ao fato de sua mãe não conseguir encontrar um emprego formal além do trabalho feito em casa e na lavoura, “[...] *porque na época não tinha mesmo, era cuidar dos filhos e trabalhar na roça né.*” (Alda).

Essas adversidades, segundo a entrevistada, aumentaram com a aposentadoria precoce de seu pai e levaram a sua mãe a cumprir uma tripla jornada de trabalho, a fim de complementar a renda familiar. “*Daí a minha mãe também começou a trabalhar na escola, veio trabalhar na colônia de férias que tinha... como cozinheira da escola, daí a gente foi se virando, estudando...*” (Alda).

Assim, as memórias das entrevistadas são atravessadas pela relação constante com o trabalho como uma exigência desde a infância, que se soma ao serviço doméstico destinado historicamente às mulheres em nossa composição social historicamente patriarcal. Nesse contexto, durante a narrativa de suas trajetórias de formação e de docência, ambas apontaram dificuldades em conciliar o tempo de docência com os estudos, uma vez que também eram responsáveis pelos cuidados dos filhos e com os serviços domésticos em casa. Essas práticas

“treinadas” em seu cotidiano desde a infância apontam para uma jornada de trabalho e responsabilidades maiores, que se expandem no decorrer do tempo da vida.

Nesse sentido, cabe lembrar que a questão da jornada extensiva das mulheres é ainda maior no meio rural, onde, conforme Parry Scott (2010, p.70), “[...] o trabalho das mulheres rurais está tão ou mais ‘para além da dupla jornada’ que o das mulheres urbanas. Ele ocorre numa jornada contínua que vai do amanhecer ao anoitecer, resultando na confusão entre as atividades domésticas e produtivas.”. Sendo, assim, essas lembranças do trabalho são ainda mais significativas nas memórias de Margarete, que permaneceu como moradora de um distrito rural, onde se somam as atividades docentes com as domésticas, o trabalho na lavoura para completar a baixa renda familiar e a distância necessária tanto para percorrer até as escolas, quanto para buscar formação na docência.

Logo, essas dificuldades econômicas e de jornada extensiva de trabalho perpassam as trajetórias de vida, de formação e profissional das entrevistadas, com diferenças culturais, econômicas e sociais existentes entre as duas. Porém percebe-se em ambas uma valorização do estudo e do trabalho como condição de mudanças do cotidiano vivido por elas e por suas famílias.

Cabe pontuar que a preocupação com o trabalho desde cedo também fez parte da narrativa de João, que destacou, em suas memórias, sua profissão de barbeiro exercida em São Francisco de Paula desde os seus 16 anos. Nesse contexto, igualmente, o entrevistado rememorou encontrar dificuldade para concluir seus estudos enquanto trabalhava, porém, esse tema é menos recorrente em sua fala em comparação às de Alda e Margarete.

Assim, nesse conjunto de memórias identificam-se construções sociais de gênero marcantes nas memórias de Alda e Margarete, que se relacionam com o espaço vivido. Dessa forma, percebe-se que as dificuldades socioeconômicas e históricas, de acesso ao ensino no Rincão dos Kroeff, influenciaram no atraso dos estudos de Margarete como professora, por exemplo. Ela relata sua insatisfação com o trabalho no campo, sempre presente, quando criança e adulta:

*“Fui para lavoura de novo, não satisfeita [...] Cheguei lá e encarei assim: merenda, buscar água era mais ou menos 1km, não tinha água encanada e tinha de fazer merenda para 22 alunos..e daí de tarde eu parei em uma casa que eles me botavam em uma lavoura, mas tudo bem né. [...] “Quer trabalhar ou tu quer parar?”. Então eu saí e vim para*



*casa, peguei um ônibus três e meia e vim para casa, vou trabalhar [...] mas, graças a deus guri, consegui né...mas até quando eu não sei [...]* (Margarete).

Aqui, apesar de não ser a temporalidade desta dissertação, infere-se continuidades dessa realidade social durante a minha trajetória de docência na Gastão Englert nos anos de 2019 e 2020. Uma vez que os alunos dos anos finais do ensino fundamental, do 6º ao 9º ano, com idades entre 10 aos 14 anos, relataram a necessidade de dividir as atividades escolares com o trabalho na lavoura no contraturno escolar.

Sobre o cotidiano escolar, todos os professores apontam as dificuldades da estrada de chão, segundo Alda, *“sem asfalto e sem nada”* e da assiduidade de seus alunos que mesmo em dias chuvosos e frios percorriam, muitos deles, quilômetros a pé para chegar até a escola e não faltar à aula. Assim, eles relatam que *“[...] era neve, geada, tudo e a gente ia, porque eles não faltavam...”* (Alda).

Sobre as atividades e as práticas pedagógicas diárias com seus alunos em sala de aula, Alda evocou os trabalhos em grupo que gostava de realizar, principalmente quando percebia que eles estavam interagindo com o professor e aprendendo. Como lecionava História e Geografia, ela relatou que trabalhava com questões-problema sobre os objetos de conhecimento dessas disciplinas, *“[...] a fim de fazer eles quebrarem a cabeça juntos e pensar.”*

Já João relatou que suas aulas de Técnicas Agrícolas seguiam o manual do padre Landell de Moura, fornecido pela Secretaria Municipal de Educação. Ele era leigo no assunto, e rememorou, com certo alívio, quando percebeu que o ensinado no livro batia com *“[...] o estilo de plantio deles lá”*, ou seja, as técnicas agrícolas utilizadas por seus alunos no dia a dia em suas plantações no Rincão. Dessa forma, ele relatou que, nas aulas dessa disciplina, gostava de dialogar com seus os alunos sobre a prática na lavoura e, assim, enquanto trabalhavam com a teoria, ele acabava aprendendo muito com eles. Assim o entrevistado contou que *“Mas eles mais que me davam aula. Um dia eu dava aula e outro eles... É, eu dava a teoria e a teoria dava certo com o que eles faziam, então foi muito bom por isso.* (João).

Já Margarete destacou que realizava atividades diversas desde copiar, colar, desenhar, brincar, cantar, etc. com seus alunos da alfabetização. Ressaltou não ter muita dificuldade com as turmas, *“Nunca, nunca precisei chamar pai, não sei o que eu tinha... (risadas)... Sou perigosa como professora! (mais risadas)... Nunca, nunca*

*precisei.*” (Margarete). Além disso, quando percebia turmas mais difíceis, ela “[...] ia para rua trabalhar [...] e relata que isso funcionava. “Claro que eles vem cansados, suados, com aqueles cheirinhos horrorosos...mas, graças a Deus, guri, conseguia né...” (Margarete).

Em relação à infraestrutura da E.M.E.I.E.F. Gastão Englert, na época em que lecionaram na instituição, de 1979 a 1989, João e Alda relataram condições adequadas às suas necessidades e que as turmas nas quais lecionavam no turno da tarde, dos anos finais do ensino fundamental, 7º e 8º série, na época, eram em torno de 20 alunos cada uma, não sendo multisseriadas. Lembraram-se, também, da participação dos alunos na organização da escola e que sempre ajudavam a manter a limpeza da instituição.

Ambos os professores citaram em pequenos trechos questões burocráticas comuns do dia a dia escolar, como do preenchimento de cadernos de chamada e da entrega de materiais no final do ano letivo, a fim de que Secretaria Municipal de Educação mantivesse o registro necessário das aulas realizadas. Também, relataram visitas de representantes da Secretaria Municipal de Educação para acompanhar o progresso do ensino, o que igualmente se identifica registrado em algumas atas da escola da década de 1980 e 1990.

Alda lembra-se do quanto as mudanças de governo, legislação e de Secretaria de Educação acabavam influenciando no cotidiano e nas práticas de sala de aula. Tem como marcado em suas memórias a implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente e algumas mudanças teórico-metodológicas de ensino que “[...] traziam copiadas de fora.” (Alda). A princípio, ela contou ser resistente às mudanças, mas que aos poucos buscou se adaptar em suas práticas com as turmas e com os colegas professores, a partir do que era trazido. Inclusive, narrou com orgulho os resultados de aprendizado alcançados a partir de mudanças nas metodologias de ensino e aprendizado, que incentivavam uma maior autonomia do aluno a partir da prática de leitura e da pesquisa.

Em suas aulas de Educação Física, João relata ensinar “o que todo mundo dava... ginástica, futebol, vôlei, corrida, fazia exercícios abdominais, essas coisas tudo que faz a parte da educação física...” (João). E, apesar de não ensinar a teoria da Educação Física, lembrou de ser exigente nos exercícios práticos devido à sua experiência enquanto jogador de futebol, “[...] eu exigia bastante, era meio exigente, bem exigente [...]” (João). Assim, enquanto professor sem formação,

percebe-se que sua prática se espelhava em sua trajetória tanto como jogador, como aluno.

As representações construídas nessas narrativas apontam para continuidades, ainda na década de 1980 e 1990, de práticas identificadas no capítulo de contextualização do ensino no Rincão dos Kroeff, antes de sua institucionalização. Nas reminiscências de memórias das entrevistadas há um destaque para as dificuldades enfrentadas no ensino cotidianamente, tais como a falta de estrutura física e pedagógica, na qual as aulas permaneciam ocorrendo em locais improvisados e ministradas, muitas vezes, por professores leigos.

Um exemplo dessa precariedade existente em instituições de ensino do meio rural de São Francisco de Paula foi narrado por Margarete em suas lembranças referentes ao período em que lecionou na Escola Municipal de Ensino Fundamental Incompleto Jacó Kroeff, esta localizada no bairro Quebra-Cabo, nomeado em documentos antigos da prefeitura e de escritura de terra como Linha de São Jacó. O ponto mais próximo do bairro pertencente ao Rincão dos Kroeff fica a oito quilômetros ao sul da sede do distrito. A localidade faz divisa com os municípios de Riozinho, Rolante e o distrito de Barra do Ouro, de Maquiné. Segundo Buffão (2011), o nome pelo que é conhecido pelos moradores faz jus ao local íngreme, pedregoso e difícil de trabalhar. Local difícil de encontrar professores onde a maioria dos que lecionaram eram leigos, como relatou Margarete.

A escola era de madeira, possuía dois cômodos, “[...] a sala e uma areazinha onde as crianças deixavam os calçados. Nessa areazinha que era meio fechada, improvisei uma pia onde eu colocava o fogão e fazia a merenda.” (Margarete). Sem água encanada, o banheiro da escola era uma patente na área externa. Margarete relatou ter de chegar bem cedo, antes dos alunos, para buscar água direto da fonte no meio do mato, a mais ou menos um quilômetro. Segundo suas memórias:

*“Era uma escolinha pobre, humilde, que eu buscava água longe. E que assim ó, também era muito triste na hora da merenda né, porque vinha uma merenda, mas como te disse não era aquilo, vinha pouquinho e aquele pouquinho tu tinha de fazer render para o mês todo e vinha uma vez por mês”. (Margarete).*

A professora era a única funcionária e responsável pelo ensino, limpeza e alimentação dos 22 alunos da única turma multisseriada, de 1ª a 4ª série do turno da

manhã. Além da jornada na escola, “[...] *de tarde eu parei em uma casa que eles me botavam em uma lavoura, mas tudo bem né.*” (Margarete).

Dessa forma, apesar de já existirem instituições escolares com estruturas pedagógicas e físicas no distrito e mantidas pelo governo nessa época, como a Álvaro Aveline e a Gastão Englert, percebe-se que o distrito, em sua extensão de um espaço rural, com moradores distantes uns dos outros, não era totalmente atendido. Faltavam professores em relação ao número de escolas, nesse espaço, e entre eles a maioria era de docentes leigos, pagos pelo erário municipal, no qual o ensino ainda ocorria em locais improvisados nos bairros do Rincão, como capelas, ou salões paróquias tanto na infância de Alda, quanto de Margarete, entre as décadas de 1950 a 1970.

Continuidades de adversidades vividas nesse lugar foram intensificadas nas memórias de Margarete, com uma desassistência contínua do governo em determinados bairros do distrito, com menos moradores e mais isolamentos. Esse problema foi evidenciado por Margarete, quando ela relatou sua primeira experiência em uma escola no bairro Quebra-cabo:

*“Era chamado Quebra-cabo, mas pertence até hoje a São Francisco de Paula. Lá ninguém queria ir, tinha 22 alunos, só que ninguém queria ir, porque o lugar era quase que impossível. Aí eu tive de ir para morar, fui para morar lá e ficava durante a semana e sexta-feira eu vinha para o Cravina novamente 18km a pé...”* (Margarete)

Nesse contexto, a comunidade ou os professores buscavam soluções particulares para buscar oportunizar um ensino de qualidade. Isso foi relatado por Alda e Margarete em suas memórias nas instituições escolares Castelo Branco e Álvaro Aveline, respectivamente. Assim, no território do município durante esse período, esses docentes assumiam funções diversas, que iam muito além do ensinar, tendo de, muitas vezes, dedicar esforços socioeconômicos próprios para suprir necessidades básicas de materiais, alimentação, higiene e vestuário dos estudantes.

Esse cotidiano e essa cultura escolar são atravessados por dificuldades socioeconômicas, que se relacionam ao desenvolvimento do capitalismo no meio rural brasileiro entre a década de 1940 a 1980, visto que em muitas escolas isoladas

no espaço rural, “[...] o professorado fazia de tudo e a escola também era tudo para as comunidades.” (BARROS; FERREIRA, 2020, p. 470-471).

Igualmente, percebe-se a transitoriedade dessas instituições a partir da mobilidade existente entre os moradores dessas escolas, os quais migravam com a sazonalidade da lavoura e em busca de melhores condições de vida. Os bairros com maiores dificuldades de acesso, distantes e com menos moradores, eram ainda mais abandonados pelo poder público, conforme relatou Margarete antes da E.M.E.F.I. Jacó Kroeff fechar e ela ser transferida para Álvaro Aveline.:

*“[...] eram 24 alunos, mas como essa família que tinha vários alunos foram embora, porque começou a falecer as criancinhas doentes deles, eles foram para um lugar, não sei se é rolante ou riozinho que eles foram embora por que tinham mais acesso, sabe. Então ficaram poucos alunos, só que o 3º passou para o 4º, e, era só até a 4ª série, sabe. Quando eu cheguei lá tinha o 5º, mas depois eles cortaram. Era de primeiro ao quinto, “não, vamos diminuir um ano por que começou a ficar muito pouco aluno”, e eles precisavam na Cravina, no Potreiro Velho e no Santo Antônio tinha mais alunos do que aqui, porque tinham mais moradores. Ta certo né, eram lugares mais fáceis de viver, tinham mais lavoura. Lá era um lugar difícil, eles só plantavam milho e feijão. Aqui em cima eles já plantavam verduras, então, tinha muito mais famílias e muito mais alunos e também precisam de muito mais professores.” (Margarete)*

Ao narrar suas trajetórias, os professores refletiram sobre os aspectos cotidianos desse espaço, com condições entre elas de adversidades para escolarização. E, nesse contexto, destacaram o fator docente, no qual enquanto professores criaram atalhos em seus modos de fazer, produzindo artes de contornamento perante as dificuldades existentes a fim de possibilitar “[...] que as aulas, o ensino e a aprendizagem ocorressem, mesmo frente a desafios diversos.” (BARROS; FERREIRA, 2020, p. 464). Logo, essas lembranças também me permite identificar continuidades no exercício da docência no meio rural, contexto no qual, como ressaltado nas narrativas, ser professor significava assumir tarefas que iam muito além do ensinar.

Em momentos seguintes, quando retornamos ao assunto da educação no Rincão, Margarete rememorou emocionada as condições difíceis vividas pelos seus alunos, muitos deles de famílias pobres, com problemas de saúde. Assim, emocionou-se ao relatar o cotidiano escolar da Jacó Kroeff no Quebra-Cabo, constituindo em suas memórias a representação de um lugar remoto e abandonado

pelo governo, onde, conforme Margarete, as famílias viviam porque não tinham condições para comprar melhores terras para o plantio, próximas à sede. A entrevistada relatou com tristeza que seus alunos não tinham o básico desde caderno, lápis e até vestuário, como roupas e chinelos.

Em suas aulas nessa instituição escolar ela se lembra das dificuldades para alfabetizar tanto por sua inexperiência, quanto pelas condições precárias vividas por seus alunos. Assim, como não tinha a formação completa para o magistério, utilizava como referência o que aprendeu com a sua mãe, inclusive usando o mesmo livro e as atividades anotadas em seus cadernos. Para improvisar o material aos seus alunos, ela relatou que pedia e utilizava caixas de papelão de sapato para desenhar e recortar bichinhos ou sílabas para que eles aprenderem a escrever o nome.

Margarete lecionou por um ano nessa Escola Municipal Jacó Kroeff, de 1987 a 1988, e no ano letivo seguinte conseguiu uma vaga na Escola Estadual de Ensino Fundamental Incompleto Álvaro Aveline, localizada no bairro Santa Tereza, a 2 km da sede do município e mais próxima de sua casa.

A partir de sua fala, percebe-se que as condições estruturais da Escola Álvaro Aveline eram melhores do que as da Jacó Kroeff, construída em alvenaria, contava com “[...] uma sala enorme divida em TNT para as duas turmas, uma cozinha em um quartinho improvisado e um banheiro [...] tinha também uma pequena área externa com alpendre para eles brincarem em dias de chuva.” (Margarete). Porém, repetiram-se, em suas memórias, relatos de precariedade vividos por alguns de seus alunos.

A entrevistada lecionou na Álvaro Aveline de 1989 a 1991, na época a escola atendia da 1ª a 4ª série e possuía duas professoras para atender as turmas multisseriadas, com duas séries em cada. Margarete era responsável pela merenda e era docente titular da turma com a 1ª e a 2ª série, enquanto a professora Maria Margareth Guimarães Pinto era diretora e titular da 3ª e da 4ª série. A professora Margareth Pinto, como ela prefere ser chamada, atualmente é professora na Gastão Englert, concursada pelo município. Ela foi professora e diretora da Álvaro Aveline até o ano de 2009 quando se aposentou pelo Estado, sendo seus alunos transferidos para a Gastão Englert como relatado na seção anterior.

Sobre suas práticas pedagógicas na época, lembrou de planejar suas aulas durante o turno da noite, utilizando livros de sua mãe a partir dos quais preparava os

exercícios de alfabetização, tais como desenhos diversos com as letras iniciais, como cobra e bota, para realizar com eles em sala de aula.

Sobre o cotidiano na Álvaro Aveline, ela percebia a escola como um espaço mais organizado e fiscalizado do que as municipais pelas quais passou. Ela relatou que a instituição dispunha de uma verba maior, que possibilitava organizar melhores refeições para os alunos. E, como alguns não tinham muitas condições em casa, ela relatou que a merenda era importante, narrando que ela e a Margarete Pinto tentavam ajudar no que fosse possível, desde a alimentação, higiene e vestuário como destacado no trecho a seguir o qual ela contou com a voz emocionada:

*“Tipo, tinha que amarrar o cabelinho delas, lavar o rosto, lavar o nariz... bá! Aí onde eu comecei a pedir roupinha para um para o outro, para começar a trocar a roupinha delas quando chegavam no colégio, trocar a blusinha que chegavam muito sujas. Aí que a gente começou, eu disse Margarete, vamos fazer coisas diferentes, por que a gente ir lá e comprar o feijão e o arroz, os pais delas plantavam feijão. Então feijão e arroz eles têm. Daí a gente começou a fazer umas coisinhas diferentes e até hoje elas falam muito como elas comiam merenda boa na escola...”* (Margarete).

Sobre a Gerência Estadual da Educação, ela relatou que ocorriam visitas surpresas para acompanhar os aprendizados e verificar o que foi comprado. Assim, além das notas fiscais que eram enviadas para a sede, conferiam se havia os itens na geladeira e se as crianças estavam comendo o que informaram.

Quando saiu da Jacó Kroeff, haviam prometido uma vaga municipal na Gastão Englert, mas acabou sendo cedida para o Estado na Álvaro Aveline, pois,

*“[...] lá tinha três meninas especiais [...] e ninguém queria dar aula porque tu tava dando aula e tu olhava ela estava embaixo dos pinheiro catando os pinhão, daí tu ia lá, buscava, ajeitava, lavava, colocava elas para sentar, tratava primeiro, pois elas não tinham nem o que comer, eram três meninas com bastante problema. Então tu deixava os alunos ali e ia buscar as três lá, era bem difícil.”* (Margarete).

É possível inferir em vários momentos de sua narrativa que a Gastão Englert era preferida pelos professores no distrito devido a melhor infraestrutura pedagógica e física, à época, como também por sua localização centralizada, indicando que existia um jogo político na disputa das vagas em toda a rede municipal. Isso também pode ser identificado nas memórias de João e de Alda, que demonstraram, na

oralidade, sua insegurança quanto as trocas de governo, uma vez que não sabiam se teriam suas vagas garantidas enquanto professores das escolas, como rememorou Alda no trecho a seguir:

*“Na verdade, quando a gente veio do Rincão dos Kroeff... cada vez que trocava...assim.. eu fui muito, andei por aí, porque cada vez que trocava um governo, eles me botavam em uma escola diferente. Só que eu nunca fui partidária política, nunca me envolvi com política, nada... mas eles me trocavam, assim de vez em quando. Daí quando chegamos aqui começaram a nos demorar para nos colocar em escola, colocar em escolinha e eu comecei a desconfiar que isso não ia dar certo...”* (Alda).

Assim, percebe-se nas memórias que a influência da esfera política municipal se fazia presente na escolha “das melhores vagas” nas escolas localizadas no centro do município. O que exigia dos professores uma constante adaptação em suas mudanças entre escolas e a busca por uma formação para estar preparado. Inclusive, Alda relatou sobre sempre estar fazendo cursos caso precisasse lecionar em outra matéria. Da mesma forma, a partir das mudanças no currículo, Margarete relatou ter feito uma pós-graduação em Turismo Ambiental, pois havia passado a fazer parte enquanto disciplina nas escolas da rede municipal.

Margarete voltou a lecionar na Gastão em 1993, na época a escola já se localizava no local atual e funcionava nos dois turnos, de Educação Infantil aos anos finais do Ensino Fundamental. Construída em alvenaria, a instituição também possuía a disposição atual, com nove cômodos: uma sala da direção, um refeitório, quatro salas de aula, um banheiro, uma cozinha e uma pequena biblioteca a partir de uma reforma no mesmo ano. Contava também com uma pequena área com alpendre, um amplo espaço externo não cercado, um campo de futebol cercado e uma quadra de vôlei aberta, ambos com piso de areia. O ginásio de esportes que possui o uso compartilhado com a Igreja e a associação da comunidade foi construído apenas em 2005, junto com a reforma do salão paroquial.

Professora de séries iniciais, Margarete conseguiu uma vaga na Gastão fora de sua área de experiência, para ensinar Educação Física nos finais do Ensino Fundamental, “[...] pois precisavam de professores no turno da manhã e não do turno da tarde que tinham muitas que não estavam formadas, porém conseguiam.” (Margarete). Em suas práticas de ensino referentes à essa disciplina, ela rememorou que suas aulas eram, em sua maioria, destinadas a práticas de futebol e vôlei,



sendo que em dias de chuva ou quando “as turmas estavam difíceis” ela cobrava pesquisas e questionários sobre curiosidades históricas ou sobre regras dos esportes.

Assim, logo que assumiu, ainda sem formação, sentiu a necessidade de voltar a estudar devido a pressão exercida pela coordenação da escola, uma vez que, também passou a ser uma exigência legal ter um diploma, caso contrário, segundo suas memórias, seria mandada embora. Logo, à época que começou a lecionar na Gastão, voltou a estudar a fim de concluir o magistério, tendo cursado posteriormente Pedagogia. Após esse início, já graduada, passou a lecionar nos dois turnos, manhã e tarde, sendo na alfabetização para séries iniciais e Educação Física e Ciências para as séries finais do Ensino Fundamental. Nas aulas de Ciências ela relatou utilizar o livro didático, mas que também desenvolvia um projeto de uma horta na escola, no qual ensinava os alunos a plantar e a explorar algumas das atividades práticas apresentadas no livro.

Desses primeiros anos da Gastão, ela lembra, emocionada, de conseguir alfabetizar alunos “[...] *que faziam anos que não eram alfabetizados, não ia sabe, tipo, ficavam no fundo da sala por cinco anos, e naquela época não tinha essa história de tu ter que passar né. [...]*” (Margarete.). Também relatou que os professores não sabiam como os ensinar, não tendo paciência, colocando-os apenas para “*recortar e colar figuras*”. Assim, como não aprendiam a ler e a escrever, não passavam de ano “[...] *e ninguém mais queria dar aulas [...]*” nessa turma com cerca de 13 a 14 alunos. “*Daí quem? Eu dona Margarete, fui, vamos lá, alfabetizei. Beleza! A secretaria comentou com o SENAR e me chamou para alfabetizar jovens e adultos. Daí eu fiquei com três turnos: manhã, tarde e noite.*” (Margarete).

Percebe-se, na narrativa, que o período em que Margarete lecionou para Jovens e Adultos foi muito marcante para ela, uma vez que a entrevistada demonstrou estar emocionada em seu tom de voz e seus olhos estavam lacrimejados.

Através de um convênio entre o curso ALFA de Porto Alegre, que oferecia o material didático a Prefeitura, o Sindicato Rural do distrito e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), foi possível oferecer essas aulas de alfabetização. Margarete lecionou por seis anos consecutivos como única professora, isto é, enquanto durou o curso no distrito. As aulas ocorriam no turno da noite com uma

única turma multisseriada. Os alunos tinham idades variadas entre 18 e 87 anos, todos não alfabetizados e a maioria deles não possuía documentos e condições financeiras. Isso exigia de Margarete muito mais do que apenas o exercício da docência.

Seus relatos sobre as condições de seus alunos, como também a periodicidade do curso e o tamanho das turmas, com média 22 alunos em cada ano, possibilitam inferir sobre a desigualdade social e o analfabetismo existente no meio rural do município ainda na década de 1990. Não só referente aos adultos, percebe-se no distrito uma dificuldade de acesso à saúde e à educação desde cedo, como também de infraestrutura básica para o exercício da cidadania.

Nesse contexto, Margarete, relatou que demorou mais de um mês para começar o curso, tendo em vista que primeiro foi necessário ajudar seus alunos a regularizarem seus documentos, pois muitos deles não tinham nem registro geral, CPF, título de eleitor ou certidão de nascimento. Esses documentos eram exigidos pelo SENAR para a realização de matrículas e, posteriormente, para a confecção dos diplomas. Assim, por pedido da instituição e por vontade própria, ela passou a ir em grupos de quatro a cinco alunos confeccionar esses registros “na cidade”. Pesquisa que deu certo trabalho, pois os que tinham algum documento geralmente estavam em condições precárias, com informações incompletas ou desgastadas pelo tempo.

*“Era tipo, a maioria, uns 90% era tipo uns indigentes, miseraveizinhos sabe, não eram aposentados, a maioria já tinha idade e não tavam aposentados porque eles não tinham documentação, eles não tinham um bloco.. Os que tinham eram pedaços. Antigamente era muita, queimavam muita casa sabe, eram ranchinhos, eram casinhas simples, aí muita casa queimava e eles me traziam aqueles pedacinhos assim com o começo do nome”. (Margarete).*

Apesar dessas adversidades a professora entrevistada relatou com orgulho a pesquisa que fez para descobrir de onde eram, quais eram suas famílias, registrar um por um e oportunizar o ensino.

*“Aí começamos uma alfabetização. Ai gente! [olhos lacrimejando, respiração profunda, emocionada]. Acho que foi a melhor alfabetização que eu fiz na minha vida, de jovens e adultos, é maravilhoso né, aprender o nome, rendeu muito”. (Margarete).*

Além do aprendizado, Margarete contou ter estabelecido uma relação de amizade com seus alunos de EJA, os quais “[...] até hoje quando saiu a história da escola nova... cobram... muito... muito... para dar aula de novo... Vamos ver, agora a gente tá mais cansada né. Mas né...” (Margarete)<sup>6</sup>.

Quando perguntados como era lecionar no Rincão dos Kroeff, Alda e João elencaram diferenças entre as escolas estaduais e municipais em que lecionaram. Segundo Alda: *“Nas escolas municipais eu adorei trabalhar, porque eu gosto de trabalhar com gente que precisa do conhecimento e se interessa pelo conhecimento.”* (Alda.). Em seguida, ambos responderam em conjunto que em questão de conteúdos não percebiam muitas diferenças, mas que percebiam um maior respeito e uma valorização por parte dos pais e de alunos nas escolas municipais, indicando também uma proximidade maior com a comunidade nessas instituições escolares mais remotas em relação à sede do município.

Já Margarete relatou ter lecionado apenas no Rincão dos Kroeff e que não tem interesse em lecionar na “cidade”, em suas palavras, pois gosta de lecionar “[...] para quem mais precisa”. Assim em suas representações é possível identificar significações que diferenciam o rural e o urbano, tendo em vista que Margarete aponta o primeiro como um espaço menos desenvolvido economicamente, mas “tranquilo” para morar e ensinar. Lugar em que ela “se sente bem e realizada” (Margarete), visto que percebe que suas atividades como professora são significativas e reconhecidas pela comunidade.

Sobre as experiências cotidianas no Rincão, todos os professores evocaram lembranças das festividades de agosto. Dos três dias de festa, Alda e João costumavam ir na segunda-feira, pois era um dos seus dias de trabalho. Já Margarete narrou participar ativamente das organizações festivas e religiosas. Os professores Alda e João, também ressaltaram que os pais e os alunos sempre os convidavam para outros eventos, tais como formaturas de catequese, missas, bailes e jantares realizados no clube ou no salão paroquial do distrito. Contudo, devido a distância, só compareciam quando esses momentos ocorriam em seus dias de aula. Margarete também destacou esse vínculo estabelecido com a comunidade escolar como importante para a sua trajetória de ensino.

---

<sup>6</sup> Em 2019 foi anunciado pela prefeitura municipal de São Francisco de Paula que seria construída um prédio novo para a Gastão Englert, com o dobro de salas disponíveis. A obra de limpeza do terreno, próximo a atual escola começou no ano de 2020, porém no momento de escrita dessa dissertação encontra-se parada devido ao contexto da pandemia de COVID-19.

No que tece o cotidiano escolar no Rincão e de suas turmas no distrito, em mais de um momento, as memórias dos professores João e Alda voltaram-se novamente à assiduidade dos alunos da Gastão Englert, que mesmo com as dificuldades da distância, do clima e de suas condições financeiras, se faziam sempre presentes. Eles relataram algumas práticas e adversidades cotidianas vividas pelos alunos, tais como a longa distância percorrida a pé até a escola, sendo que alguns, que tinha mais condições, iam a cavalo. Todavia, segundo os entrevistados, a maioria ia a pé e muitas vezes chegavam embarrados devido às condições da estrada de terra.

Também é possível inferir na narrativa dos dois uma percepção e atribuição mais significativa da importância e da valorização enquanto docente nas comunidades escolares das escolas municipais em que trabalharam. As representações dessas instituições escolares municipais e suas comunidades são significadas como mais participativas e importantes em suas trajetórias docentes.

No que tece a Gastão Englert, eles ressaltaram o quanto foi gratificante lecionar na escola, como também a importância marcante em suas memórias e trajetórias do vínculo de amizade e de confiança estabelecido com os pais e alunos. Igualmente é possível inferir na narrativa que essa relação mais próxima com a comunidade facilitava o andamento do trabalho docente em sala de aula e a percepção de resultados de aprendizado alcançados.

Nesse contexto, infere-se, a partir das lembranças rememoradas no ato da entrevista, que as escolas municipais exerciam um papel de instituição de referência ainda mais significativo e perceptível nos lugares e nas comunidades em que se situavam, todos eles mais distantes em relação à infraestrutura disponíveis no centro do município. Percebe-se nas narrativas dos entrevistados, também, uma importância ainda maior no papel do professor nessas comunidades, muitas delas isoladas. Assim, em diversos momentos da entrevista Alda e João ressaltaram que por meio de seus trabalhos realizados conseguiam trazer mudanças, “*belas mudanças*”. Igualmente, suas memórias apontam para comunidades mais carentes tanto em aspectos sociais quanto em econômicos nas instituições escolares municipais em relação às estaduais, todas estas localizadas no centro do município.

Essa percepção da importância de seu papel nas mudanças sociais e culturais é ressaltada por Alda em suas lembranças da época como coordenadora na Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente Castelo Branco, no então

Loteamento Santa Isabel, um bairro considerado de classe baixa, na sede do município, e que fica mais isolado em relação ao Centro.

Alda se emocionou ao falar sobre o seu trabalho como professora nesse período em que o João também era vice-coordenador da escola. Ela relatou participar dos cuidados básicos de saúde e higiene de seus alunos e da importância que a merenda escolar tinha no aprendizado. Rememorou ter aceitado ser coordenadora da escola, através de um convite da Secretaria da Educação, prometendo organizar a escola, e nesse sentido, passou a exigir que fossem feitas mudanças, entre elas que houvesse merenda todos os dias para os estudantes. Segundo sua narrativa, essa mudança, entre outras ações realizadas e narradas na entrevista, colaborou para o aumento na presença e matrícula de alunos que anteriormente haviam abandonado a instituição, como também na qualidade do aprendizado dos mesmos.

Os conjuntos de memórias sobre esse período em suas trajetórias docentes relatam uma pobreza marcante nessa comunidade escolar do Loteamento Santa Isabel e o quanto muitos dos alunos não tinham o básico de material para aprender, vindo muitos deles em condições precárias e com fome para a sala de aula. Nesse contexto, os professores relataram organizar formas de contornar essas adversidades, modificando muitas vezes a ordem escolar já estabelecida a fim de oportunizarem o aprendizado. Com esse intuito, organizavam reuniões com a comunidade escolar, questionavam práticas, como por exemplo o fornecimento de alimentação apenas para os professores e passavam a acompanhar seus alunos além de suas responsabilidades enquanto docentes no cotidiano escolar. Eles relataram, por exemplo, que ensinavam eles a plantar, davam banho, marcavam consultas e medicavam alunos com remédios comprados com seu dinheiro.

A entrevista de João e Margarete encaminhou-se para o fim com ambos saudosos e orgulhosos de seu tempo de docência, pois compreendem que “[...] deixaram um legado bem bonito” (João) por onde passaram. Assim, no decorrer da entrevista, significaram suas trajetórias docentes como uma “*experiência de vida*” que “...valeu a pena...” porque “...aprenderam muita coisa” (Alda), um aprendizado tanto para eles quanto para os seus alunos que marcaram suas identidades. Já Margarete encerrou a entrevista saudosa de suas lembranças de ensino e esperançosa por melhoras na pandemia a fim de voltar a dar aulas presenciais.

Enfim, identifica-se, nas suas narrativas, que eles significam o espaço rural enquanto lugar de aprendizado e, apesar das adversidades apontadas em suas trajetórias, destacam o exercício da docência com valorização e proximidade com a comunidade escolar. Igualmente, em suas memórias esses professores ressaltaram os saberes produzidos na vida cotidiana, fundamentando suas práticas escolares em conhecimentos aprendidos na empiria. Além disso, significaram a importância das redes de sociabilidade construídas para o desenvolvimento de suas práticas e aprendizados tanto na Gastão Englert quanto em outras instituições escolares pelas quais passaram na rede municipal de São Francisco de Paula.

Nessa trama, atravessam-se reflexões percebidas de que a cultura escolar no Rincão dos Kroeff, a partir desses documentos, foi atravessada por valores comunitários, religiosos e de trabalho, desde cedo, sendo essas trajetórias de aprendizado e docência dos participantes marcadas por questões do meio rural e de gênero. Contexto e perspectiva de abordagem sobre a memória e espaço no qual se percebe que as representações sobre o passado, narradas pelos entrevistados - devido à sua proximidade de cotidiano vivido em uma escola do distrito rural e de São Francisco de Paula - possibilitam traçar reflexões e identificar dinâmicas e características comuns, a fim de pensar práticas que constituíram um cenário de ensino no período abordado pela pesquisa, de 1968 a 1998.

## 6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: LÁ E DE VOLTA OUTRA VEZ

“Gandalf olhou para ele. — Meu querido Bilbo! — disse ele — Há algo errado com você! Não é mais o hobbit que era.” (TOLKIEN, 1998, p. 294).

Todas as trajetórias de alguma forma acabam, possuem um começo e um fim, e, como um caminho percorrido no tempo e no espaço, imbricam encontros, aprendizados e desafios. Assim, ao tecer reflexões sobre essa trajetória de pesquisa de mestrado, percebo o quanto a minha jornada se vincula a muitas outras, que de alguma maneira, tocaram-me e tornaram esse texto possível.

Quando me propus a aceitar essa aventura de pesquisar sobre as memórias de docentes em uma escola rural em São Francisco de Paula, eu estava ciente das dificuldades que teria de encarar. A princípio, porque a História da Educação era uma temática inesperada e, em muitas nuances, desconhecida para mim. Em seguida, porque pesquisaria sobre o ensino rural, realidade que passava então a ocupar, nesse sentido, uma experiência nova em muitos aspectos, tanto enquanto professor, como pesquisador.

Esse movimento em direção a um cotidiano com seus valores, práticas, hábitos e costumes geraram a admiração e surpresa, sentimentos complexos do ato de estranhamento, que me colocavam a pensar sobre o tema da pesquisa. Destaco que essa condição movimentou e limitou a pesquisa principalmente no início, porém foi no mapear os documentos e em outras referências, como também a partir de reflexões traçadas nas orientações e na qualificação do projeto que pude visualizar outros caminhos e abordagens possíveis, desnaturalizando interpretações pré-concebidas.

A maturação da pesquisa em suas categorias de abordagem possibilitou, a partir de uma leitura minuciosa dos documentos produzidos, perceber o quanto a *cultura escolar do distrito* é atravessada por múltiplas composições sócio-históricas com características locais e globais. E, nesse processo conjunto de análise e escrita, os conceitos de *cultura escolar*, *memória* e *de lugar* ganharam cada vez mais centralidade ao possibilitarem compreender esse cotidiano em uma dinamicidade e multiplicidade de influências e em relações com aspectos econômicos, sociais e políticos, que se sedimentam em uma cultura no tempo e no espaço. (FRAGO, 2006; MASSEY, 2000).

Os documentos memorialísticos produzidos durante as entrevistas com três docentes da Instituição Escolar Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Gastão Englert também possibilitaram identificar, a partir de suas trajetórias, formas de pensar e fazer que compõem os cenários de ensino no distrito em determinadas épocas. Nesse sentido, estabeleci categorias que identifiquei atravessarem as memórias dos professores entrevistados(as) no que tecem ao ser docente no Rincão dos Kroeff, entre elas a convivência com práticas religiosas, um vínculo sempre presente da necessidade de trabalho nas trajetórias rememoradas pelas entrevistadas, percebendo-se que essas relações com o trabalho no distrito também são atravessadas e marcadas por questões de gênero que se somam em suas trajetórias de formação e docência.

Nesse contexto, compreendi, também, que o ensino foi atravessado por dinâmicas sócio-históricas da imigração e suas relações econômicas, políticas culturais e sociais, algumas delas não tão visíveis quanto a pobreza e a exclusão ao acesso de direitos básicos nesse espaço.

Nos conjuntos de memórias também foram identificadas algumas formas de organização cotidianas e adversidades que compõem o cenário de ensino no Rincão. Entre essas, a busca por soluções particulares e comunitárias para educação, bem como a dificuldade que muitos de seus moradores têm para concluir sua formação devido à distância e à inexistência de instituições escolares que atendam todas as etapas da Educação Básica nesse lugar. Assim, percebe-se um processo sócio-histórico de abandono em muitos dos espaços rurais do Rio Grande do Sul, em que o meio rural foi relegado a um segundo plano pelas políticas públicas governamentais principalmente até a década de 1950.

Igualmente, as práticas docentes e as representações construídas cotidianamente em sala de aula, principalmente por Margarete, vincularam o Rincão dos Kroeff como lugar de pertencimento e de ação imediata. Esses docentes buscaram – às suas maneiras – formas de resistências e de contornamento das adversidades vividas tanto em suas trajetórias de vida, quanto de seus alunos, a fim de oportunizar o acesso à educação.

Nesse lugar, espaço de vivência e da convivência, compreende-se que a Escola Gastão Englert assume centralidade na cultura escolar desde sua fundação em 1968. Nesse processo, sua inauguração e as constantes reestruturações ocorridas em sua infra-estrutura física e pedagógica, no decorrer do tempo,



representam uma gradativa sistematização e padronização do ensino no distrito aos moldes exigidos pela industrialização e pelas mudanças do mercado de trabalho contemporâneo. O que se reflete em uma crescente seriação do ensino e diminuição das classes multisseriadas, com professor único, a partir da Gastão Englert, aspectos que compõem o cotidiano de ensino no distrito de 1930 a 1960.

Compreende-se, também, que essa dinamicidade se insere em uma tentativa de conter o êxodo rural no distrito, processo que em nível estadual acompanha a crescente industrialização nas áreas urbanas do Rio Grande do Sul, a partir de 1960. Nesse sentido, a Gastão Englert torna-se ponto de referência e espaço de sociabilidade e práticas cotidianas, onde se compõem valores, hábitos e formas de ensinar e aprender na cultura de um lugar.

Com o progressivo desenvolvimento da pesquisa, percebe-se que a temática do ensino no espaço rural é ampla e possibilita um leque gigantesco de discussões e questões a serem abordadas, que exigiriam mais aprofundamentos e tempo de pesquisa. Entre esses destaco as questões de gênero e de migração que se fazem presentes no desenvolvimento desse espaço rural e de suas múltiplas composições e cenários de ensino. Nesse sentido, fica uma indicação para aprofundamento dessas temáticas em novas pesquisas, principalmente referentes ao período abordado nesta dissertação.

O contexto de pandemia exigiu adaptações metodológicas no decorrer da pesquisa. A princípio, destaco que essa realidade exigiu outros tempos e movimentos, inclusive o de respeitar o luto dos participantes que perderam parentes e amigos nesse contexto. Destaco que a dificuldade de acesso à instituição escolar e a outros acervos documentais municipais fechados durante a pandemia demonstrou-se um desafio a ser superado. Nesse ponto, a busca por contatos, com moradores e ex-professores do Rincão dos Kroeff através da internet foi uma alternativa encontrada para aprofundar alguns dados e documentos para a pesquisa.

Igualmente, o uso das ferramentas da internet e do celular para a gravação das entrevistas mostrou-se funcional para o proposto na dissertação. E, apesar dessa modalidade não estar prevista originalmente na História Oral, busquei seguir durante todo o processo os princípios indicados pela metodologia, a fim de manter uma qualidade análoga nos documentos produzidos.

No que tece os aspectos práticos da entrevista, se por um lado a não realização em loco, na casa dos participantes, possa ter inibido a participação de

uma professora convidada durante o projeto e ter impossibilitado o acesso a artefatos dos entrevistados, como cadernos, diários e fotos de seus tempos de docência, o uso da internet também demonstrou pontos positivos. Entre eles, identifiquei que, com o decorrer da transcrição e durante a análise das entrevistas, o acesso rápido aos professores, através de chamada de vídeo ou texto, possibilitou uma gradativa proximidade, que fortaleceu o vínculo de confiança dos participantes com o pesquisador e a pesquisa. Assim, foi a partir desse processo que foi possível superar as dificuldades iniciais e aprofundar as discussões de temas e pontos de interesse levantados pelos participantes em suas narrativas.

Dessa forma, compreendo que a internet foi uma alternativa necessária que se mostrou uma ferramenta possível e útil a ser utilizada na produção de documentos orais quando a distância era um empecilho. Porém, reconheço que ainda há muito a aprender e a debater sobre aspectos teórico-metodológicos, técnicos e éticos em seu uso nas pesquisas da História e da Educação. Nesse ponto, penso que um diálogo possível a se aprofundar para um desenvolvimento teórico-metodológico será com outras áreas interdisciplinares, que já se valem dessa tecnologia em suas pesquisas, por exemplo, com a da Comunicação e Informação.

Enfim, identifiquei que essa trajetória de pesquisa possibilitou mudanças em minha subjetividade e prática docente, no processo de pesquisa e a partir das aulas, diálogos e produções pude me conhecer melhor, problematizando algumas concepções pré-estabelecidas e atividades utilizadas na prática pedagógica que possibilitaram repensar representações e atividades em sala de aula. Além disso, a trajetória do mestrado possibilitou desenvolver outros olhares e posturas, percebendo também outros caminhos de pesquisa, que com seus encontros inesperados compõem minhas experiências e meus lugares de memórias e de docência.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Doris Bittencourt. **Memória da rural**: narrativas da experiência educativa de uma escola normal rural pública (1950-1960). Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- ALVES, Eliseu. **Migração rural-urbana, agricultura familiar e novas tecnologias**: coleção de artigos revistos. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006, 181p.
- AMADO, Janaína. O Grande Mentiroso: Tradição, Veracidade E Imaginação Em História Oral. **História**, São Paulo, n. 14, p. 125-136, 1995.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2016. 277 p.
- ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBAERT, Rogério. (orgs.). **Identities e territórios**: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Acess, 2007, 136 p.
- AULETE DIGITAL. Lexikon editora digital. 2021. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/rinc%C3%A3o>. Acesso em: 03 mar. 2021.
- BHABHA, Homi. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BARROS, José D'Assunção. **O campo da história**: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BARROS, José D'assunção. História, Espaço e Tempo: interações necessárias. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 460-476, jul./dez. 2006.
- BARROS, Josemir Almeida; FERREIRA, Nilce Vieira Campos. Pesquisa em História da Educação Rural: professoras e professores entre teias e contextos. *IN*: CHALоба, Rosa Fátima de Souza; CELESTE FILHO, Macioniro; MESQUITA, Ilka Miglio de (ORG.). **História e memória da educação rural no século XX**. p. 439-476. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.
- BARROSO, Vera Maciel. **Raízes de Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula e Tramandaí**. Porto Alegre: EST, 1992.
- BASTOS, Maria Helena Camara; BENCCOSTA, Marcus Levy A; CUNHA, Maria Teresa Santos. Uma cartografia da pesquisa em história da educação na região sul: paraná, santa catarina, rio grande do sul (1980-2000). *In*: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 25., 2002, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: ANPED, 2002.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. *In*: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Geografia cultural**: um século (3). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

BOTO, Carlota. Civilização escolar como projeto político e pedagógico da modernidade: cultura em classes, por escrito. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 23, n. 61, p. 378-397, dez. 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BLOCH, Marc. **A apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BUFFÃO, Márcio Paffrath. **Muito Prazer! Eu me chamo - Rincão dos Kroeff**: mas do que uma história, uma lembrança. Porto Alegre: Evangraf, 2011.

BUFFÃO, Márcio Paffrath. Os filhos do rincão. 2020. Disponível em: <<http://filhosdorincao.blogspot.com/2010/12/livro-sobre-rincao-dos-kroeff-tem-nova.html>> Acesso em 03 de mai. 2020.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE**. Censos demográficos. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=759>> Acesso em: 01 de jan. 2021.

BRITO, Estela Denise Schütz. **Memórias de Ex-Alunos (as) do Internato da escola Normal Evangélica em São Leopoldo/RS**: práticas cotidianas e cultura escolar (1950-1966). 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

CARDOSO, Tatiana Mélo. **São Francisco de Paula**: o ensino de história e a identidade local. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes do fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. v. 1.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017.

CLAVAL, Paul Charles Christophe. A Geografia Cultural: um balanço. **Geografia** (Londrina), Londrina, v. 20, n. 3, p. 005-024, set./dez. 2011. URL: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>>

DAROS, Dilnei Abel. **Memórias do Curso Normal regional de São Francisco de Paula-RS (1953-1962)**: Percursos formativos. Tese (Doutora em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2020

DREHER, Martin N. **Breve história do ensino privado gaúcho**. São Leopoldo: Oikos, 2008.

ERRANTE, Antoinette. Mas Afinal, A Memória é de Quem? Histórias Oraís e Modos de Lembrar e Contar. **Revista História da Educação**, Pelotas, v. 4, n. 8, jul./dez., 2000.

EVOLUÇÃO ADMINISTRATIVA. Atlas socioeconômico do Rio Grande do Sul. Apresentação. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <<https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/evolucao-administrativa-1809-a-2013>>. Acesso jan. de 2021.

FERREIRA, Luiz Fernando. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano v, n. 9, p. 65-83, jul./dez., 2000.

FOUCAULT, Michel. De Outros Espaços. Trad. Pedro Moura. **Diacritics**, Baltimore, v. 16, n. 1, 1986. Disponível em: [https://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Foucault-De\\_Outros\\_Espacos.pdf](https://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Foucault-De_Outros_Espacos.pdf). Acesso em: 02 nov. 2020.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. (Pensadores & Educação).

GONÇALVES, Janderson Alex de Oliveira. **Memórias Geográficas**: as cinco peles do pai bitu – São Francisco de Paula/RS. Dissertação (mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

GRAZZIOTIN. Luciane Sgarbi Santos. **Memória recompondo tempos e espaços da educação - Bom Jesus/RS (1913-1963)**. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos. Instituições escolares e cultura escolar na pauta acadêmica: um breve recorrido a modo de prefácio (décadas de 1990-2010). *In: História e Historiografia da Educação no Rio Grande do Sul*: instituições, culturas e práticas educativas [recurso eletrônico]. RIPE, Fernando; SOUZA, José Edimar de; OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de (orgs.). Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencour. **Romagem do**

**tempo e recantos da memória:** reflexões metodológicas sobre História Oral. São Leopoldo: Oikos, 2012.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi; KREUTZ, Lucio. Processo de escolarização e formação docente dos professores nas antigas colônias de imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul -1920 a 1940. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 8., 2010, São Luís do Maranhão. Anais... Infância, juventude e relações de gênero. São Luís do Maranhão: Amaury D'Avila, 2010. p. 1-18.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite:** Território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos:** o breve século XX – 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

IBGE, 2020. **Panorama das cidades Brasileiras:** São Francisco de Paula. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/sao-francisco-de-paula/panorama>. Acesso em 07 maio 2020.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, n. 1, jan./jun., 2001.

KLEIN, Ana Quezia Roldão da Silva. **Alfabetização na perspectiva de gênero em São Francisco de Paula/RS:** uma análise dos censos demográficos brasileiros (1920-2010). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2016.

KREUTZ, Lúcio. Escolas de imigrantes em contexto de formação do Estado/Nação no Brasil. In: III Congresso Brasileiro de História da Educação. Curitiba: PUCRS, 2004.

KRONE, Evander Eloí. **Identidade. Identidade e cultura nos Campos de Cima da Serra (RS):** práticas, saberes e modos de vida de pecuaristas familiares produtores do queijo serrano. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, jan./abr., 2002.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Paris: Éditions Anthropos, 2006.

LEFEBVRE, Henri. Perspectivas da sociologia rural. In: MARTINS, J. de S. (org.). *Introdução crítica à sociologia rural.* São Paulo: Hucitec, 1986. p. 163-177.

LIMA, Sandra Cristina Fagundes. Eu aprendi e ensinei também ao mesmo tempo: professores leigos na história da escola rural. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 27, n. 65/1, p. 405-423, maio/ago. 2018.

LUCENA, Plínio Andrade de. **Monografia**. São Francisco de Paula, RS, 1971.

LUZ, João Hecker. Jacob Kroeff – Jacob Kroeff Filho – Jacob Kroeff Netto: O Hoteleiro, O coronel, O intendente. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010

MAGALHÃES, Justino Pereira. **Tecendo nexos**. Bragança Paulista: Ed. São Francisco, 2004.

MANFROI, Pedro Reinaldo Cipriani. **O Território do Outro: O Escolão Kelphas e as migrações regionais para Novo Hamburgo (1980-2000)**. Dissertação (mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. O conceito de espaço rural em questão. **Terra Livre**, São Paulo, Ano 18, n. 19, p. 95-112 jul./dez. 2002.

MARTINS, Daniela Maria Barreto. A tessitura intersubjetiva dos entre-lugares: o que pode um grupo. **Realis**. Revista de Estudos Anti Utilitarista e Pós Coloniais. Vol. 1. N°1, jan-jun 2011.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. *In*: Arantes, O. (org.) **O espaço da diferença**. Campinas: Papius, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2018.

MELCHIADES, Carlos Eduardo Ferreira. **Mapeamento do patrimônio arqueológico do Rio Grande do Sul: um ponto, uma linha e um horizonte**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MENEGAS, Danúbia Pinto. **Abordagem sobre o Manejo de Pragas na produção do Rincão dos Kroeff, São Francisco de Paula, RS**. Monografia (Especialização em Meio Ambiente) - Programa de Pós Graduação em Agronomia, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MORAES, Amaury César. Sociologia no Ensino Médio: o estranhamento e a desnaturalização dos fenômenos sociais na prática pedagógica. *In*: MORAES, Amaury César (org.). **Sociologia**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino – Sociologia: ensino médio). Disponível em: <https://escsunicamp.wordpress.com/author/lavorinimoretti/>. Acesso em 16 de ago. de 2019.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. Instituições escolares: por que e como pesquisar. In: SANTOS, Ademir Valdir dos; VECHIA, Arclé (orgs.). **Cultura Escolar e História das Práticas Pedagógicas**. Curitiba: UTP, 2008.

NONENMACHER, Gabriel. **Acervo digital postado no Wikiloc em 2015**. Disponível em: <https://pt.wikiloc.com/trilhas-off-road/rolante-sao-chico-via-quebra-cabo-gn-11065544/photo-6701939>. Acesso em 02 fev. de 2020.

NÖRNBERG, Nara. **Aprendiz de professor de borboletas no espaço/tempo da memória - (re)conhecendo trajetórias de docentes na Educação Rural**. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

OAKES, Timothy. Place and the paradox of modernity. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 87, n. 3, p. 509-531, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatagy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, A. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História, São Paulo, n. 14, p 25-39, 1997.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2016. p. 103- 131.

SCOTT, Parry. Gênero e Geração em contextos rurais: algumas considerações. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Orgs.). **Gênero e Geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010.

SILVA, Iva da Silva. **Páginas da História**: São Francisco de Paula. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editora, 2017. 214p.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção - 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHELBAUER, Analete Regina; SOUZA, José Edimar de. Atuação docente no meio rural: cultura e práticas escolares. *IN*: CHALOPA, Rosa Fátima de Souza; CELESTE FILHO, Macioniro; MESQUITA, Ilka Miglio de (ORG.). **História e memória da educação rural no século XX**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020, p. 363 - 398.



SCHNEIDER, Sergio; RADOMSKY, Guilherme F. W. Evolução demográfica e ocupacional da população do Rio Grande do Sul. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, V. 23, Número Especial, p. 669-694, 2002.

SOUZA, José Edimar de. **Trajetórias de professores de classes multisseriadas: Memórias do Ensino rural de Novo Hamburgo/RS**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

SOUZA, José Edimar de; GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos. Estratégias de práticas rememoradas nas trajetórias de professores na área rural de Novo Hamburgo/RS (1940-1993). **MÉTIS: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 13, n. 25, p. 161-178, jan./jun. 2014.

SOUZA, José Edimar de; DUARTE, Ariane dos Reis. O ensino no meio rural: Grupo Escolar Madre Benícia. IN: GRAZIOTTIN; Luciane Sgarbi Santos, ALMEIDA, Doris Bittencourt (orgs.). **Colégios elementares e grupos escolares no Rio Grande do Sul: memórias e cultura escolar – séculos XIX e XX**. p. 192-213. São Leopoldo: 2016

TARTARUGA, Ivan Gerardo Peyre. **O orçamento participativo de Porto Alegre – Lugar e Território do cidadão?** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

TEIXEIRA, Maria Lúcia da Silva. **São Francisco de Paula: nossa terra, nossa gente**. Porto Alegre: M.L.S.T/Evangraf, 2002.

TEIXEIRA, Bruno Moraes. **Proibição da queima do campo, solução ou problema? Impactos socioeconômicos, socioculturais e ambientais no município de São Francisco de Paula**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tecnologia em Planejamento e Gestão para o desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

TELLES, Vera da Silva. Transitando na linha de sombra: tecendo as tramas da cidade. In: OLIVEIRA, F.; RIZEK, C. (Org.) **A era da indeterminação**. São Paulo: Boitempo, 2007. p.195-218

THOMSON. Alistair. Reconstituo Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias. **Proj. História**. São Paulo, (15), p. 51-84. Abr:1997.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Hobbit**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TUAN, Yu-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Sistemas educativos, culturas escolares y reformas**. Madrid: Ediciones Morata, 2006.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Culturas escolares y reformas (sobre la naturaleza histórica de los sistemas e instituciones educativas). **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, 2000.

WERLE, Flávia Obino Corrêa; METZLER, Ana Maria Carvalho. Contextos, institucionalização e práticas pedagógicas em Escolas Normais Rurais. *In*: WERLE, Flávia Obino Correa. **Educação Rural**: práticas civilizatórias e institucionalização da formação de professores. São Leopoldo: Oikos, 2010, p. 15-52.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática da pesquisa. *In*: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de Vilela, Rita Amélia Teixeira (orgs.) **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 287 - 309.

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: *UMA ESCOLA NO RINCÃO: Memórias do Ensino Rural em São Francisco de Paula/RS (1968-1998)* de Leonardo Moura Campani, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Luciane Sgarbi S. Grazziotin. O objetivo do estudo é: construir uma narrativa sobre a história da educação rural no Rincão dos Kroeff, em São Francisco de Paula/RS, a partir das memórias de docentes que tenham lecionado na escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Gastão Englert, dentre os anos de 1968 a 1998. Os procedimentos metodológicos se concentrarão na História Oral a partir de entrevistas semiestruturadas com docentes que tenham lecionado no distrito, como também se utiliza da Análise Documental Histórica a partir de documentos selecionados ao longo do processo de pesquisa. Ressalva-se que o material coletado para esta pesquisa servirá apenas para fins de estudo, pois, na perspectiva da História Oral o depoimento do entrevistado é considerado como documento histórico. Esse posicionamento baseia-se em estudos realizados no Brasil e por autores internacionais. Assim, por se tratar de pesquisa historiográfica, ou seja, que produz uma narrativa sobre determinadas práticas em um período do tempo, informa-se que a identidade do entrevistado será revelada, se esse estiver de acordo e ciente que o estudo não proporciona nenhum constrangimento para seus participantes. Sempre que julgar necessário você poderá solicitar informações sobre o andamento da pesquisa e/ou seus resultados pelo e-mail [lmcampani@gmail.com](mailto:lmcampani@gmail.com) e pelo telefone 51-998899184. Enfatiza-se novamente que o presente estudo trata-se de uma pesquisa historiográfica e não apresenta nenhum tipo de risco ou dano aos seus participantes. Ressalva-se também que você poderá desistir do estudo a qualquer momento.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Nome	Assinatura do Participante	Data
Nome	Assinatura do Pesquisador	Data

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: *UMA ESCOLA NO RINCÃO: Memórias do Ensino Rural em São Francisco de Paula/RS (1968-1998)* de Leonardo Moura Campani, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Luciane Sgarbi S. Grazziotin. O objetivo do estudo é Construir uma narrativa sobre a história da educação rural no Rincão dos Kroeff, em São Francisco de Paula/RS, a partir das memórias de docentes que tenham lecionado na escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Gastão Englert, dentre os anos de 1968 a 1998. Os procedimentos metodológicos se concentrarão na História Oral a partir de entrevistas semi-estruturadas com docentes que tenham lecionado no distrito, como também utiliza-se da Análise Documental Histórica a partir de documentos selecionados ao longo do processo de pesquisa. Ressalva-se que o material coletado para esta pesquisa servirá apenas para fins de estudo, pois, na perspectiva da História Oral o depoimento do entrevistado é considerado como documento histórico. Esse posicionamento baseia-se em estudos realizados no Brasil e por autores internacionais. Assim, por se tratar de pesquisa historiográfica, ou seja, que produz uma narrativa sobre determinadas práticas em um período do tempo, informa-se que a identidade do entrevistado será revelada, se esse estiver de acordo e ciente que o estudo não proporciona nenhum constrangimento para seus participantes. Sempre que julgar necessário você poderá solicitar informações sobre o andamento da pesquisa e/ou seus resultados pelo e-mail [lmcampani@gmail.com](mailto:lmcampani@gmail.com) e pelo telefone 51-998899184. Enfatiza-se novamente que o presente estudo trata-se de uma pesquisa historiográfica e não apresenta nenhum tipo de risco ou dano aos seus participantes. Ressalva-se também que você poderá desistir do estudo a qualquer momento.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

<i>Margarete de Fatima Hazzerman Grassmann</i>	<i>MG</i>
Nome	Assinatura do Participante
<i>Leonardo Moura Campani</i>	<i>LL</i>
Nome	Assinatura do Pesquisador
	<i>13/01/2021</i>
	Data

\*Devido ao contexto de pandemia do COVID-19, os entrevistados Alda Zacarias da Silva e João Zacarias da Silva gravaram sua concordância em participar da pesquisa via áudio e se comprometeram a enviar posteriormente o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.

## APÊNDICE B – ESCOLAS DE SÃO FRANCISCO DE PAULA EM 2018

Escola	Localização	Distrito	Administração	Distância da Sede	Nº de alunos em 2018
EMEF Engenheiro João Magalhães Filho	Urbana	Sede	Municipal	X	164
EMEF Presidente Castelo Branco	Urbana	Sede	Municipal	X	563
EMEE Dr. Angelo Athanásio	Urbana	Sede	Municipal	X	36 (Educação Especial)
EMEF Professora Ursulina Paglioli de Lucena	Urbana	Sede	Municipal	X	42 (pré ao 5º ano)
EMEI Vô Benvinda	Urbana	Sede	Municipal	X	158
EMEI Nossa Senhora do Rosário	Urbana	Sede	Municipal	X	130
EMEI Professora Mercedes Nelly Gardey	Urbana	Sede	Municipal	X	163
Colégio Estadual José De Alencar	Urbana	Sede	Estadual	X	879
EEEF Antonio Francisco da Costa Lisboa	Urbana	Sede	Estadual	X	568
EEEF Monsenhor Armando Teixeira	Urbana	Sede	Estadual	X	363
EEEF Orestes Leite	Urbana	Sede	Estadual	X	233
EEEF Professor Adelino de Souza	Urbana	Sede	Estadual	X	301
Colégio Expressão	Urbana	Sede	Privada	X	127
Escola De Educação Infantil Educare	Urbana	Sede	Privada	X	X
Escola De Educação Infantil Risco E Rabisco	Urbana	Sede	Privada	X	X
EMEF Bento Egídio Rodrigues	<b>Rural</b>	Juá	Municipal	110km (1h 35 min)	26 (do pré ao 5 ano)
EMEF D. Pedro I	<b>Rural</b>	Lajeado Grande	Municipal	77km (1h)	105
EMEF Engenheiro Carlos de Moraes	<b>Rural</b>	Cazuza Ferreira	Municipal	114km (1h47min)	49
EMEI General Daltro Filho	<b>Rural</b>	Tainhas	Municipal	46,6km (40 min)	17
EMEF Gastão Englert	<b>Rural</b>	Rincão dos Kroeff	Municipal	37km (55 min)	98
EEEM Lajeado Grande	<b>Rural</b>	Lajeado Grande	Estadual	76km (1h)	307
EEEF Padre Ritter	<b>Rural</b>	Cazuza Ferreira	Estadual	114km (1h 47 min)	126
EEEF Cristino Ramos	<b>Rural</b>	Eletra	Estadual	21km (21 min)	76
EEEF José Silva Lima	<b>Rural</b>	Cazuza Ferreira	Estadual	114km (1h47min)	19 (1º ao 5º ano)
EEEF Olímpio Soares Pinto	<b>Rural</b>	Tainhas	Estadual	35km (31min)	139
EEEF Professor Sebastião Amoretti	<b>Rural</b>	Sede	Estadual	11km (15 min)	24 (1º ao 5º ano)